

Universidade Federal de Alagoas
ICS – Instituto de Ciências Sociais
PPGS – Programa de pós-graduação de Sociologia

Victor Hugo Nicacio Ferreira

Redes Cômicas: engajamentos e fluxos de significados em torno do Meme

Maceió – 2019

Victor Hugo Nicacio Ferreira

Redes Cômicas: engajamentos e fluxos de significados em torno do Meme

Dissertação apresentada ao programa de pós-graduação em sociologia pela Universidade Federal de Alagoas como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre.

Orientador: Dr. Paolo Totaro

**Catálogo na fonte
Universidade Federal de
Alagoas Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico**

Bibliotecário: Marcelino de Carvalho Freitas Neto – CRB-4 – 1767

F383r Ferreira, Victor Hugo Nicácio.
Redes cômicas : engajamentos e fluxos de significados em torno do meme /
Victor Hugo Nicácio Ferreira. – 2020.
119 f. : il. color.

Orientador: Paolo Totaro.
Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal de Alagoas.
Instituto de Ciências Sociais. Programa de Pós-Graduação em Sociologia. Maceió,
2019.

Bibliografia: f. 116-119.

1. Memes. 2. Web 2.0. 3. Redes sociais - Participação social. I. Título.

CDU: 316.6:004.738.5



Ata nº 02 da Sessão da Defesa Pública Remota de Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Alagoas.

Em **vinte e sete de dois mil e vinte**, às nove horas, através da conexão via Skype, constituiu-se de forma remota a banca examinadora da dissertação de mestrado do aluno **Victor Hugo Nicácio Ferreira**, intitulada: **Redes Cômicas: engajamentos e fluxos de significados em torno do meme**. Vinculada à linha de pesquisa “Corpo, cultura e conhecimento”.

A cerimônia de defesa pública, apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de mestre em Sociologia teve banca examinadora remota conexão via Skype composta pelos professores doutores: **Paolo Totaro (PPGS/UFAL) orientador, mas representado pelo Prof.º Dr. Fernando de Jesus Rodrigues (PPGS/UFAL) presidente da banca, examinador externo o Prof.º Dr. Moacir Carvalho Oliveira (PPGCS/UFRB) e como examinador interno o Prof.º Dr. João Vicente Barroso da Costa Lima (PPGS/UFAL)**.

Procedeu-se a arguição por meio de tecnologia a distância via Skype, finda a qual os membros da banca emitiram parecer eletrônico, onde foi lido e decidido por unanimidade pela:

Aprovação (X); Aprovação com reformulações () ; Reprovação ().

Comentários e Reformulações Indicados pela Banca Examinadora:

A banca julgou que a dissertação cumpre os requisitos mínimos para aprovação, requerendo pequenos ajustes para a entrega final. Entre elas, definir conceitos que estão subentendidos e não explicitados. Correções de ortografia são recomendadas.

Para constar, lavrou-se a presente ata que vai assinada digitalmente pelos membros da Banca Examinadora que participaram via Skype, apensando os pareceres eletrônicos e por mim, Edna da Silva Gomes, Assistente em Administração do PPGS.

Maceió, 27 de março de 2020.

Assinaturas

1. (representando o Prof. Paulo Totaro)

2.

3.

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer primeiramente aos meus pais por proporcionar um teto, comida, roupa, internet, compreensão e muito amor na minha trajetória acadêmica, fazendo-me notar o conjunto de privilégios que me possibilitaram chegar a esse momento, assim como minha noiva Edisangela Marta da Silva Santos, pelo acolhimento nas horas difíceis, conversas sem pressa e incentivos amontoadas de carinho. Aos meus amigos e amigas que sempre me ajudaram e proporcionaram diálogos interessantes, mesmo sobre as coisas que aparentam não ter importância, essas foram essenciais para minha saúde mental, são os amigos do Mestrado: Roberta Bastos, Weldja, Diogo, Fabio Poeta, Fellipe, Adson, Moises; e os amigos da vida: Izabela de Freitas Braz, Taciana Kelly da Silva, Lidivânia Carvalho Peixoto, Claudia Fonseca, Maria Mariana Felix, Hadassa Karolina.

Agradeço ao meu orientador Paolo Totaro, que tem muita paciência com meus erros sintáticos, e que realmente selecionou e orientou os aspectos positivos e negativos da minha pesquisa, prestando grande auxílio para o encaixe de ideias e práticas que proporcionaram a pesquisa, assim como todos os professores do ICS ou outras instituições que me ajudaram com conversas informais, palestras, aulas e encontros, gostaria de citar João Bittencourt, Claudia Mura, Elder Maia, João Vicente, Evelina, Nádia, dentre muitos outros.

Fico grato pela Universidade Federal de Alagoas e todos que lutam para manter as universidades públicas funcionando em seu regime de excelência, pois sem universidade e instituições públicas de ensino não estaria redigindo isto, assim como milhares de pessoas não seriam cientistas nesse país, o desenvolvimento da ciência e consequente autonomia política, econômica e cultural do Brasil só é possível com investimento maciço na ciência e no compartilhamento e distribuição do conhecimento que está produz, repudio assim toda forma que busque retirar direitos e privatizar esse conhecimento, negando aos que não tem teto, comida, e o que vestir acesso a esse universo.

Por fim fico grato a CAPES (Coordenação de aperfeiçoamento de pessoal de nível superior) pelo financiamento da minha pesquisa de Mestrado, mediante o pagamento de bolsa, sem o qual seria impossível continuar, e as pessoas que se dispuseram a serem entrevistadas e terem sua privacidade invadida por esse pesquisador.

Resumo

A presente pesquisa busca analisar o Meme por estudantes universitários, através de entrevistas, assim como acompanhamento on-line, e relacionar isto a mudanças estruturais na configuração social atual explorando as diferenças durante a produção, consumo e compartilhamento dos Memes. Consta de uma análise teórica e de um estudo empírico. Na análise teórica, investigamos os elementos fundamentais do humor, da Web 2.0 e dos processos que proporcionaram o engajamento on-line; no estudo empírico, através de entrevistas e observação On-line dos estudantes universitários investigamos os padrões de comportamento pelos quais os Memes são desenvolvidos e vivenciados. Metodologicamente utilizamos inicialmente alguns elementos do pensamento de Norbert Elias para aprofundar a sociogênese dos processos que constroem o Meme; a seguir aprofundamos a análise pela ajuda de Manuel Castells, para problematizar e compreender a formação da internet, a crise da democracia representativa e seus efeitos; uma análise do neoliberalismo é desenvolvida a partir de Foucault, bem como Empoli nos ajuda a aprofundar os mecanismos pelos quais os algoritmos influenciam na formação de extremismos e dependência de reconhecimento nas redes. Com isso problematizamos as noções de consciência prática e discursiva, história, relações de poder, redes de interdependências, posições na partida, jogos e suas regras, reflexividade e figurações. Dessa forma, tentamos reelaborar a discussão de modo que abarque tanto o movimento interacional como a dinâmica das transformações dos processos sociais que cercam a experiência humana em torno do Meme e sua relação com a subjetividade e gramáticas morais diversas, numa metodologia cíclica que parte da observação macro para micro e vice versa, observando os padrões que se repetem nessas dimensões. Por fim procuramos encontrar conexões entre o jogo de ocultamento e revelação e as variáveis classe, idade, e reflexividade dos Universitários, assim como corpo e monitoramento da reflexividade se interdependem numa relação contraditória em que as emoções tornam o Meme um modo de comunicar mais palatável, mesmo em relação a gramáticas morais divergentes, contribuindo para entender por que o modo de comunicar pelo Meme é uma das principais maneiras de expressão do início do século XXI.

Palavras-chave: Meme; Reflexividade; Web 2.0; Engajamento.

Abstract

The present research seeks to analyze the Meme by university students, through interviews, as well as online monitoring, and to relate this to structural changes in the current social configuration, exploring differences during the production, consumption and sharing of Memes. Through a theoretical analysis, we investigate the fundamental elements of humor, of Web 2.0, of the processes that provided online engagement; and empirical through interviews and online observation of college students as behavior patterns through Meme are developed. Methodologically, we initially used some elements of the thought of Norbert Elias to deepen the sociogenesis of the processes that build the Meme, then we deepen the analysis in Manuel Castells, to problematize and understand the formation of the internet, the crisis of representative democracy and its effects, and the neoliberalism based on Foucault, in Empoli we have deepened the notion of how algorithms influence the formation of extremisms and dependence on recognition in networks. With this, we problematize the notions of practical and discursive conscience, history, power relations, networks of interdependencies, positions in the game, games and their rules, reflexivity and figurations. In this way, we try to re-elaborate the discussion in such a way that it encompasses both the interactional movement and the dynamics of the transformations of social processes that surround the human experience around the Meme and its relationship with subjectivity and diverse moral grammars, in a cyclical methodology that starts from observation macro to micro and vice versa, observing the patterns that are repeated in these dimensions. Finally, we seek to find connections between the game of concealment and revelation and the variables class, age, and reflexivity of the University students, as well as the body and monitoring of reflexivity are interdependent in a contradictory relationship in which emotions make Meme a more palatable way of communicating, even in relation to divergent moral grammars, contributing to understand why Meme's way of communicating is one of the main ways of expression of the beginning of the 21st century.

Keywords: Meme; Reflexivity; Web 2.0; Engagement.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 01	23
FIGURA 02	23
FIGURA 03	24
FIGURA 04	24
FIGURA 05	26
FIGURA 06	27
FIGURA 07	27
FIGURA 08	27
FIGURA 09	27
FIGURA 10	27
FIGURA 11	33
FIGURA 12	33
FIGURA 13	36
FIGURA 14	58
FIGURA 15	58
FIGURA 16	59
FIGURA 17	59
FIGURA 18	62
FIGURA 19	62
FIGURA 20	63
FIGURA 21	65
FIGURA 22	65
FIGURA 23	66
FIGURA 24	66
FIGURA 25	71
FIGURA 26	71
FIGURA 27	74
FIGURA 28	74
FIGURA 29	77

FIGURA 30	77
FIGURA 31	78
FIGURA 32	78
FIGURA 33	84
FIGURA 34	84
FIGURA 35	89
FIGURA 36	89
FIGURA 37	89
FIGURA 38	89
FIGURA 39	91
FIGURA 40	91
FIGURA 41	94
FIGURA 42	94
FIGURA 43	95
FIGURA 44	96
FIGURA 45	96
FIGURA 46	99
FIGURA 47	99
FIGURA 48	99
FIGURA 49	99
FIGURA 50	99
FIGURA 51	99
FIGURA 52	103
FIGURA 53	103
FIGURA 54	103
FIGURA 55	103

SUMÁRIO

Introdução.....	09
CAPÍTULO 01: Não era só um Meme?	14
1.1 Interdependências em rede	18
1.2 A ferramenta Elisiana para compreender o Meme	19
1.3 Como aprendemos a rir do que não sabemos?	46
1.4 O que se pode dizer sobre Universitários e o Meme	51
CAPÍTULO 2: A arte de propagar engajamento	56
2.1 Engajamento a partir das emoções	64
2.2 Neoliberalismo e a arte de engajar	79
CAPÍTULO 03: O Meme Universitário	87
3.1 O imaginário no Meme universitário.....	94
3.2 Teses Mélicas	106
CONSIDERAÇÕES FINAIS	113
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	115
REFERÊNCIAS ELETRÔNICAS	118

Introdução

Esse trabalho pretende fornecer um panorama geral da natureza dos elementos que compõem o humor na internet em formato de Meme¹. Recortamos o caso entre os estudantes universitários no espaço temporal que se estende de 2018 à 2020, ao mesmo tempo abordamos processos históricos e socioeconômicos anteriores a essa escala de tempo. Nesse momento traçamos uma diferença também metodológica, estabelecemos uma comparação entre universitários que possuem possibilidades de crescimento econômico e social diferentes². Com isto busco restringir os problemas que uma investigação muito expansiva proporcionaria. Pois os Memes não são consumidos, produzidos e compartilhados apenas por um setor da sociedade, encontramos essa manifestação comunicacional em quase todas os círculos, grupos e classes. Desse modo a pesquisa não possui pretensões de explicar o fenômeno Meme em suas múltiplas variáveis e os efeitos que possui nos diferentes personagens envolvidos, apenas, a partir dos universitários e suas redes, compreender como o humor distribui significados na internet e como esses significados afetam práticas, crenças, relações micro e macrossociológicas.

A análise do fenômeno será dada pela utilização do humor em suas variadas aparições e formatos, tentando estabelecer os elementos primordiais que o compõem através de diversas figurações e tempos não para um objetivo meramente ilustrativo, mas para fornecer pistas para os usos atuais e para enfatizar seu caráter inerentemente social, múltiplo e polimorfo. Em segundo momento procuro compreender como a Web 2.0 exerce grande influência social, e modifica a forma como as pessoas se relacionam nos dias atuais, fornecendo, dessa maneira, elementos sociais ainda inéditos na história da

¹ O termo Meme apareceu e se popularizou na obra do escritor Richard Dawkins, em 1976, quando escreveu no livro "The Selfish Gene" (O Gene Egoísta), que numa analogia com o gene, ou seja, um elemento biológico que se reproduz conforme ocorre cruzamentos genéticos, o Meme refere-se a uma unidade de informação cultural que por sua vez também se reproduz conforme modifica-se a sociedade, perpetuando de forma rápida, múltipla, e imitativa idéias, preceitos, conceitos, informações das mais variadas ordens. Esse termo gerou o campo do saber denominado Memética. Também o Meme possui origem grega, que significa imitação, o termo foi ressignificado com o advento da internet para todo enunciado em formato de vídeo, foto, imagem, com conotação humorística frase que viralize, ou seja, torne-se difundido rapidamente e alcance grande popularidade.

² As possibilidades que marcam essa diferença são diversas, desde renda familiar, capital social, capital político familiar, tempo livre, estereótipos e nível de consumo. Por isto, a apreciação de classes sociais no Brasil tem que se inserir nas trajetórias de vida, pois, apenas uma análise mais precisa acerca das possibilidades de crescimento e ascensão de classe permitiria delimitar o ponto de partida que cada universitário investigado parte.

humanidade, pelo fato de que o consumo midiático é realizado, majoritariamente, pelas mesmas pessoas que as consomem na internet (MARTEL, 2015). Com isto investigo como a relação cotidiana, face a face ou off-line, assim como em redes sociais virtuais, estabelece uma nova forma de sociabilidade que altera de modo permanente percepções, processos e práticas sociais.

Por meio de Norbert Elias, traço uma série de discussões sobre como podemos entender os componentes que definem a configuração social atual. Dessa maneira, temos cinco itens primordiais a serem explorados para este fim: relações de poder; história; regras do Jogo; posição na partida; e rede de interdependências (ELIAS, 1980). À medida que aprofundamos a análise em torno desses elementos o fenômeno Meme torna-se mais acessível enquanto objeto de investigação sociológica, e os processos sociais que dinamizam e transformam a realidade ficam mais claros, isto torna esse fenômeno menos enigmático e as convergências tanto de processos históricos socioeconômicos como da interação pelo Meme mais compreensíveis. Utilizamos assim um aspecto do pensamento Elisiano como ferramenta, para apreender aspectos micro e macro desta nova figuração social, sem ambicionar toda sua complexidade e reverberações.

Resumindo, o objeto da presente investigação é: A produção, consumo, e compartilhamento de conteúdo humorísticos (Memes) por universitários, marcados por diferenças socioeconômicas e subjetivas. As perguntas que guiam teoricamente e epistemologicamente a pesquisa por meio de entrevistas e análises da vida virtual dessas pessoas, são: a) Como as performances Mémicas estão ligadas a cada um dos elementos propostos pelo mecanismo de apreensão da figuração social em Elias; b) Até que ponto jogo das interações Memicas possuem uma lógica reflexiva sofisticada, porém não imune a variados processos sociais, culturais, econômicos e psicológicos que modificam a forma de perceber a vida social, como a de redes de pessoas e grupos mais distantes.

A circulação que acompanha os assim denominados Memes, por estudantes, influencia aspectos de sociabilidade, e são uma importante fonte de fluxos que regulam identidades (MININNI, 2008). Através da observação percebe-se que a consumir um Meme, o indivíduo também se apropria de sentidos e gramáticas morais (HONNETH, 2003), ou seja, da produção de sentidos e valores construídos de modo interacional e estrutural, que demonstram a extensão e substância das palavras referentes ao entendimento, por vezes singular, por vezes compartilhado, de sua ética e moral. Esses aspectos subjetivos, acerca da interação com a alteridade, envolvem processos de

interdependência coletivos que legitimam fronteiras e tendências culturais que, por sua vez, são utilizadas como estoque de atribuição de sentidos para o convívio social. Nessa perspectiva busco analisar, no contexto maceioense, os estudantes universitários ativos na era da WEB 2.0 que inclui, na formação do conteúdo, os processos de interatividade, próprios dos aplicativos de relacionamento. A lógica da rede, marcada pela propagabilidade ao invés da lógica midiática da expansão impulsionada e direcionada para a propaganda vertical, faz com que os usuários customizam o conteúdo do qual se deleitam, de forma horizontal, alterando toda forma pela qual marcas, artistas, empresas, causas e ideias relacionam-se com seu público (JENKINS, FORD, GREEN, 2014).

O engajamento do consumidor é a principal marca da Web 2.0, conseqüentemente, também, seu maior elemento de incertezas e adaptações. (JENKINS, FORD, GREEN, 2014). Dessa maneira utilizo o método comparativo para estabelecer conexões e chaves interpretativas, principalmente em torno das diferenças socioeconômicas, estabelecendo assim uma distinção entre estratos sociais para perceber de que maneiras os conteúdos humorísticos atravessam diferentes trajetórias de vida e de classe na constituição das identidades, e performances dessas pessoas.

Possuem acesso à internet em casa, segundo pesquisa da PBM (pesquisa brasileira de mídia) de 2018, desenvolvida pela secretaria especial de comunicação social da presidência da república, 67% da população brasileira, sendo que 20% da população total utiliza a internet do vizinho, e 76% da população brasileira utiliza internet de alguma forma, desses, 89% consome internet todos os dias, e 75% utiliza redes sociais virtuais, 9% participa de lista de discussão, fóruns e debates, e 7% de microblogues. A força da Web 2.0 aparece quando 74% dos que utilizam internet no Brasil compartilharam algum tipo de conteúdo na Web, e dos que possuem internet, 97% usa Smartphones. Dito isto a Web apresenta-se como fonte constitutiva para formulação interpretativa do imaginário coletivo brasileiro, por mais variado e amplo que esse imaginário se apresente atualmente. Portanto, a consequência direta é que o imaginário da sociedade brasileira está sendo modificado e influenciado diariamente pelo ambiente virtual.

A constituição desse imaginário não é de todo homogênea, mas sim marcada por diversas clivagens e posições sociais, movimentos e fluxos culturais. Escolho os estudantes universitários para analisar a produção de sentido, pois se presume que por idade e tipo de ocupação, esse segmento da população brasileira participe do ambiente digital, inclusive pela própria exigência de interação nas redes acadêmicas virtuais.

No primeiro capítulo busco aprofundar a metodologia, pois uma investigação sobre o cômico, em particular em relação à internet, se apresenta bastante escorregadia. É necessária uma abordagem que permita observar os vários elementos de forma separada, e em outro momento traçar suas relações e redes de interdependências. O cômico é onipresente na vida cotidiana, isso mesmo antes do Meme, através de diversas formas de humor, como a ironia, sarcasmo, sátira, nonsense, em diversos formatos como piadas, comentários, gestos, trocadilhos e imitações. Movimentam a vida de pessoas comuns, as vezes em tom beligerante, outras expressando sentimentos coletivos de solidariedade e vigilância, por vezes como modo de compensar uma realidade, a substituindo pelas incongruências de um momento ou invertendo toda a racionalidade normativa que ansiamos em controlar. O cômico possui duas características que de um modo ou de outro o perpassa, segundo Peter L. Berger: a brevidade, e a incongruência. Contudo, para esse autor algo mais se sobressai na natureza dos diversos tipos de riso, sua universalidade é composta pela própria contradição da suspensão da realidade, e por isto mesmo o riso é um importante componente que seduz, e redime os atores sociais (BERGER, 2017).

Desde o seu início, a internet, segundo Castells (2001), advém de uma cultura Hacker, mas também dependente de formas de controle e interesses de oligopólios midiáticos, corporativos, financeiros ou estatais. A internet sempre esteve relacionada a duas formas de processos sociais, o primeiro é a tentativa de grandes interesses em controlá-la, desde estados autoritários e democráticos, a mídia, empresas corporativas, mercado financeiro e grupos políticos. Todos tentam controlar e estabelecer sua influência, poder sobre a rede mundial e o fluxo de informações, bem como seus conteúdos que circulam na nuvem; o segundo ponto refere-se a cultura Hacker, que nasceu com a internet, assim como a fundamentou, através do compartilhamento de códigos fonte abertos, até a construção coletiva de programas que facilitaram e construíram a internet como a conhecemos, defendendo a liberdade e o compartilhamento de informações para o aprofundamento da própria democracia e contra elementos que busquem o autoritarismo na rede (CASTELLS, 2001).

Também pode-se notar o surgimento de um indivíduo cada vez mais autônomo, marcado por processos de individuação, ou seja, um aprofundamento da reflexividade e subjetividade, no entanto, alimentado por uma forte dependência dessa identidade por sua rede, um assim denominado narcisismo de massa (EMPOLI, 2019). Na sociedade digital

a construção identitária é suscetível de fluxos culturais (HANNERZ, 1997) diversos e descolados de uma identidade nacional, privilegiando aspectos regionais, étnicos, de grupo e globais, numa bricolagem de sentidos, estéticas, perspectivas e sentimentos que fornecem papéis adaptáveis às situações cotidianas. Assim uma identidade formada por fluxos culturais maleáveis e com forte potencial para se moldar a situações diversas é construída no interior da subjetividade, tanto para servir funcionalmente nas redes cognitivas do nosso inconsciente, como para as redes sociais, virtuais ou não. Em outras palavras, em comparação a outras épocas, o sujeito autônomo, está menos dependente da formação identitária nacional, ou mesmo subjugada a ela, e se constrói a partir de redes transnacionais, assim como regionais, e culturais com pouca relação de dependência com o Estado ao qual faz parte (CASTELLS, 2006). Esse processo de desenrijecimento identitário, ajudou a possibilitar o surgimento de redes virtuais que formaram movimentos sociais autônomos, com um modo organizacional que vai além das instituições estatais, mas que, de qualquer forma, se desenvolve numa complexa rede de dependência com a localidade, o mercado e as próprias instituições do Estado e que se nutre em muitos momentos por memes, gerando mecanismos tanto de manipulação como de controle (CASTELLS, 2013).

Para o segundo capítulo se optou em expandir os limites empíricos, já que não se trata, apenas, de um fenômeno com reverberações locais, apesar de guardar algumas especificidades. A maior parte dos Memes possuem impactos e geração de significados no âmbito nacional. Para compreender esse fenômeno buscou-se os processos que constroem o engajamento on-line, discutindo assim os algoritmos que influenciam na produção de sentimentos coletivos e uma busca por reconhecimento, os variados formatos de Memes que são próprios desse processo, a formação de grupos ideológicos que utilizam determinado tipo de Meme em sua batalha pela disputa de sentidos On-line, e como o neoliberalismo engendra um papel muito além do econômico e político na sociedade atual, gerando pela concorrência uma série de práticas e formas de pensamento que influenciam diretamente o processo de engajamento nas redes sociais, assim como certa influência na produção, consumo e compartilhamento de Memes.

No terceiro capítulo faremos uma análise das entrevistas, bem como o acompanhamento dos entrevistados no ambiente on-line, através do método comparativo entre as respostas, por intermédio da atribuição e construção de sentidos pelos estudantes, e a comparação com seus comportamentos on-line, obviamente respeitando os limites de

privacidade colocados pelos próprios entrevistados. Com isto, poderemos explorar as atribuições de sentido em dois espaços diferentes, aumentando o nível comparativo para encontrar uma interpretação adequada a esses movimentos. Por isto investigo grupos, páginas, e Tweets mais populares em redes de universitários, nos espaços locais e nacionais que disseminam Memes, procurando compreender a partir da análise teórica os padrões mais recorrentes em torno desse conjunto de elementos, reforçando o arcabouço empírico do fenômeno Meme, e como o Macro e micro se interdependem nesses processos que associam corpo, mente e condições objetivas. Para ilustrar a análise e argumentações, todos os Memes expostos nesse trabalho foram retirados ou dos perfis dos estudantes entrevistados, ou das páginas que eles informaram preferir para o consumo e compartilhamento Mémico.

Capítulo 1

Não era só um Meme?

Como compreender as minúcias do pensamento, das disposições, das interações que movem os estoques de saber, reflexões e gramáticas morais para jogar o jogo comunicacional, próprio da vida social, que se desenvolve por meio do Meme? Apesar de se situar como um modo de comunicação excepcionalmente recente, levando-se em conta o tempo histórico, o meme é um modo de comunicar intenso, viral e potencialmente particular, principalmente observando toda a simbologia e capilaridade que possui na sociedade brasileira assim como em boa parte do planeta.

As perguntas que considero ponto de partida para dar justificativa e mesmo orientação a esta pesquisa, além de destrinchar o que pode ser denominado como as características fundamentais do Meme são: afinal do que é composto esse fenômeno? Que faz com que em quase todas as rodas e círculos de conversa, virtualmente ou numa interação corporificada face a face, se faça presente, resistente, e constante esse tipo de comunicação?

O Meme, primordialmente, é uma montagem de palavras, imagens ou/e vídeo, de uma forma que expresse uma mensagem cômica, e que de um modo ou de outro traduza uma lógica frente a uma incongruência, muito próprio do nonsense, grotesco,

ironia, sarcasmo ou mesmo a demonstração da contradição do outro. Pode inclusive transfigurar-se numa autodepreciação. Ou seja, o humor em toda sua imensidão de formas, aparece e dá vida ao(s) enunciado(s) que constrói o Meme. Dessa maneira, o Meme enquadra-se em qualquer contexto e pode ser utilizado nos mais diferentes espaços virtuais, através do humor e a síntese de imagens, palavras ou/e vídeos.

Portanto, o Meme é uma forma de expressar o humor característico da vida social contemporânea, marcada pela incrível cumplicidade entre a realidade On-line e Off-line que torna as fronteiras cada vez mais turvas entre essas dimensões. As referências mais estimulantes acerca do humor estão associadas, na maior parte dos casos, a algum Meme ou conjunto de Memes. Por exemplo, Memes genéricos que se adaptam a quase todos os contextos, como o clássico vídeo: “Já acabou Jessica” ou da “Barbie de direita, ou de esquerda” que servem a públicos distintos e estão sujeitos a uma série de adaptações para funcionar como dispositivos de deslegitimação de um determinado grupo ou mesmo do próprio agente comunicante, ou seja, do próprio ser que compartilha a mensagem.

No entanto, a assim chamada natureza do humor e sua notável plasticidade em ser funcional a diversas sociedades, e em processos históricos distintos, demonstra sua especificidade conforme o tempo que se apresenta e os processos que constituem esse determinado tempo. Por exemplo, durante a história o humor já serviu para “o bobo da corte” dizer tudo aquilo que ninguém dizia para o soberano (nobre ou rei), representando assim uma revolta velada, que servia ao mesmo tempo ao soberano, como forma para expandir sua percepção, como para divertir e fornecer uma espécie de catarse aos processos de dominação da época (MINOIS, 2001).

Também temos o humor filosófico na Grécia antiga dos “Céticos”, pelos quais a experiência humana é uma peça ridícula realizada por loucos, e aos sensatos resta o riso frente a contemplação dos absurdos humanos; os Cínicos entendem o riso como uma função corretiva para dissolver as normas sociais e reencontrar os verdadeiros valores; já os Pitagóricos e os Estoicos percebem no riso uma blasfêmia diante de um universo divino; os Platônicos e os Aristotélicos buscam controlar o riso para fazer dele um agente moral (ridicularizando os vícios), assim como o procuram como dispositivo que gera conhecimento (despistando o erro pela ironia), também o consideram bem vindo para fins recreativos, todavia o excluem da religião e da política, pois consideram essas duas áreas como fundamentais e o riso tende a desvalorizar ou desprestigiar tal conhecimento. Cada uma dessas posturas filosóficas refletia sobre a realidade e tomava perante o mundo uma

postura e uma conduta que se utilizava do cômico ou mesmo refletia sobre ele como estratégia para lidar com o mundo (MINOIS, 2001).

Na idade média ocorreu em determinada fase uma demonização do riso, assim o riso foi considerado proibido ou mesmo perigoso; em outra fase o riso serviu, na mesma idade média, para festividades, e de forma obrigatória foi funcional para nobres expressarem seus interesses como grupo, assim como fortaleceram uma ideia de distinção frente a outras classes; na renascença o riso serviu para contestar o modo de vida aristocrático, a igreja e valores da época (MINOIS, 2001).

Dessa maneira o humor se apresenta de forma não estagnada, mas processual e sempre relacional; serve para diferentes fins e bem regularmente relaciona-se a paixões, emoções e análises, ingenuamente, atribuídas a obras racionais da consciência que visariam a minimizar os riscos e a maximizar os ganhos. Todavia, na nossa sociedade informacional e globalizada, marcada por uma rede de interdependências mobilizadas segundo relações de poder (ELIAS, 1980), é como se jogássemos um jogo do qual sabemos a regra e dispomos de estratégias cada vez mais sofisticadas para vencer, mas sem termos ideia para que e para quem esse jogo serve. Muito menos sabemos precisar quem começou o jogo, pois, este não tem uma origem específica, nem seu lugar no tempo e espaço, pois se todo seu processo social fosse desnudo, claro e de fácil contemplação e absorção, ele perderia em legitimidade. Apenas o jogo ao qual se atribui “naturalidade”, como se existisse desde sempre e não fosse uma construção social, é coletivamente envolvente sem algum tipo de contestação que o desconstrua. Assim uma naturalização do real, excluem da percepção as variadas figurações em metamorfose que convergem para o estado atual do jogo, produzindo uma falsa sensação de estagnação, estruturação e consolidação, mesmo durante um processo profundo de mudança normativa e nova elaboração de significados na imaginação coletiva.

Como observa Norbert Elias:

Até agora, a história não tem sido mais do que um cemitério de sonhos humanos. Os sonhos realizam-se muitas vezes a curto prazo; contudo, no seu longo curso, parecem sempre acabar esvaziados de toda a substância, sendo, portanto, destruídos. A causa é que esperanças e objetivos a alcançar estão de tal forma saturados de fantasia, que o atual curso de acontecimentos na sociedade lhes desfere golpes consecutivos e o choque com a realidade revela sua irrealidade, como sonhos que são. A esterilidade particular de muitas análises de ideologias resulta da tendência para as considerarmos basicamente como estruturas

racionais de ideias, coincidindo com atuais interesses de grupos. A sua carga de afetividade e de fantasia, a sua falta egocêntrica ou etnocêntrica de realidade é omitida, pois presumimos que elas são uma camuflagem calculada para um conteúdo altamente racional. (ELIAS, 1980, p. 30)

Para não deslizar, através de fantasias sobre o funcionamento da realidade, principalmente quando a realidade em questão é tão escorregadia e pouco explorada pelas pesquisas sociais como é a influência dos Memes, procuro uma observação mais restrita, limitando a um grupo específico de pessoas (os universitários) a influência da produção, consumo e compartilhamento de Memes sobre o registro de suas subjetividades. Dessa forma, espero que seja possibilitado enxergar, em comparação aos efeitos encontrados em um universo empírico mais geral, uma avaliação mais precisa dos mecanismos e processos que o humor na internet em formato de Memes suscita.

Utilizarei estudantes universitários como grupo principal de análise por dois motivos: primeiramente a maioria dos universitários estão em contato constante com as redes sociais virtuais, tanto para a permanência na vida acadêmica, como para a comunicação na sua vida ordinária, fomentando assim a formação de redes tanto profissionais como afetivas, mesmo com clivagens sociais relacionados a orientação sexual, identidades de gênero, cor, classe, etnia. A presença da internet, e uma rede de contatos, é fundamental e inevitável para a dinâmica desse grupo. O segundo ponto é a disponibilidade nessa faixa etária - predominantemente composta por jovens adultos - para uma vida On-line mais movimentada com atores em diferentes posições sociais e dessa maneira interrelacionada com grupos distantes de sua vivência Off-line³.

Explorei através de entrevistas suas trajetórias de vida, além de acesso a suas gramáticas morais, crenças e experiências. No viés On-line busco um acompanhamento de suas vidas e interações através de Memes. A investigação se concentra em grupos, fóruns, blogs de estudantes universitários em diversos aplicativos, tanto para alunos das redes privadas de ensino universitário, como as estaduais e federais localizadas em Maceió. Deste modo procuro expandir as observações do objeto de estudo e aumentar a representatividade dos dados coletados, e conseqüentemente, a confiabilidade dos resultados, assim como, possibilitar um aprofundamento da comparação entre os atores envolvidos.

³ On-line se refere a vida compartilhada e experimentada por meio da internet, já o termo Off-line designa todo modo de vida humanos desligados da internet.

Com isto tento abarcar essas duas dimensões (On-line e Off-line) numa comparação constante de suas atividades através de diferenças de classe, mas também observando as étnicas, ideológicas e derivantes de crenças. Observo o marcador de classe, principalmente, por entender que no Brasil é uma das clivagens mais significativas. Inclusive, trata-se de um marcador que se entrelaça com a sistemática desigualdade referente a cor da pele, pois a pele negra é majoritariamente identificada com as classes mais baixas, também em termos de valor estético e simbólico de desprestígio perante o tecido social brasileiro. Classe e raça, em conjunto, representam fatores que delimitam, assim uma série de privilégios e fardos sociais, com negros em sua maioria pobres, e brancos em sua maioria de classe média e ricos (SOUZA, 2009). Com esse sistema de comparações pretendo explorar as tensões, diferenças, e semelhanças entre classes, tanto para compreender melhor uma parte do Brasil, como analisar os registros que se apresentam, e traçar com isto possíveis interpretações de como o Meme e o riso na internet traduzem uma série de disposições, interdependências que articulam sentidos e processos formadores de um imaginário compartilhado ou não, construindo clivagens, e a influência deles frente a uma identidade desenvolvida sobre uma economia informacional e globalizada.

1.1 Interdependências em rede

Com o aparecimento da Web 2.0, marcada pela produção de conteúdo pelos seus próprios consumidores através dos diversos aplicativos de relacionamento, blogs, Youtubers, sites e grandes plataformas de produção da informação em comum, como, por exemplo, o Wikipédia, os conteúdos humorísticos demonstraram grande influência na formação dos discursos, até mesmo gerando narrativas (FOUCAULT, 2008) através dos Memes. Dessa forma, as ideologias aprofundam sua capacidade de penetração através de atribuição de significados numa relação com a alteridade, seja de forma de um reconhecimento negativo ou positivo sobre o outro. (HONNETH, 2003).

Em Axel Honneth (2003) observa-se a apreciação do conflito em três esferas de interação intersubjetiva ou reconhecimento intersubjetivo, o primeiro sendo um conceito de amor que transcende o aspecto conjugal romântico e estende-se a toda relação de amizade, parentesco, carência e afins. Trata-se de um reconhecimento que passa através de um processo de separação eu/objeto, para em sequência perceber o outro com afetividade transcendendo assim para um recíproco “estar consigo mesmo no outro”. O

segundo se dá através do reconhecimento jurídico que ocorre pelo processo de formação de direitos coletivos, referente a todos, e a atribuição de propriedades coletivas, isso por intermédio de um processo de reconhecimento de um sujeito coletivo por outro. O terceiro reconhecimento está relacionado com a estima social, referentes a uma valorização positiva de características biográficas, que surgem do elemento de ser imputável. Essas diretrizes do reconhecimento estão entrelaçadas entre si, à medida que se uma está deficitária ou maximizada, a outra esfera de reconhecimento sofre o mesmo efeito. Trata-se de interdependências mútuas que podem gerar processos de degradação, privação de direitos, violação, desrespeito e depreciação da identidade pessoal num efeito cascata interrelacionado entre as três esferas.

A utilização da Web 2.0 não é apenas um processo pontual, descolado do conjunto de mudanças estruturais da vida das pessoas, mas afeta a forma como as pessoas se relacionam com a mídia em geral, e torna a formação identitária mais relacional e interativa. Isto não é uma prerrogativa de uma classe social no Brasil, contudo existem variadas formas de interação com a Web 2.0. Assim uma abordagem mais estreita sobre os hábitos e padrões de consumo de Memes alargaria o entendimento sobre a capacidade de influência e as transformações que isso engendra na vida cotidiana dos universitários, assim como no conjunto da população.

As relações de interdependências traçadas entre pessoas On-line e Off-line não possuem divisões claras. Pode-se dizer inclusive que através de um processo de rememoração as duas dimensões estão produzindo uma razão interativa, em que a rede de hiperlinks e a própria essência da Web 2.0 criam uma participação compulsiva que atravessa o On-line e Off-line. A lembrança do Meme movimenta conversas, afetos e posicionamentos dos mais diversos. Essas questões incidem sobre o imaginário dos Universitários aqui analisados. Constituem narrativas ainda incipientes em sua constituição estrutural, mas que de forma, ao mesmo tempo sutil e efetivas, são legitimadas no imaginário compartilhado pelas diversas comunidades On-line e Off-line vivenciadas pelas pessoas que consomem um mesmo Meme, ou um conjunto de distribuidores de Memes em comum.

1.2 A ferramenta Elisiana para compreender o Meme:

Usando as indicações metodológicas de Norbert Elias (1980, 1998, 1990), cinco procedimentos precisam ser mobilizados no começo da análise do Meme para perceber, ou minimamente, lançar pistas sobre qualquer modo de configuração social: o primeiro é

apreender as relações de poder, ou seja, analisar como os diversos atores que compõem o cenário constitutivo do Meme, interagindo através deste como modo de comunicação, demonstram e agem continuamente sobre relações de dominação, correlação de forças, e poder.

A questão que se coloca em primeira análise é como a produção de um Meme está destinado a um fim, apesar de não se desenvolver na direção desse fim, pois com o aparecimento da Web 2.0 a internet torna-se plural e com essa pluralidade de consumidores constituindo a compósita multidão dos produtores de conteúdo. As plataformas necessárias, tanto para a produção como para o consumo de Memes ocorrem em forma de redes sociais, produzidas com algoritmos intrinsecamente preocupados mais em viabilizar sua plataforma digital, e facilitar maneiras lucrativas de jogar o jogo de uma economia de mercado, do que qualquer outra coisa. Mesmo numa configuração aparentemente mais democrática, é hegemônico o interesse dos donos dos algoritmos para gerar uma correlação de forças que distribui desigualmente recursos entre os atores. Por exemplo, o Facebook possui um algoritmo na sua constituição que facilita e direciona estatisticamente a promoção de alguns produtos conforme o interesse particular de cada um de seus consumidores associando palavras chaves em conversas aparentemente privadas, mas na realidade totalmente disponíveis aos oligopólios das redes sociais virtuais. Estamos falando aqui de 1 bilhão de pessoas, apenas no Facebook (MARTEL, 2015).

Outro exemplo interessante para perceber o poder de penetração de grandes interesses, e como essa distribuição de poder está baseada em relações de dominação, é o caso da empresa Cambridge Analytica⁴ que comprou dados de 87 milhões de usuários do Facebook, sem prévia autorização de seus membros. Com esses dados a empresa Cambridge Analytica criou um perfil dos eleitores norte-americanos, com precisão matemática, viabilizando assim a eleição de Donald Trump para presidente dos EUA. Através de notícias falsas, ou com ênfases distorcidas, e como principal recurso o direcionamento personalizado das informações, para gerar medo ou ódio em grupos sensíveis a determinados temas e em muitos casos em formados de Memes, manipulou as emoções coletivas de forma personalizada, gerando de fato uma rede com características psicossociais favoráveis a seus interesses. A saída do Reino Unido da União Europeia foi outra campanha realizada por essa empresa, assim como tantas outras

⁴ Empresa Britânica criada em 2013, especializada em mineração de dados e análise de dados.

eleições pelo mundo⁵ (EMPOLI, 2019). Esses exemplos demonstram a fragilidade das democracias liberais e do Estado-Nação frente ao poder e concentração de dados em alguns oligopólios da era informacional, assim como a nova figuração de consumo midiático próprio da Web 2.0.

Esses algoritmos limitam até que ponto a liberdade das escolhas? Ou em que medida os Memes são direcionados para certas pessoas para atender certos interesses de mercado, e interesses políticos? Até onde vão os mecanismos, aparentemente imparciais, de distribuição de recursos para se navegar em determinada plataforma digital? São perguntas ainda sem uma resposta clara, e processos de dominação são verificáveis na manipulação afetiva de informações, entendendo aqui por manipulação afetiva aquela que direciona sentimentos coletivos para um determinado objetivo. Um dos mais notáveis exemplos são as assim denominadas fake News, ou melhor, notícias propagadoras de desinformação, sejam elas para fins políticos, ou mercadológicos. As fake News possuem uma estreita relação com os Memes, pois ou são em si um Meme, ou reproduzem a mesma forma de comunicar: a montagem de imagens, vídeos e enunciados textuais, com o objetivo de passar uma mensagem, as vezes com tons cômicos, as vezes em tons de uma mensagem direta e isenta de uma dose humorística mais evidente. Essas mensagens encontram-se no limite entre o Meme e a notícia, confundindo-se em muitos momentos. Cada vez mais a notícia procura imitar o Meme como forma de comunicar, isso se deve claramente a sua facilidade em dialogar com essa nova forma de sociabilidade virtual, cada vez mais apressada e montada por hiperlinks como demonstra Frédéric Martel (2015).

O Facebook foi condenado a pagar uma multa de cinco mil milhões de dólares pela gestão abusiva da privacidade dos utilizadores⁶. Contudo, formas semelhantes de aplicação dos dados dos usuários foram sentidas em outras eleições, talvez por outras organizações, ou as mesmas. De todo modo, para fins dessa análise vale apontar como a eleição para presidente do Brasil de 2018 foi marcada por uma tática semelhante de profusão de notícias falsas contra adversários do presidente eleito Jair Bolsonaro, através de notícias que apresentavam todos os elementos que constituem o Meme, como o humor

⁵ Informações extraídas, principalmente, do documentário: Privacidade Hackeada. Disponível na plataforma streaming Netflix.

⁶ Extraído do site de notícias: EURONEWS. Em 13-07-2019, No endereço eletrônico: <https://pt.euronews.com/2019/07/13/facebook-condenado-a-multa-recorde-por-partilha-de-dados>

em forma de ironia ou ataque, ou mesmo em forma de grotesco⁷ e escatológico⁸, reduzindo o outro a algo do tipo, e negando toda forma de reconhecimento a essas pessoas. Tudo isso indica como essa rede de interesses entre oligopólios, políticos, grupos de extrema direita e empresas que difundem Memes-Notícias com dados de usuários de grandes aplicativos está ativa e em pleno funcionamento.

Essa semelhança entre o Meme e a notícia, por vezes em forma de Fake News (notícias falsas), é ponto fundante na análise, pois, apresenta-se como fator recorrente na comunicação dos estudantes Universitários, mas não só deles. Podemos dizer que atualmente, no Brasil, o Meme é uma das principais fontes de informação nas redes sociais. Ele é adotado também por outros setores, como pela imprensa tradicional e grandes oligopólios midiáticos, mas na Web o formato e os conteúdos dos Memes-notícias não são produzidos majoritariamente pela mídia corporativa tradicional, detentora das grandes redes televisivas e jornais tradicionais, mas pela mídia alternativa e pelos próprios usuários. Portanto, são elaborados, compartilhados ou customizados por pessoas ordinárias, na forma bem típica da Web 2.0.

Contudo, esse movimento espontâneo é explorado por grupos de pressão e de interesse. Esse jogo complexo que envolve as disputas midiáticas acaba por constituir relações de poder, como acontece na polarização entre setores conservadores e progressistas que dominam grande parte da produção, consumo e compartilhamentos de Memes. Um exemplo são os grupos políticos financiados por grandes empresários nacionais e internacionais como MBL (Movimento Brasil Livre)⁹. Esse grupo e alguns

⁷ Grotesco é percebido aqui como algo semelhante ao bizarro, aquilo que causa repulsa ao mesmo tempo que atrai em forma de riso, algo que causa descontinuidade de formas e desequilíbrio de alguma forma, o esquisito ou estranho.

⁸ Escatológico tem aqui o significado daquilo que causa nojo, repulsa ou mesmo ódio mantendo por meio do Meme a apreciação de algo nojento que produz riso, tendo o outro como alvo por sua incapacidade de manter-se limpo, ou mesmo rindo da sua própria sujeira.

⁹ Grupo político cuja origem vêm de Think Thanks neoliberais que se espalharam pelo mundo. Cujo conteúdo conservador nos costumes e ultraliberal na economia firmou-se no Brasil. Com as jornadas de junho de 2013 esses grupos não puderam ir as ruas financiados com dinheiro estrangeiro por conta da constituição brasileira. Foi por esse motivo que o MBL foi criado, para fazer parte dos movimentos que foram as ruas em 2013, dessa vez financiados só por empresas nacionais. A principal tática desses grupos, não só no Brasil como no mundo foram as redes sociais virtuais. No Brasil sua tática se mostrou influente nas eleições de 2014, 2016 e 2018. Inclusive com líderes desses movimentos tornando-se deputados federais e estaduais. Esse grupo utiliza de grandes fake News produzidas para desacreditar seus adversários, sejam artistas, intelectuais, movimentos sociais, a própria mídia, e políticos considerados de esquerda. Com o surgimento desses grupos ocorreu uma convergência de interesses, em que alas conservadoras e liberais da sociedade brasileira encontraram um local bem estruturado na Web 2.0 para se desenvolver, a partir de diversas páginas de Memes. A notícia-Meme-fake foi o principal capital político que movimentou o Brasil, principalmente em grupos de WhatsApp, desenvolvidos em muitos casos por páginas ligadas ao MBL e agências contratadas para esse fim. Ver mais em: Artigo publicado originalmente nos Anais do XII

outros possuem táticas parecidas para monopolizar a narrativa na Web 2.0. Num primeiro momento esses grupos filtram as páginas de Memes que possuem mais popularidade ou estão em crescente popularidade e se mostram promissoras. O segundo passo é a compra dessas páginas, até então produzidas por pessoas comuns sem interesses partidários definidos. O terceiro, é a disseminação de Memes com conteúdo direcionado para a criação de narrativas ao gosto dos interesses dessas redes. Em sua maioria o conteúdo é conservador nos costumes, e liberal ou ultraliberal na economia. Em paralelo a essa tática a infiltração em diversos grupos de WhatsApp populares também se tornou parte importante nessa operação. Essa estrutura de informação e desinformação guarda semelhanças ideológicas com a caça aos comunistas no Brasil no período da Guerra Fria, e do Regime Militar brasileiros, e encontra sua origem mais antiga no Macarthismo dos anos 1950, em que uma campanha anticomunista e contra a qualquer movimento mais progressista se firmava no Brasil com a influência política e financeira dos EUA (Estados Unidos).

Figura 01



Fonte: MBLivre (Instagram)

Figura 02



Fonte: MBLivre (Instagram)

Encontro Internacional da ANPHLAC. Ver no endereço eletrônico: <https://voyager1.net/politica/atlas-network-conexoes-ultraliberiais-nas-americas/>

Ver também em: https://www.vice.com/pt_br/article/xwj374/como-o-mbl-monopolizou-as-fabricas-mematicas-de-direita-no-brasil?fbclid=IwAR0sWF7Khkf7-ptly3fjBbY09Dqm5

Acima observamos dois Memes do MBL no Instagram com forte conotação política, a figura 01 representa o presidente da Venezuela, Nicolas Maduro, numa montagem, em que o presidente Venezuelano aparece tocando e cantando, e em letras sobrepostas uma crítica a crise econômica Venezuelana em que falta papel higiênico para a população, com a intenção de satirizar os governos ditos de esquerda no mundo, em especial na Venezuela; já na Figura 02 observamos um Meme ironizando a mobilização da esquerda brasileira, como dois gatinhos preguiçosos que são muito atuantes apenas nas redes sociais indiretamente, como também serve de propaganda do filme produzido pelo MBL: “Não vai ter golpe”, que utiliza esse jargão da esquerda durante o impeachment/golpe da presidenta Dilma Rousseff.

Grupos mais progressistas, apesar de não gozar de recursos financeiros, estão encontrando na Web 2.0 maior espaço para uma contraofensiva, criando variadas páginas, blogs, sites, e youtubers que utilizam a mesma forma de comunicação através do Meme-notícia, e grupos de WhatsApp. Eventualmente, também utilizando de fake News para se contrapor aos grupos mais conservadores. Como é próprio da Web 2.0 as pessoas comuns não são meros expectadores nessa polarização, ao contrário do que acontecia antes do surgimento desse tipo de comunicação (Meme-notícia, ou Meme-crítica), as pessoas se colocam enquanto militantes virtuais, dispensando grande parte de seus dias para o compartilhamento e difusão de sua opinião em formato de Memes-notícias e Memes-críticas.

Figura 03



Fonte: Grupo da UFAL (facebook)

Figura 04



Fonte: Acervo histórico (facebook)

A figura 03 representa em forma de sátira o ministro da economia, Paulo Guedes, do governo nacional-populista de Jair Bolsonaro, em sua tentativa de aprovar a reforma da previdência, de forma lúdica apresenta os diversos outros gastos que poderiam ser analisados e que beneficiam banqueiros, invés de uma reforma que prejudicaria a aposentadoria dos brasileiros; na figura 04 apresenta uma foto satirizando atores políticos de direita, num jantar patrocinado pelo cartão corporativo da presidência da república enquanto parte dos brasileiros sofrem com o aumento no preço da carne.

Pode-se indagar também em que medida alguns agentes coletivos com maiores recursos tanto materiais quanto simbólicos, ou que concentrem mais capital social, ganham já na largada, no jogo dos Memes. Como ficou exposto mais acima os grupos conservadores mais estruturados como MBL, e com recursos mais vastos, oferecem munição comunicacional ampla para essa tensão. Portanto, aqui encontramos diversas relações de poder, ainda pouco exploradas na sociologia, sobre essa configuração específica, que tende a atravessar outras práticas. Contudo, mesmo os atores no ponto máximo de poder e capacidade de influenciar outros atores não tomam suas atitudes de modo totalmente racional, muito menos com capacidade absoluta de controle sobre os outros agentes. De fato, sempre há de existir uma margem de incerteza e incoerência, ou

aparente incoerência no modo que a vida social se desenvolve e previsões sociais tendem a falhar, ou mesmo serem baseadas em fantasias produzidas pela ansiedade, causadas por sua vez pela ausência de controle em toda profusão de informações, crenças, valores e necessidades práticas. O Meme é campo fértil para esse tipo de prática, já que a ambiguidade do humor ajuda a ausência de evidências e fatos na formação de um discurso coerente e convincente, e a profusão de informações gera, em combinação a isto e a Web 2.0, a sua profusão mais clara: a pós-verdade.

A pós-verdade foi a palavra do ano eleita pela Oxford Dictionaries em 2016¹⁰. Seu significado definido por esta instituição da Universidade de Oxford é um substantivo “que se relaciona ou denota circunstâncias nas quais fatos objetivos têm menos influência em moldar a opinião pública do que apelos à emoção e a crenças pessoais”. Acompanhamos essa definição, pois explica claramente a relação entre Web 2.0, Memes, Memes-notícias, Fake News e uma noção de realidade mais validada pela crença do que por evidências objetivas.

Figura 05



Fonte: Twiter do Eduardo Bolsonaro

A figura 05 expressa o Meme-notícia, pois foi veiculado inicialmente como uma notícia e depois desmentido pelo próprio autor da postagem, que é uma figura política importante nacionalmente, pois é o filho do presidente com participação constante na gestão presidencial, além de ser deputado federal. Depois de ser acusado de mentir na

¹⁰ Ver na matéria de jornal Nexo, cujo endereço eletrônico é: <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2016/11/16/O-que-%C3%A9-%E2%80%98p%C3%B3s-verdade%E2%80%99-a-palavra-do-ano-segundo-a-Universidade-de-Oxford>

postagem, e receber uma série de críticas, Eduardo Bolsonaro afirmou que se tratava apenas de uma brincadeira, e todo mundo sabia disso, pela montagem grosseira. Esse exemplo demonstra como uma notícia contendo ironia pode servir para informar, ou melhor, desinformar para atingir determinado apelo no significado. Em forma de ironia, Eduardo Bolsonaro quis reforçar que a ativista ambientalista Greta Thunberg por trás de seu discurso de sustentabilidade se esbaldava no seu café da manhã enquanto crianças passam fome do lado de fora do trem.

Uma série de respostas também em formato de Memes surgiram para ironizar a família Bolsonaro, assim como para rir do absurdo de uma montagem grosseira de imagens que a situação apresentava. O Meme pode se replicar e multiplicar significados que extrapolam o significado inicial, expressando assim o rir por rir, ou por vezes uma crítica sutil, sutil ao ponto de que não se percebe se é ironicamente, rir de quem emite o Meme e seu significado, ou um riso arbitrário da incongruência que situações absurdas, e claramente inverídicas apresentam. Esse tipo de riso, por vezes, é o que mais recebe atenção, profusão, e legitimidade por expressar uma certa incoerência infalível para provocar o riso e força em sua sedução para com o absurdo.

Figura 06



Fonte: Revista Forum (Google)

Figura 07



Fonte: Museu de Memes

Figura 08



Fonte: Museu de Memes

Figura 09



Fonte: Museu de Memes

Figura 10



Fonte: Museu de Memes

O segundo ponto elencado por Elias é a história, ou seja, que processos foram formadores e contribuíram significativamente para o cenário atual de coisas. Assim, temos que considerar o que possibilitou o aparecimento e surgimento dos Memes, e em que base se deram esses elementos. Temos que buscar as evidências de maior relevância histórica que fundamentam, evidenciam e ajudam a compreensão do aparecimento da internet, e como ela se deu na sociedade brasileira, e o aparecimento nela dos Memes.

O sociólogo espanhol Manuel Castells nos ajuda a compreender a formação da internet nesse ponto. Para o surgimento de um sistema que permite a diferentes dispositivos digitais se integrarem numa rede de comunicação mundial, foi necessário o

aperfeiçoamento da tecnologia de microchips, assim como do sistema de fibra ótica e por fim o desenvolvimento da tecnologia por satélites. Essas três tecnologias desenvolvidas em contextos diferentes possuíram no seu germe o financiamento estatal para fins militares, no contexto da guerra fria em que os EUA queriam afirmar sua hegemonia militar e tecnológica frente a URSS (União Soviética). Contudo, os atores que desenvolveram essa tecnologia vieram do ambiente acadêmico, de prestigiosas universidades americanas. Esses professores e estudantes de pós-graduação, utilizaram do compartilhamento de informações entre seus pares, assim como entre outros atores, desafiando a estrutura militar de sigilo tecnológico. Através de códigos fonte abertos, diversos outros integrantes da rede de cientistas interagiram e criaram diversas tecnologias que facilitaram o surgimento e o aperfeiçoamento da internet como a conhecemos hoje.

O que Castells denomina de cultura Hacker seria um valor pela liberdade, frente a qualquer tipo de autoritarismo, seja estatal ou do mercado. Esse valor ainda está presente em diversas formas, há Hackers que divulgam informações sigilosas de seus governos poderosos, arriscando a própria vida e liberdade para o direito inalienável do cidadão ao direito a verdade. Ou grupos ativistas que organizam diversas formas de protesto e se rebelam contra o controle da internet e dos dados contra corporações e grandes empresários do setor tecnológico.

Todavia não podemos, apenas, nos concentrar em torno da história da internet, pois esta representa somente o ambiente digital do Meme. Vale salientar também em que local geográfico e tempo estou considerando o Meme. Aqui colocamos o Brasil, em especial Maceió, capital de Alagoas. Como percebemos, as pessoas em rede transcendem suas fronteiras espaciais, porém, nem tanto suas fronteiras linguísticas. Memes na maior parte das vezes não se restringem ao um município ou Estado. Contudo estão mais conectados a pessoas de uma mesma língua, geralmente nutrindo uma rede relacionada a um Estado Nação. Não se trata de uma regra absoluta, mas de uma tendência em que a maior parte de significados através dos Memes se expressa.

Por isto, aqui cabe uma reflexão sobre a história do Brasil, com toda sua complexidade, sobre aquilo que nos marca de múltiplas formas enquanto indivíduos que compartilham diferentes redes e registros, mas ainda assim, constituindo algo que nos identifica, para além da burocracia e legitimidade jurídica no que diz respeito a nacionalidade. A criação dos processos que formaram e produziram nossas instituições, tanto quanto o imaginário coletivo, como a sociedade civil organizada, ou os diversos

movimentos sociais de todos os tipos que nos atravessaram, constroem o conglomerado de pessoas que se reconhecem por um sentimento de pertencimento quanto ao que é ser brasileiro. Nós brasileiros, por exemplo, ostentamos, talvez para nós mesmos, o título de melhores criadores de Memes do mundo. O humor, a zombaria, e tudo que faça rir é um elemento do qual nos orgulhamos. Talvez nessa pesquisa fique um pouco mais claro, a medida que avançamos, o porquê desse orgulho, ou mesmo dessa valorização da tragédia enquanto piada orgulhosa sobre nossa própria identidade.

Para o sociólogo Jessé de Souza (2018)¹¹, sua tentativa de compreender o país, vai além de considerar aspectos específicos ou acontecimentos pontuais de nossa história em busca de algum grande insight, que explique a totalidade cultural e social da nação. Mas analisa a grande instituição que estruturou esse país de todas as formas, tanto em relação a processos sociais diversos como seu enquadramento e percepção diante do que é e o que representa ser o centro ou periferia do capitalismo como um todo. Essa instituição é a escravidão, que mesmo abolida norteia grande parte dessa configuração centro e periferia dentro do capitalismo financeiro e monopolista modernos. Portanto sua grande pergunta parte de como e por que a nossa gritante desigualdade social, essa clara marca do País, era considerada questão insipiente, secundária, frente a questão central da corrupção trazida pela lógica patrimonialista no Brasil.

Jessé traça assim uma dura crítica a intelligentsia brasileira, desde Sergio Buarque de Holanda, a Raymundo Faoro, Roberto Da Matta, Fernando Henrique Cardoso etc. por perceberem o Brasil em seu aspecto mais culturalista, o que ele chama de culturalismo conservador. Ele apresenta esse conceito através dos diversos registros culturais pelos quais foi veiculado, como o homem dócil do Sérgio Buarque e o complexo de vira-lata do Roberto Da Matta que percebia os brasileiros quase como incapazes de uma institucionalização moderna e desprovida de capacidade em separar o público do privado, como se nos países que tivessem interiorizado a modernidade do sistema capitalista isso evaporasse.

Jessé chama esse culturalismo promovido pelas intelligentsias brasileiras e internacionais como uma falsa superação do racismo científico, advindos de teorias

¹¹ Ver em Jessé de Souza. Subcidadania brasileira: para entender o país além do jeitinho brasileiro. Rio de Janeiro: LeYa, 2018.

eugenistas¹² e afins, pois serve as mesmas questões do racismo científico. Como escreve Jessé:

Quando se apela para o estoque cultural – e não mais para a cor da pele, branca ou negra – a fim de se explicar o comportamento diferencial de indivíduos ou de sociedades inteiras, temos sempre um aspecto central dessa ideia que nunca é discutido ou percebido: seu racismo implícito. Minha tese é que o nosso pensamento social muda o racismo explícito da cor da pele para um racismo implícito, e por conta disso torna-se muito mais perigoso. Onde reside o racismo implícito do nosso culturalismo? Ora, precisamente no aspecto central de todo racismo, que é a separação ontológica entre seres humanos de primeira classe e seres humanos de segunda classe. Assim, racismo é não apenas a separação dos seres humanos por raças distintas, mas qualquer separação que construa uma distinção ontológica, independente da experiência concreta, entre os seres humanos. (SOUZA, 2018, p.10)

Dessa maneira, o culturalismo, que essencializa todo um povo pela categoria do homem cordial, em que não compreende muito bem onde acaba a amizade e começam as questões públicas, tratando tudo com a familiaridade, sem saber distinguir público do privado, sempre emotivo, por esse aspecto cultural, torna-se patrimonialista em seu “jeitinho”. Em contraposição a isto surge uma visão liberal conservadora do protestante Estadunidense como o ser humano realmente adaptado a realidade econômica moderna e liberal, que sabe diferenciar o público do privado e busca o trabalho árduo e duro, com uma noção clara de desenvolvimento econômico baseado no contrato e o peso da lei. Por isto mais uma vez Jessé lembra como essa interpretação do país serviu bem a uma fração da elite econômica brasileira, pois:

(...) agora na versão “vira-lata” de Buarque, torna-se a versão oficial do liberalismo conservador brasileiro. Essa visão absurda e servil do brasileiro como lixo do mundo, que retira a autoestima e a autoconfiança de todo um povo, só logrou se tornar a ideia hegemônica entre nós porque se traduz em dinheiro e hegemonia política para a ínfima elite do dinheiro que nos domina há séculos. Essa ideia possibilita a união do desprezo das elites internacionais em relação a periferia do capitalismo, com o desprezo das elites nacionais pelo seu próprio povo. É apenas porque a sociologia do vira-lata serve como uma luva para a legitimação dos interesses econômicos e políticos dessas elites, o que explica que ela tenha se tornado a interpretação dominante da sociedade brasileira para si mesma até hoje. (SOUZA, 2018, p. 15)

¹² As teorias Eugenistas pressupunham uma diferença fisiológica entre brancos e negros, o que supostamente explicaria suas diferenças comportamentais e de inteligência. Com os negros considerados uma raça inferior, enquanto os brancos uma raça mais inteligente e menos propensa a instintos animais. Essa teoria foi desacreditada entre os cientistas, pois seus experimentos continham fraudes em diversos aspectos e sua empiria baseava-se em pressupostos epistemológicos e técnicos falsos.

Seguindo essa interpretação, o brasileiro percebe-se como inferiorizado perante outras sociedades. Isso fornece uma pista do porquê de tantos Memes no Brasil serem autodepreciativos, principalmente quando se referem a uma ideia de coletividade ou mesmo às instituições públicas. Isto fornece uma gama de significados que buscam desprestigiar e inutilizar a política em geral, assim como os brasileiros em geral, incapazes de fugir da sanha da corrupção patrimonialista. O famoso “jeitinho brasileiro” estende-se como a única característica realmente predominante para diversas explicações sobre o País, mesmo baseando-se numa elaboração política e ideológica que busca essencializá-lo, apesar de seus vários e diferentes registros simbólicos e culturais. Parece difícil escapar dessa concepção do povo brasileiro, em particular frente aos sucessivos casos de corrupção descobertos e vivenciados, os quais na realidade representam uma clara herança coronelista e da política populista e paternalista praticados em diversos lugares do País.

No entanto, Jessé não afirma que existe essa história, só aponta a cegueira seletiva da elite da mídia tradicional e dos pensadores sociais brasileiros em perceber como diversos outros povos praticam diversas formas de corrupção, e como a corrupção do mercado é encoberta, ou mesmo seletivamente ignorada. Um claro exemplo é o caso dos bancos norte-americanos que fraudaram avaliações, maquiaram balanços e falsearam relatórios, demonstrando assim a institucionalização da fraude nos negócios que propiciaram que a maior parte das pessoas e dos investidores fossem pegas de surpresa durante a bolha econômica que atingiu o mundo em 2008. Nesse exemplo, setores do mercado e do estado norte americano juntaram-se para encobrir e manipular dados, alterando os riscos e potencializando a bolha imobiliária econômica. Essa crise gerou muito mais prejuízo para os cidadãos do mundo todo, do que diversos outros casos de corrupção. Contudo o imaginário de país patrimonialista como exclusivo do Brasil mantém-se no imaginário coletivo nacional.

O embuste se torna completo por ele ter também inventado o conceito ao mesmo tempo mais fajuto e mais influente de todo o pensamento social brasileiro que é a noção de patrimonialismo. O patrimonialismo defende que o Estado no Brasil é um alongamento institucionalizado do homem cordial e tão vira-lata quanto ele. Abriga elites que roubam o povo e privatizam o bem público. (...) Essa noção é central para a legitimação do liberalismo conservador brasileiro e dos interesses oligárquicos que esse liberalismo de fachada sempre defendeu. Ela possibilita a criminalização seletiva do Estado e da política toda vez que o sufrágio universal põe alguém com alguma ligação com as classes populares, além de tornar invisível a verdadeira

corrupção dos donos do mercado que capturam o Estado e saqueiam o orçamento público. (SOUZA, 2108, p. 17)

A criminalização seletiva do Estado e da política também apresenta uma enxurrada de Memes para a utilização em redes de universitários, demonstrando assim opiniões, ideologias e uma tendência que também se observa em outras partes do mundo, também devida ao processo da formação de uma economia informacional e globalizada. Os Estados-Nação estão perdendo sua capacidade de monopólio dos significados, assim como a capacidade de submeter a impostos os processos da criação de valor no modo de produção flexível. A crise da democracia representativa liberal frente a uma era de pós-verdade, manipulação de dados, e governos que preferem salvar grandes bancos e acionistas invés de investir em políticas de bem-estar social, agiliza as organizações transnacionais em fugir o tempo todo do controle dos Estados atuando num plano transnacional. (CASTELLS, 2000).

Contudo, a relação *sui generis* das relações brasileiras é essa aceção de vira-lata, e toda carga de inferioridade sistemática que possui, servindo assim a uma elite nacional que visa seus lucros no mercado financeiro e para a venda de ações que necessariamente não atribuem valor para o mercado interno e o desenvolvimento da produção nacional. Para compreender melhor essa relação Jessé nos fala:

Está criada a ideologia do vira-lata brasileiro. Inferior, posto que percebido como afeto e, portanto, como corpo se opondo ao espírito do americano e europeu idealizado, como se não houvesse personalismo e relações pessoais fundando todo tipo de privilégios nos Estados Unidos e na Europa. A emoção nos animalizaria enquanto o espírito tornaria divinos americanos e europeus. (...) As falcatruas globais do mercado financeiro americano, que ficaram públicas na crise de 2008, construídas para enganar os próprios clientes, lavar dinheiro em escala industrial e drenar o excedente mundial em seu favor, são, certamente, invenção de algum brasileiro cordial que passou por lá e inoculou o vírus da desonestidade nessas almas tão puras. Todo o esquema de corrupção legalizada, inclusive, continua em operação, mas agora os acordos são secretos entre as empresas e a administração pública para evitar prejuízo a economia americana. Só a Lava Jato, essa filha da sociologia do vira-lata, destrói as riquezas e a economia nacional. (SOUZA, 2018, p. 18-19)

Figura 11



Fonte: Google

Figura 12



Fonte: Google

As figuras 11 e 12 representam a evidência de uma autodepreciação com o brasileiro no imaginário coletivo, e ao mesmo tempo uma virtude em sua capacidade de fazer rir da população brasileira, alimentando elementos complexos e paradoxais em o que é ser brasileiro, uma identidade formada assim pelo consolo do riso, frente a um conjunto de tragédias objetivas. Tragicômico é a real identidade nacional? Uma pergunta que não será respondida aqui, mas define boa parte desse sentimento nacional de autodepreciação e graça, que indutivamente requer muita criatividade e flexibilidade na forma de fazer rir.

A rede de pontos de vista desenvolvida pela a ótica do vira-lata é funcional à naturalização da desigualdade social não apenas em relação a países, mas principalmente entre as diferentes classes sociais no Brasil. A ideologia meritocrática defende que somente os que merecem se esforçam e são mais capazes alcançam sucesso, promovendo, dessa forma, a ideia de mérito como critério para ascensão social e esquece a massa de pessoas incapacitadas de competir, através de um liberalismo econômico que nunca estabeleceu suas bases estruturais de um mínimo básico que possibilitasse qualquer tipo de base de mérito entre seus cidadãos, criando uma classe majoritária de desalojados e

desalentados, a Subcidadania real no Brasil. O que Jessé denomina como formador de um habitus precário. Esse habitus precário constitui a parcela da população desprovida de diversos direitos e perspectivas, sofrendo diversos abusos sistemáticos, tanto pela ausência do Estado, quanto pela ausência de redes de proteção familiar, desembocando na impossibilidade de adquirir capital cultural e muito menos capital econômico. Ou seja, suas possibilidades de acesso a um sistema educacional que forneça algum tipo de preparo técnico e poder de aquisição de renda são dispensadas.

O capital do homem cordial seria o capital de relações pessoais, ou aquilo que Roberto DaMatta, discípulo de Buarque como quase todos, chamaria, mais tarde, de “jeitinho brasileiro”. O tal “jeitinho brasileiro” é hoje em dia uma bobagem monstruosa infelizmente naturalizada pela repetição e usada como explicação fácil dos problemas brasileiros não só na GloboNews, mas também em todos os aspectos de esquina do Brasil. Ora, caro leitor, convenhamos, quem tem acesso a relações pessoais importantes é quem já tem capital econômico ou capital cultural sob alguma forma anteriormente. Ou você conhece alguém que desfrute desse tipo de privilégio sem dinheiro ou conhecimento incorporado anterior? Sua explicação nega, portanto, a origem de toda desigualdade que separa classes com acesso privilegiado aos capitais econômicos e cultural das classes que foram excluídas de todo acesso a esses capitais. (SOUZA, 2018, p. 19)

A ideologia meritocrática está disseminada em diversas classes sociais e participa de diferentes gramáticas morais. Sua força além de espelhar a ordem econômica do sistema capitalista, assim como suas instituições, também é construída por casos de superação, e ascensão social. Motivando sonhos, e desejos, mesmo que imgeticamente, sobre o significado do trabalho honesto, sempre paciente, obediente e persistente trará, de alguma forma, resultados e ascensão social. Como única alternativa oficialmente aceita, a meritocracia também é funcional na criação de legitimidade frente a processos de distinção social ou mesmo para reforçar desigualdades. O Brasil fica entre os 10 países mais desiguais do mundo.¹³ Esse dado demonstra a extrema desigualdade que perpassa o país. Jessé demonstra como essa desigualdade foi naturalizada e legitimada, com o apoio

¹³ Dados da Oxfam: o Brasil é um dos dez países mais desiguais do mundo. Em relação à renda, por exemplo, os 5% mais ricos do país recebem por mês o mesmo que os demais 95% da população juntos. Ver mais no site do jornal Carta Capital, cujo endereço eletrônico é: <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/o-que-faz-do-brasil-um-dos-paises-mais-desiguais/>

da interpretação culturalista e da ideologia meritocrática, aproveitando heranças oriundas da instituição da escravidão.

A figura 13 expressa uma ironia com um personagem político que para boa parte de uma parcela da população representava um herói nacional, por sua luta contra a classe política e a elite industrial, empresarial corrupta, atuando como Juiz Federal sobre a operação Lava-Jato em Curitiba prendeu uma série de empresários e políticos. Porém as ações de Sergio Moro não são aprovadas por unanimidade, principalmente quando aceitou ser ministro da justiça de um governo de extrema direita, perdendo informalmente com declarações e procedimentos uma série de políticos de seu grupo, contradizendo assim a tese levantada por parcela da esquerda, mídia nacional e internacional e juristas pela qual Moro seria um juiz imparcial.

Aqui cabe ressaltar a ideia do vira-lata, pois Sergio Moro representa o herói contra a corrupção que esquece da desigualdade social. Treinado no departamento de justiça dos EUA, Moro comandou uma operação que liquidou uma série de empresas nacionais e prejudicou indubitavelmente a maior empresa estatal brasileira, a Petrobras, dizimando milhões de empregos e aprofundando a crise fiscal e financeira do Brasil, isso com outras alternativas podendo ser aplicadas para não prejudicar tão fortemente essas empresas nem os empregos gerados nelas¹⁴, isso em nome de quais interesses? Seguindo Jessé de Souza, os interesses do centro contra a periferia, os interesses da hegemonia dos países desenvolvidos em detrimento de um projeto popular de desenvolvimentismo. Sergio Moro encarna a figura do vira-lata nacional, submisso aos centros de poder para alcançar seu projeto de desenvolvimento individual e “meritocrático”.

¹⁴ Um levantamento feito pelo professor do Instituto de Economia da UFRJ e pesquisador do Instituto de Estudos Estratégicos de Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis Zé Eduardo Dutra (Ineep), Eduardo Costa Pinto, encomendado pela Federação Única dos Petroleiros (FUP), mostra que a Operação Lava Jato retirou o poder de investimentos da Petrobrás, reduzindo seu poder de investimento em cerca de 50%, assim como em diversas empreiteiras gerando um efeito cascata na economia brasileira, e ocasionando a perda de pelo menos 03 milhões de empregos diretos e indiretos, com a paralisação da construção civil, além da paralisação do investimento do governo, que é impedido de investir na construção civil em R\$ 132 bilhões com obras paralisadas, segundo TCU (tribunal de contas da União). Ver mais no site da Federação Única dos petroleiros, no endereço eletrônico: <https://www.fup.org.br/ultimas-noticias/item/24339-operacao-lava-jato-destruiu-milhoes-de-empregos-e-colocou-setores-em-recessao>

Figura 13



Fonte: Museu de Memes

Diversas outras origens foram utilizadas para dar uma unidade cultural, econômica ou psicossocial ao Brasil. Gilberto Freyre, por exemplo, aponta nessa perspectiva, contudo, reivindicando um modo mais afetivo, quase paternalista em que a escravidão ocorreu no Brasil, amenizando assim suas consequências e até mesmo supondo um processo de democratização racial, em que as desigualdades referentes a cor de pele seriam superadas. Esse processo mostrou-se claramente contraditório.

Já a obra de Florestan Fernandes se configura como um clássico dentro da sociologia por ser um divisor de águas na compreensão sociológica do processo de entrada do negro nos moldes capitalistas para a sociedade de classes, quebrando em muitos momentos o mito de democracia racial proposto por Gilberto Freyre (1933), em seu livro: Casa Grande e Senzala. Florestan fornece uma explicação em diversos fatores que fornece uma realidade mais ampla e complexa da vida do negro recém-liberto da escravidão e tentando sobreviver na sociedade brasileira.

Florestan utiliza para sua tese, dados qualitativos, por exemplo, histórias de vida, entrevistas, observações, e dados quantitativos, como estatísticas que a época fornecia, sobre diversos indicadores sociais e demográficos das situações dos negros

principalmente na sociedade paulista, que era a com mais potencial industrial na época. O autor ilustra através desses dados como a adaptação do negro na nascente sociedade de classes, na perspectiva capitalista, estava se dando. Anteriormente na sociedade escravocrata o negro possuía seu lugar definido na sociedade brasileira, apesar das péssimas condições materiais e subjetivas em que vivia.

No entanto, na recente sociedade classista, em que a escravidão foi abolida e o Brasil estava se industrializando e construindo bases para entrar na sociedade capitalista, o negro, escravizado e recém liberto, foi praticamente deixado a sua própria sorte. Numa mudança estrutural, saindo de um modo de produção escravocrata e entrando no modo de produção capitalista, teve que enfrentar um hábito social do qual não participou nem quanto a sua criação nem quanto a seu desenvolvimento. Isso ocorreu de várias formas. Em primeiro lugar, a parcela negra, e escrava da população brasileira não recebeu nenhum preparo material ou psicossocial para entrar na economia de mercado, numa sociedade baseada na contraprestação de serviços em que o trabalho livre é comercializado em troca de salários. Apesar de serem juridicamente livres não possuíam condições de disputar vagas na sociedade capitalista nascente no Brasil, pois não entendiam nem a dinâmica desse tipo social de organização e trabalho, como não dispunham de oportunidades eficazes de aprendê-lo.

Em segundo lugar, a massiva imigração de brancos europeus para o Brasil, criou uma concorrência desigual para postos de trabalho no país, pois os europeus imigrantes em sua maioria tinham experiências técnicas e psicossociais do modo de produção capitalista, pois viveram isso em suas terras natais, enquanto o negro não possuía essa referência e hábito cultural. Com isso a maioria dos negros recém libertos foram para a cidade a procura de condições de vida melhores do que no campo, mas tanto no campo quanto na cidade a escolha pelo empregador na sua maioria foi o trabalho do imigrante europeu e branco, excluindo dessa forma sistematicamente a integração do negro na sociedade de classes. Isso criou um excedente da população negra nas cidades, em condições de ociosidade, gerando as primeiras “favelas”, com ausência de saneamento básico, ou mesmo do poder público para viabilizar as condições básicas de vida. Os negros se viram nas piores condições possíveis, recorrendo em muitos casos ao crime para saciar necessidades básicas. Tudo isso contribuiu de geração em geração num processo de exclusão sistemática do negro na sociedade de classes brasileira, assim como os seus espaços de poder. Reforçando, conseqüentemente, a visão do negro no imaginário

social como preguiçoso, perigoso, sujo. Esses estereótipos ainda hoje são encontrados, em muitas piadas, e hoje em dia transfigurados em formato de Memes de forma direta ou indiretamente.

Para compreender melhor o termo imaginário social, cabe uma discussão breve, pois tenta-se evitar uma essencialização, ou seja, a colocação de uma população inteira num mesmo registro de consciência, subjetividade, representação, percepção, e construção de uma gramática moral. Dessa forma, imaginário refere-se à ideia de imagem em relação de interdependência com a construção de uma narrativa, sem necessariamente representar imagens e narrativas inertes, sem movimento ou desarticulada em relação a estímulos sociais, sujeitas às vezes a adaptações de modo que sejam constantemente maleáveis, contudo mantendo seu núcleo duro, ou sua principal forma inalterada, possuindo vigor e capacidade de moldar uma percepção geral sobre si mesmo ou o outro enquanto coletivos. Pode-se mudar a superfície a inúmeras adaptações simbólicas, contudo sua significação mais central se mantém.

Ao contrário de teorias, o imaginário social significa o que as pessoas comuns percebem como sendo seu ambiente social, percepção que quase sempre não assume a forma explícita de teorias, mas que se manifesta, ao contrário, sob a forma de imagens, estórias, lendas, ditos populares, etc. É esse imaginário social que permite a pré-compreensão imediata de práticas cotidianas ordinárias, permitindo um senso compartilhado de legitimidade da ordem social. Por conta disso o imaginário social é factual e normativo. Também pelo mesmo motivo, o imaginário social não é situacional ou preso a contextos específicos, já que cada situação particular é informada e condicionada por uma pré-compreensão inarticulada mais abstrata e mais geral, que faz com que cada situação particular apareça precisamente daquela forma e não de outra qualquer. Precisamente por sua inarticulação, a palavra imaginário é adequada. Como se comportar, como falar, como se relacionar por referência as várias hierarquias sociais, etc., tudo isso remete a um mapa social que guia implicitamente nossa conduta. (SOUZA, 2018, p. 144)

Com isto não quero afirmar que o imaginário é uma prisão unilateral que guia o comportamento das pessoas, mas funciona como se não enxergássemos direito determinada coisa, como uma imagem distorcida e embaçada que possuímos. Aos poucos, a cada nova imagem, estórias, lendas, ditos populares, piadas, contos engraçados e hoje em dia Memes, essa imagem faz mais sentido e torna-se mais coerente, constituindo uma narrativa sobre algo. Essa imagem que transcende e vira uma narrativa, constitui registros de interpretação sobre o mundo e coletividades. Também forma percepções de nós mesmos. Ela pode ser superada, mas nunca ignorada. Está no âmbito

do inconsciente, à medida que falamos mais sobre ela, de forma séria e articulada, mais vai perdendo sua influência. Organiza-se no modo do discurso indireto, por isto, o cômico é uma das principais formas de sua expressão e disseminação, o lugar que se torna interação clara, ou seja, articulada por sentidos contendo uma lógica suficiente para desenvolver uma narrativa, à medida que todos concordam e levam a sério, dentro de um mesmo espaço, a narrativa proposta pelo riso.

A base desse imaginário não é apenas a exclusão do negro. Vale ressaltar também como a classe média e parte das classes mais pobres legitimam a gama de desigualdades que formam o imaginário da população, e a raiz dessas formulações está intrinsecamente relacionada com a escravidão e o patriarcalismo.

Do ponto de vista do patriarca, existe, também, uma série de motivos racionais para aumentar na maior medida possível seus raios de influência por meio da família poligâmica. Existe toda uma gama de confiança, no controle do trabalho e caça de escravos fugidos, além de serviços militares, em brigas por limite de terra, etc., que seria mais bem exercida por membros da família ampliada do patriarca. E aqui já temos uma primeira versão da ambígua confraternização entre raças e culturas distintas, que a família ampliada patriarcal ensejava. Enquanto esse serviço de controle e guarda era exercido nos Estados Unidos exclusivamente por brancos, no Brasil havia predomínio de mestiços. Nota-se, desde aí, a ambiguidade entre possibilidade real e efetiva de ascensão social para os mestiços no familismo patriarcal em troca de identificação com os valores e interesses do opressor. (SOUZA, 2018, p. 176)

A sociedade brasileira como fundamentalmente patriarcal e escravocrata, concentrou as oportunidades de ascensão social na figura do patriarca, demonstrando assim uma sucessão de violências e submissão, tanto das mulheres brancas e negras, como entre todos que não correspondessem aos desejos e mandos da figura central do senhor de terras e sua estética própria. O imaginário social apresenta-se aqui novamente como a figura que representa e concentra a maior forma de poder. O patriarca possuía boa parte das terras e substituía o Estado em tudo que ele representa em seu território. Todos deviam suas formas de sobrevivência a sua permissão. Essa concentração de poder, apesar de ser apenas uma figuração histórica que foi transformada por novos formatos sociais no Brasil, ainda mantém muito desse imaginário. A diferença é que o grande patriarca foi substituído pelo grande empresário, banqueiro, acionista pertencente ao 1% mais rico da população. Contudo, boa parte de seu domínio ainda condiciona relações macrossociais não só no Brasil como no mundo, e a especificidade do país ocorre pela incrível

subserviência e identificação subjetiva com essa fração da elite econômica e política: a esperança de ascensão social existe na medida em que há identificação com essa elite.

A proteção era discrição do senhor e estava relacionada a outra característica árabe da sociedade colonial brasileira: a família poligâmica. Os filhos dos senhores e escravos, desde que assumissem os valores do pai, ou seja, se eles se identificassem com ele, tinham a possibilidade de ocupar os postos intermediários em sociedade tão marcadamente bipolar. Devia haver, inclusive, grande concorrência entre os filhos ilegítimos e as candidatas a concubinas pelos favores e pela proteção do senhor e de sua família. Existiam prêmios materiais e ideais muito concretos em jogo, de modo a recompensar quem melhor interpretasse e internalizasse, como se fossem seus, a vontade e os desejos do dominador. É precisamente essa assimilação da vontade externa como se fosse própria, assimilação essa socialmente condicionada e que mata no nascedouro a própria representação do dominado como um ser independente e autônomo, que o conceito de sadomasoquismo quer significar. (SOUZA, 2018, p. 177)

Essa formatação que a dominação e a desigualdade assumiram no país possui influência profunda na formação dos significados normativos, culturais. A formação de um excedente de pessoas em estado de subcidadania no Brasil alongou essa percepção social de não reconhecimento jurídico, afetivo e relacionado a status, com as classes mais baixas e negros numa relação de disputa e competição para uma aproximação subjetiva e estética ao ideal pertencente a uma elite econômica e branca. Daí uma adesão ao riso contra tudo que não se assemelhe a essa elite, ou mesmo que esteja distante a imagem de homem patriarcal heterossexual, branco e detentor de poder econômico e político, com claros indicadores de uma tendência a um regime que se assemelhe ao escravocrata, ou que busque explorar e controlar seu subordinado à exaustão. Se ri muito a quem se opõe a esse imaginário. Contudo diversas formas de resistência a esse ideal também ocorrem, mesmo com todas as formas de silenciamento possíveis. O movimento feminista, LGBTQI+, negro, indígena e movimentos trabalhistas e pela luta pelo direito a terra, etc., também constroem sua forma de rir, contrapõem o discurso hegemônico ao ponto de medir forças e alcançar significados a um imaginário alternativos.

O terceiro ponto são as regras do jogo, isto é, identificar quais comportamentos são considerados dentro da fachada (GOFFMAN, 1999)¹⁵ esperada para aquela pessoa

¹⁵ Ver em Erving Goffman. A representação do Eu na vida Cotidiana. 8º Ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1999. Utilizo Goffman não como teórico fundante na abordagem, mas apenas como ferramenta, para utilizar algumas de suas categorias para ilustrar de maneira mais exata algumas representações da realidade e com isso elucidar as formas de controle que os atores tentam demonstrar, assim a metáfora do palco e da representação teatral nos serve para ilustrar tal fenômeno, no entanto, como já foi dito, não se aceita por completo a teoria goffmaniana, muito menos aceita-se a inferência lógica de sua teoria baseada numa

especifica naquele momento específico. A ausência de um cenário definido no ambiente virtual, não retira o fundamental para o surgimento de uma fachada, que é a expectativa dos outros sobre o ator. Assim sempre há de existir uma plateia atenta para cada ator, que mediante uma série de significados monitora e compara uns aos outros, estabelecendo uma norma, na maioria das vezes não dita, que exerce sua força ou gera uma expectativa sobre todos os atores. Estamos pensando numa análise mais restrita com os universitários de diferentes classes, que compartilham e consomem Memes, em que seu círculo de amigos, familiares, e relações românticas afetam e regulam seu comportamento. Buscamos analisar como os universitários monitoram reflexivamente suas ações de maneira constante, não apenas por conta deles mesmos, mas pelos grupos e redes que lhes atravessam, em que pese cada compartilhamento, cada curtida, ou mesmo produção de um Meme. Isso estabelece mecanismos de controle, e delimita ações para agradar alguns públicos. Dentre os estudantes universitários, assim como em diversos outros setores da sociedade, esse controle ocorre na forma de revezamento entre dois movimentos: ocultamento e revelação.

O ocultamento e revelação acontecem através de políticas de privacidade oferecidos pelos próprios aplicativos que são mobilizados, como as listas fechadas em que algumas pessoas são permitidas e outras não. Assim uma série de constrangimentos buscam ser evitados nesse jogo de interações. Familiares tendem a ser dispostos em lugares diferentes dos amigos mais íntimos, isso observa-se em todas as classes. Por isso o WhatsApp é a forma preferida para a circulação de Memes: nesse aplicativo pode-se escolher quais pessoas podem ver o que, de modo mais simples e de uma forma mais rápida. O WhatsApp é o despejo de Memes de todos os outros aplicativos, talvez por sua facilidade em comunicar de forma que dê para ocultar e revelar para determinados públicos, e não para outros, com esta facilidade, necessária, frente a decisões cada vez mais urgentes, mesmo que percebidas como insignificantes.

Giddens (1989) em sua abordagem sobre os processos que determinam a ação, utiliza dois conceitos que lhe auxiliam na concepção de uma dualidade na estrutura social, onde coloca as pessoas nem totalmente determinadas pelas estruturas objetivas, no caso,

perspectiva de ator consciente de suas ações, de modo utilitarista ou teoria dos jogos. Pois a consciência apenas desempenha uma parte no jogo social, e a ação constitui-se dos processos históricos, assim como da dinâmica relacional das relações no presente. Isso possibilita um cenário mais complexo e ainda inconcebível como sugere Elias.

as instituições e as consequências dos processos de interiorização de normas, valores e estoque de significados, nem determinadas pelo cálculo racional, ou análise consciente sobre seus atos, representando uma atitude, exclusivamente, dominada pela perspectiva utilitarista. Os conceitos de consciência prática e consciência discursiva, nos ajudam a perceber a extensão e sofisticação da perspectiva de Giddens sobre a ambivalência das estruturas sociais. Por um lado, as instituições se baseiam no processo contínuo de rotinização de uma ação, que por sua vez se edifica por um processo anterior de dominação, significação e legitimação. Ou seja, primeiro vem um conjunto de significados que constroem os pressupostos para um processo de dominação e legitimação de determinada ordem social, esse processo gera uma legitimação que durante o fluxo da ação (*duré*) produz uma rotinização da conduta que a ritualiza, dia após dia, fortalecendo assim o controle sobre o corpo e a introjeção inconsciente de determinada ação.

Todo esse processo, à primeira vista bastante mecânico, guarda seu outro lado, o outro lado da estrutura para Giddens. Esse outro lado é o monitoramento reflexivo da ação. Esse monitoramento tenta dar coerência a escolha individual diária, e a escolha, mesmo que limitada, de um padrão de comportamento. À sua base temos a reflexão constante, não para avaliar todos os porquês da organização social e sua ação, mas como mecanismo de defesa contra toda sorte de desvios da conduta esperada do ator. Cooptando Goffman em sua teoria, Giddens percebe a força da plateia para o ator, assim como percebemos a força das interações sociais e seu direcionamento para padronizações de comportamentos, ao sabor de diversos constrangimentos e sanções que o ator possa vir a sofrer se, simplesmente, não desempenhar seu papel com competência.

Nessa concepção, o que fornece força argumentativa para a teoria da dualidade da estrutura em Giddens, e seu componente que casa com a ideia da ferramenta Elisiana de as regras do jogo, é a dupla consciência à qual, para Giddens, todos nós estamos sujeitos. Pela consciência prática, que seria o modo de fazer, mesmo incapaz de explicá-lo, sabe-se com o corpo o motivo de determinadas condutas em determinados espaços e tempos, e se possui uma consciência prática para isto. Trata-se de uma ideia próxima da concepção Bourdiesiana¹⁶ de senso prático, porém com uma argumentação de fundo diferente.

¹⁶ Para Bourdieu o senso prático está subordinado aos *habitus* adquiridos decorrentes da posição social e os capitais que acompanham o agente social. Já para Giddens, existem sistemas que sustentam a estrutura social que são baseados não em disposições, mas sim na dominação e legitimação, que só se mantém devido ao processo contínuo de monitoramento reflexivo da ação.

Assim a consciência prática sabe jogar o jogo, antes mesmo de saber explicá-lo, e tem vida própria independentemente da capacidade de uma justificação ou a codificação em palavras de sua ação. Já a consciência discursiva, seria a legitimação, aquilo que nos permite pôr em palavras as coisas e nossas ações, envolve recordar e conseguir expor sua recordação de maneira coerente e possuindo uma lógica. Essa consciência fornece tradução, significado, valoração e constrói nossas idiossincrasias mais sutis.

A consciência prática nos permite jogar o jogo a partir de suas regras, dessa forma demonstra como o corpo já sabe quais são as regras bem antes de sua capacidade de codificá-las de maneira coerente e que lhe faça total sentido. E a consciência discursiva fornece legitimação dessas regras. No entanto, é pelo fato que os jogos em que estamos inseridos já existem antes de nós e já estão determinados por processos anteriores a nós, que a força das interações permanece. Como bons atores, nunca atuando sem experiências anteriores, mas sim com estoques culturais de valor e normativos, guiamos nossa percepção para preencher as lacunas de nossa imaginação social, e assim justificar uma série de condutas que se ritualizam através de espaços e públicos próprios.

As regras do jogo, assim, não necessariamente precisam de explicação para existirem. Na formatação da vida, apenas precisam estar legitimadas e imaginadas constantemente. Sob o olhar atento do público, nós, plateia e atores, ensaiamos e reproduzimos regras, naturalizamos e incorporamos sua formatação necessária para continuar. Também as transformamos, mesmo sob a consciência prática, antes mesmo de termos a capacidade de construirmos uma narrativa totalmente coerente sobre elas. Contudo, a consciência discursiva deve ter uma propagação também coletiva para existir. Portanto à medida que há mais reflexão e monitoramento desta reflexão sobre a ação, mais a consciência discursiva opera.

Todo esse imbricado arcabouço teórico, é fundamental aqui para compreendermos as ausências analíticas que ainda possuímos ao vislumbrar as regras, mesmo as não ditas, do jogo da vida social. Só observando a consciência prática dos atores em ação e sua rotinização, é que podemos entender qual jogo estão jogando, assim como a consciência discursiva que operam para perceber, reproduzir ou transformar esse jogo. Os universitários que “brincam” através do Meme, também estão jogando. Não totalmente conscientes, mas quem está? Todavia, sabem jogar, sabem as regras, pois emitem um

padrão. O padrão do ocultamento e revelação, assim como a linguagem humorística para construção ou desconstrução de significados e significantes.

Outro ponto fundante para se entender a configuração é a posição na partida, ou seja, a partir da posição que se encontra os atores, individuais ou coletivos, podemos inferir, as vezes, os recursos que possui e suas possibilidades de ação, assim como as relações com outros atores e como estão distribuídos na configuração, remontando assim suas relações de poder e as regras do jogo do qual dispõem.

Aqui a comparação entre as classes aparece de forma mais evidente. Enquanto classes mais baixas não possuem uma preocupação tão exacerbada com o jogo do ocultamento e revelação, nas outras esse aumento se revela com mais intensidade. À medida que ocorre um aumento de classe acontece também um aprimoramento nesse jogo de ocultação e revelação. O Meme torna-se mais filtrado para determinados públicos, no entanto, não se notam muitas diferenças de conteúdo dos Memes entre as classes. Outros marcadores como identidade de gênero e orientação sexual exercem maior influência na diferença de conteúdo. Os Memes em torno de figuras públicas, ou acontecimentos no mundo do POP ganham mais relevância num padrão desviante de uma heteronormatividade, enquanto Memes que endossam um conteúdo heteronormativo tendem a aparecer com maior frequência em círculos religiosos com tendências políticas conservadoras. Contudo, essa diferença é sutil, e muitas vezes atravessada por estratégias de ocultamento e revelação, dependente das trajetórias de vida e principalmente círculos de amizade de cada ator social.

O último e quinto ponto, é o principal diferencial em Elias em relação a outros autores. Para discorrer sobre sua perspectiva social temos que entender as figurações. A assim denominada teia de interdependências constitui uma chave interpretativa em Elias para essas figurações. Também lança pistas em nossa análise, pois tenta focar nas variadas relações das pessoas que estão constantemente em interação com outras pessoas, numa relação de interdependência. Assim desconstrói a ideia de que a dominação se exerce de modo consciente e de cima para baixo, cujo qual denomina egocêntrica. Muito diferente disso, Elias sugere uma dominação relacional, em que dependendo da teia de interdependências pela qual os atores estejam ligados a alguns processos históricos, ou à posição na partida, ou às regras do jogo, ou às relações de poder mais macrossocialmente situadas, ou como na maioria dos casos, a todos esses elementos juntos, estabelece um

peso maior ou menor a medida que esses elementos mobilizam a decisão mais ou menos consciente do ator em determinada ação.

1.3 Como aprendemos a rir do que não sabemos?

No nível da consciência, apenas uma parte do Meme é vislumbrada, as lacunas na reflexividade são preenchidas o tempo todo por emoções e pulsões ainda impossíveis de se mapear em toda sua complexidade e consequências. E nenhum ator, principalmente tomado pelo calor dos jogos em que está inserido, pode avaliar toda a configuração que incide e influência em diferentes graus suas ações, tanto com referência aos fatores sociais como aos fatores internos, subjetivos, afetivos, que alteram a imaginação, desejos e expectativas, modificando a capacidade de percepção. Isso inflige à própria capacidade humana a necessidade de manter um comportamento completamente coerente com os papéis que se aguarda em determinadas ocasiões, sem deslizar em atos falhos, ou deixar-se levar por devaneios e imprevistos durante a performance que se julga conveniente, em cada situação. Essa forma de perceber a reflexividade humana nos ajuda a aperfeiçoar nossa capacidade de perceber a própria capacidade em interpretar, além do componente epistemológico de perceber a falha, a incoerência mesmo diante do cálculo mais frio e isento possíveis. Também nos faz lembrar de como o humor traduz, de certa forma, nossa própria lógica. Sempre tão atraente em sua autoreferenciação e reconhecimento, ao mesmo tempo que demonstra uma incongruência latente e existencial.

O humor é algo escorregadio para Becker (2017), pode-se dizer as coisas mais sérias, relevantes, carregadas por significados profundos, sínteses morais, e elaborações valorativas sobre algo, ainda assim se estar “brincando”. Isso fornece dois aspectos fundamentais ao humor, em primeiro momento sua relação com o tempo, uma relação de brevidade funcional. Quando se brinca, não se fala sério, mesmo falando. Isso só é possível com a brevidade do humor, o significado se encontra numa relação limite, entre a verdade e a suspensão da importância desta verdade. Isto só é efetivo quando se limita ao breve, fugaz, passageiro, sempre em movimento, todavia, nem por isso, desprovido de efeitos futuros. A piada, os chistes, estórias cômicas, impregnam os imaginários de diversas redes de pessoas, talvez de todas. Contudo, são breves, sempre passageiros, anedotas invisíveis que estruturam imaginários. Por eles, primeiro mudam-se as narrativas e enunciados, depois, não exclusivamente por causa disso, mudam-se as percepções e disposições, conseqüentemente, as pessoas produzem novas rotinas

baseados em subjetividades modificadas, isso altera não apenas seu modo de agir, mas seu cotidiano e interações. A partir disto ocorre uma alteração coletiva, que transforma por sua vez as instituições de uma forma deliberativa ou no formato da consciência prática em que o próprio fazer altera estruturalmente as relações.

Os enunciados e narrativas cômicas, para produzirem o riso de forma mais extensa e penetrante nas subjetividades e práticas, precisam se construir por sua brevidade funcional, ou seja, por sua necessidade de se estruturar a partir do breve. Não é algo evidente. Quase uma relação indireta, uma mensagem que se dá em níveis mais ou menos inconscientes. No nível da sedução, atrai, se reproduz na subjetividade e ainda assim pode ser considerado “brincadeira”, não sério, por isso absolvido de qualquer culpa. Por isso o humor é difícil de ser analisado, assim como suas relações de causalidade são fugidias, sua responsabilidade dentro do significante Meme pode ser disfarçado, com o argumento de relativizar a seriedade da situação, ou mesmo sublimando por diversas formas a reação ou comportamento a respeito dele.

O humor, como julgava Berger (2017), pode ser uma redenção, que suspende a realidade, e a coloca de cabeça para baixo. Através da própria ilusão demonstra a realidade não dita, não vista, aquilo que está latente, grita e não é reconhecido. Essa realidade invertida que suspende e alivia sua própria substância deixa perceber a ausência de certezas diante da maior convicção, como descreve Berger:

Pode-se então perguntar. Incongruência entre o que é o quê? Em princípio, qualquer incongruência pode ser considerada cômica – entre o que é vivo e o que é mecânico (como propôs Bergson), entre as exigências da moral repressora e os impulsos cegos da nossa natureza libidinal (o ângulo Freudiano), entre as pretensões da autoridade política e a sua falibilidade implícita (o combustível de muita sátira), e assim por diante. Mais uma vez, o que é considerado incongruente, em uma dada situação, pode não ser percebida assim em outra circunstância. (BERGER, 2017, p. 346)

Portanto cabe aqui uma reflexão sobre a semelhança do humor com aspectos que nos condicionam, por atos falhos, ausência de reconhecimento e toda uma sorte de situações em interação que estão para além de nossa capacidade de controle, ou mesmo apreciação completa. Paraphraseando Weber (2002), “a realidade social é impossível de ser detectada em sua totalidade”, não apenas por sua complexidade, mas também por nossa incapacidade cognitiva e material de percepção.

Berger (2017) destrincha diferentes aspectos do humor ao longo da história, e procura o universal nele, talvez para encontrar o universal em nós. O humor não é apenas escorregadio pela brevidade do riso e pelo motivo dele. Mesmo breve, pode difundir significados que sustentam processos históricos complexos como os relacionados a dominação sexual, de classe, gênero e étnicos, além de transformar o pesquisador naquele que sempre tenta explicar a graça das coisas, ou seja, o que estraga o riso alheio, também por seu caráter escorregadio e difuso ao longo do tempo, do mesmo modo que demonstra certa brevidade difícil de capturar para análise. Aqui a figuração que é em torno do Meme envolve uma série de outros processos históricos que fundamentam essa nova forma presente do humor. Berger mergulha naquilo que é universal, e com isto nos dá pistas sobre o porquê desse poder disperso e enigmático que o humor exerce sobre os mais diferentes tempos e culturas.

Entretanto, é possível perguntar se existe alguma incongruência subjacente que possa ser observada, acima para além de todas as relativizações. Duas respostas são possíveis. Uma é antropológica, relacionada a natureza do homem; a outra é ontológica, relativa ao seu lugar na natureza geral do universo. A resposta antropológica é aquela proposta brilhantemente, por Helmuth Plessner: O ser humano é incongruente em si mesmo. A existência humana é um ato de equilíbrio contínuo entre ser um corpo e ter um corpo. O homem é o único animal capaz, de alguma forma situar-se fora de si (Plessner a denomina de sua natureza “ex-cêntrica”). Dito de maneira diferente, o homem é o único animal com capacidade de ação e não só comportamento. Quando esse ato de equilíbrio contínuo colapsa, o corpo assume o controle. Tanto o riso quanto o choro manifesta essa queda. Trata-se de um processo não apenas físico, mas também psicológico. Mas também é possível que o senso de humor perceba, reiteradamente, a incongruência inerente do ser humano. É nesse sentido que um ganho cognitivo do humor é antropológico: quando somos envolvidos no riso cômico, temos uma intuição válida sobre um aspecto essencial da natureza humana. Embora Plessner, por razões próprias, negue que esteja se referindo a distinção tradicional entre o corpo e a mente, a incongruência que ele analisa está muito próxima daquilo que muitos filósofos discutiram como o problema mente/corpo. Seja como for, todos nós estamos familiarizados com as consequências cômicas dessa incongruência irrompendo na vida cotidiana: o estadista, no meio de uma cerimônia patriótica solene, precisa vomitar. O grande intelectual exposto sobre o sentido da virtude, tem uma ereção. Ou, inversamente, o sedutor, a caminho do sucesso erótico, é dominado por pensamentos sobre a mortalidade. Pode até ser que, no meio da sedução, ele perca a ereção ao encontrar a solução para um problema filosófico enigmático. Nenhuma dessas coisas poderia acontecer com um cachorro, ou mesmo um chimpanzé. Toda incongruência é inconfundivelmente, e talvez adoravelmente, humana.

Há outra incongruência enraizada não na natureza humana, mas na sua posição no universo. Pascal a formulou situando o homem entre o nada e o infinito. A ciência moderna nos proporcionou os meios

técnicos para experimentar essa incongruência muito facilmente: perscrutamos o mundo revelado pelo microscópio e nos sentimos imensos; então, olhamos através do telescópio e nos vemos como partículas insignificantes na vastidão das galáxias. A experiência cômica aponta para essa incongruência ontológica: O ser humano como um ser consciente, suspenso nessa posição ridícula entre os micróbios e as estrelas. Todas as pretensões humanas de sabedoria e poder são comicamente desmistificadas à medida que esta incongruência fundamental é percebida. (BECKER, 2017, p. 346-347)

Berger dessa maneira aponta para o esclarecimento de nossas incongruências, seja quando não conseguimos disfarçar determinado papel que pretendemos a respeito da nossa posição no universo, seja quando a complexidade e rapidez na mutação de nossos desejos, emoções, sensações e percepções proporcionam incoerências no pensar, perceber, imaginar, lembrar e agir. As imponderáveis formas que esses dois aspectos evidenciam em nossas incoerências, mesmo que sejam incoerências impossíveis de serem evitadas, e por isso mesmo, escapando toda forma de controle humano, apontam em que lugar no tempo e espaço o humor tem morada. É algo que nos cerca o tempo inteiro, como a gravidade, que, mesmo invisível, está invariavelmente lá e que, por isto mesmo, por sua recorrência, talvez seja considerada um fator de menor importância. Contudo, o humor na configuração social atual produziu um novo significante, o Meme. Como já foi dito parece estar em todo lugar, aparece desde conversas informais, a diversos locais de trabalho, na mídia tradicional a mídia própria da era da informação. As diversas redes são contaminadas por alguma forma desse Meme. De tal maneira que uma nova linguagem está sendo construída, uma linguagem Mémica.

Alguns Memes tornam-se tão famosos que já são apropriados em diversos contextos, locais e significações, através de sucessivas montagens e remontagens, em que se inserem novos significados e significantes ao meme original. Através da argumentação cômica, por meio de uma montagem lúdica de símbolos em formato de vídeos, imagens, palavras, cartuns e afins a TV, rádio, jogos On-line, internet, o cotidiano, as relações interpessoais se reinventam. Sua capacidade sui generis de comunicar abre espaços para interpretações dúbias, polissêmicas e ambivalentes que podem proporcionar reconhecimento positivo ou negativo em diversos grupos, gerando assim uma saída para os dilemas de gerenciar selfs em grupos às vezes antagônicos que essas pessoas enfrentam. Dessa forma o Meme produz uma linguagem útil, não só para traçar fronteiras, e fortalecer bolhas e grupos, mas também para perfurá-las, pois mesmo indo de encontro

a uma crença, o Meme pode produzir o riso, ou uma sensação agradável o suficiente para comunicar e afetar aquilo que não se pretendia absorver e ser afetado. Nessa perspectiva, enquanto comunicação e linguagem o Meme sempre ganha. Com isto procuro informar como o Meme é o modelo comunicacional de maior força no tempo presente, seja em formato Meme-notícia, Meme-figura, Meme-emoji, Meme-discurso, Meme-cartum. Já que possui diversas funcionalidades: normatiza (através da ridicularização do que é diferente), distingue pelo mesmo processo que normatiza, e perfura as barreiras representadas pelas identidades de classe, de sexo, de cor, de gênero, de etnia (através da sedução que provoca o riso).

O humor, ao contrário de ser algo proibido, como fora em outros contextos, configurações sociais e tempos, agora possui diversos incentivos ocasionados por essa nova era. A globalização e a informação são os principais sustentáculos dessa nova figuração, seja por conflitos entre o local e o global na formação de identidades individuais e coletivas, seja pela compulsão neoliberal que sustenta um individualismo exacerbado, com a ideia de competição, e indivíduo como empresa. Essa nova figuração aparece, assim, como novo modelo de individualidade que possibilita uma monetização das interações e relações sociais, com o mercado funcionando como regime de verdade, tanto para instituições do Estado, como para fomentar a ideia de competitividade nele dentre as instituições e relações cotidianas. O humor é fundamental para traduzir, de forma mais amenizadora, diversos significados e seus percursos em diferentes espaços sem o choque direto com narrativas opostas. Pelo menos em certo limite.

Antes de avançarmos, precisamos, nessa teia argumentativa teórico-prática de conceitos e tradições do conhecimento, organizar o quadro teórico metodológico que norteia a presente pesquisa, sem dispensar sua abrangência, contudo esclarecendo em que e como cada conceito se encaixa e ajuda um melhor entendimento da vida social e das redes subliminares de linguagem Mémica.

Abordagem Elisiana Principais conceitos					
Teias de interdependência	Interação entre os atores	Relacional	Processual	Grupos On-line e Off-line, páginas	Fronteiras híbridas entre o On-line e o Off-line

As regras do jogo	Monitoramento reflexivo da ação	Jogo de ocultamento e Revelação	Consciência prática	Consciência discursiva	Web 2.0
Relações de poder	Oligopólios midiáticos	Redes de produção de Fake News	Neoliberalismo ou Ultraliberalismo	Capitalismo financeiro Monopolista	Agendas governamentais/políticas: regulamentação da internet
História	História da internet	Era da informação	Imaginário Brasileiro	Complexo de vira-lata	Culpabilização do Estado: crise da democracia
Posição na partida	Universitários	Classe	Religião	Orientação sexual e identidade de gênero	Cor

1.4 O que se pode dizer sobre Universitários e o Meme

Em uma primeira hipótese supôs-se que os Universitários marcados por uma diferença de classe iriam mostrar diferenças claras no conteúdo e na forma que praticam a produção, consumo e compartilhamento de Memes. Contudo o que se observou foi uma similaridade quanto ao conteúdo, e uma diferença perceptível quanto a forma pela qual se joga o jogo da reflexividade, que denominei jogo do ocultamento e revelação. Uma parte importante que constitui esse jogo é o monitoramento reflexivo da ação Giddens (1989) que serve para exemplificar a ação, pois ele funciona como um monitoramento que representa vigilância constante e reflexividade, cálculo, análise, escolha, estratégia de ação. O monitoramento é dependente da rede de interdependências que cada ator possui, isso nas redes sociais virtuais depende de uma forma extensa de reflexividade acerca de qual Meme disponibilizar em qual grupo. Claro que esse cálculo não é de todo racional, ou mesmo eficiente, cabendo no curso da ação atos falhos, reflexividades que não conseguem filtrar emoções, relações e consequências de cada compartilhamento. Desse modo existe muito a se avaliar e controlar e muito pouco tempo para tanto. Assim, o erro é a regra mais corrente: O Meme que se ri indevidamente, o grupo que se compartilha inadequadamente e os limites de interdependências repleto de enganos e descontinuidades performáticas. Os elementos emocionais também confundem os objetivos e meios de cada ator, que muitas vezes se perdem em suas gramáticas morais e

performances, de um modo que, em alguma medida, toda ação possui uma automatização inconsciente sujeita a falhas.

Pelas primeiras elaborações dos dados que estão sendo coletados, resulta que a variável classe não incide tanto na questão do conteúdo da produção, consumo, e compartilhamento de Memes, mas influencia a formatação das configurações de privacidade que o Meme é divulgado. Quanto mais alta a classe mais restritiva vai se tornando a rede de pessoas que interagem com o primeiro mensageiro do Meme. Do mesmo modo, quanto mais baixa a classe, mais aberta é a rede de pessoas que interagem intimamente com o mesmo Meme, ou seja, a pessoa que mandou o Meme possui uma configuração de privacidade sem restrições a visibilidade do público em geral. Isto se deve a materialidade dos dispositivos aos quais se tem acesso para a produção, consumo e compartilhamento do Meme, já que quanto mais espaço interno e agilidade do processador de dados que esses dispositivos possuem, e ai me refiro a Smartphones, Tablets, notebooks, até mesmo relógios digitais, mais esses dispositivos proporcionam possibilidades de alteração e aperfeiçoamento das configurações de privacidade, da mesma forma que o acesso à internet pode dificultar ou facilitar a forma em que essas configurações são dispostas, dependendo da sua velocidade e manutenção. Como as classes mais baixas possuem dispositivos e acesso à internet menos avançados, suas configurações de privacidade são mais simples e abertas, e as classes mais altas com a estabilidade de conexão e dispositivos mais avançados conseguem aperfeiçoar suas opções de privacidade; no entanto, isto não é uma regra, depende muito da opção de consumo dos dispositivos e internet que cada pessoa prioriza, e assim altera suas configurações de privacidade

A segunda hipótese que se formulou na fase exploratória da pesquisa é que as interações On-line dessas pessoas, ao contrário do que o senso comum sugere, constituiriam uma rede maior do que a rede que apresenta suas vidas Off-line, pois a rede de hiperlinks produziria uma interatividade entre grupos e espaços virtuais diferentes do que seu dia a dia, face a face, de interações não virtuais pode proporcionar. Assim, as tensões e vivências On-line, por ser mais heterogêneas, proporcionariam a interação com redes que estão fora das redes de contato do mundo Off-line do ator.

Contudo, os dados estão, de um lado, confirmando que entre os mais jovens, especialmente os com idade inferior aos 30 anos, há um certo despudor e destemor na

interação com pessoas que não se conhecem fisicamente: cada vez mais laços fortes são traçados de modo On-line nessa faixa etária. De outro lado, os entrevistados com a idade superior aos 30 anos parecem possuir maior resistência em estabelecer contato com grupos de pessoas que não conhecem fisicamente. Esse comportamento, talvez, poderia ser explicado pelo fato que os mais novos são quase que nascidos já na era digital, não perceberam nem viveram as mudanças entre as formas de se consumir e viver na internet de forma tão intensa como os mais velhos, isso produziu uma naturalização e processo de legitimação mais eficiente sobre o corpo, o inconsciente e o consciente. Já os com mais de 30 anos experienciaram essa ascensão da internet com mais elementos e sua vivência marca nos corpos e percepções os períodos e fases de mudança na Web, assim como seu consumo, dessa maneira preservando um certo estranhamento quanto a adquirir relações mais íntimas, ou mesmo qualquer tipo de relações, com pessoas que não conheçam fisicamente, só por meio da internet.

A terceira hipótese é que a partir dos elementos do humor em formato de Meme e sua capacidade *sui generis* de comunicar abrem-se espaços para interpretações dúbias, polissêmicas e ambivalentes. Os universitários, assim como todos, em contato com o cômico podem proporcionar reconhecimento positivo ou negativo em diversos grupos, gerando assim uma saída para os dilemas sobre como gerenciar seus *selfs*, em grupos às vezes antagônicos, em que estão envolvidos. Dessa forma o Meme produz uma linguagem útil, não só para traçar fronteiras, e fortalecer redes e grupos, mas também para perfurá-las. Mesmo indo de encontro a uma crença, o Meme pode produzir o riso, ou uma sensação agradável o suficiente para comunicar e afetar aquilo que não se pretendia absorver e ser afetado. O Meme demonstra sua força comunicacional porque explora a dificuldade na interação entre diversas percepções da realidade. Esta dificuldade ocorre pelo nível alto de absorção da informação que gerenciamos para podermos negociar, tomar posição, interagir, opinar, jogar, e travar toda sorte de relações afetivas e profissionais. Esta demanda por compartilhar símbolos em diferentes espaços com um tempo curto e de forma cada vez mais complexa e reflexiva, abre as portas para a comunicação velada e repleta de eufemismos e ambiguidades do humor. Todos os Universitários entrevistados afirmaram já ter rido em algum momento de um Meme que lhes incomode, ache ofensivo, ou de mal gosto, ou preconceituoso. Essa característica encontra sua difusão pelo formato do humor em Meme, e libera a energia por ele representada de forma subliminar.

A quarta hipótese é um complemento da terceira, pois com a crise do Estado moderno e a crise da democracia liberal, provocadas pelas sucessivas crises da economia neoliberal e ultraliberal, e redes cada vez mais globais de decisão que excluem o cidadão comum em todo o mundo, ocorre uma ruptura na representação política. Já é rotineira uma sensação no imaginário coletivo de que a política em si é ineficaz como resolução de seus problemas imediatos. Essa sensação que produz consequências práticas no mundo todo, em diversos aspectos, também modifica nosso modo de construir/inventar identidades nas redes virtuais. Com a Web 2.0, esse empoderamento ocorre em diversas formas e expressões e por uma participação cada vez mais compulsiva dos cidadãos nos aplicativos referentes a redes sociais. Entre os estudantes universitários, todos relatam algum envolvimento com as redes sociais e o tempo dedicado a ele é tido frequentemente como prioritário, isso demonstra a força da Web 2.0. Nos aplicativos Facebook, WhatsApp, Instagram, Twitter, para citar os mais populares, a produção do conteúdo pelos próprios consumidores, e sua interação entre variadas redes são atividades frequentes, portanto pertencentes a uma dinâmica interativa que demonstra alto nível de participação e engajamento. Deste modo argumentamos que o Meme acarreta, de modo subliminar, tanto o empoderamento político do cidadão comum, como a sensação de uma participação mais ativa, próxima de algum modo do debate público. Traçamos uma terminologia para entender a multiplicidade desse fenômeno, referentes aos padrões de significados que emite, que percebemos como: Memes-ataque e defesa, e Memes-notícia (Fake News), isso tornou-se notório a partir da análise de diversos grupos, páginas, e Tuites que disseminam Memes, ocultando assim a ruptura entre a democracia e decisões cada vez mais independentes das pessoas comuns.

O Meme como elemento da Web 2.0, traduz o efeito mais acabado e exato desse processo de engajamento, porque possui dupla funcionalidade, a primeira sendo o modo de retomada desse poder político, através dos que eu chamo de “Meme-ataque”, “Meme-defesa” e “Meme-Fake News”. Como dissemos, entendemos aqui o Meme como toda montagem entre palavras, imagens e vídeos que possuem um tom cômico; cada categoria de Memes mencionados aqui possuem essas especificações. O Meme-ataque procura atacar personalidades políticas, assim como movimentos e causas; o Meme-defesa pretende unir os significados em torno da defesa de um movimento, causa, ou personalidade política. O Meme-Fake News contribui à produção da chamada “pós-verdade” (Oxford Dictionaries, 2016) e atravessa todas as formas de Meme, fomentando

certezas à revelia dos fatos e evidências que os contradizem. A segunda maneira pela qual o Meme expressa essa funcionalidade, é a sua ligação intrínseca com a natureza mais íntima do humor, ou seja, ambiguidade, polissemia, hermenêutica e brevidade de efeitos na percepção do emissor e do receptor do Meme (essas duas categorias se retroalimentam constantemente na Web 2.0, mesmo quando o emissor é uma página e o receptor um indivíduo); desta maneira o Meme torna-se funcional. De fato, ele funciona como um modo compulsivo de participação social e política, além de um modo de comunicação que permite maior flexibilidade na performance e atuação comunicativa, pois, devido ao formato em redes das relações humanas, onde redes de interdependências produzem um efeito que exige cada vez mais reflexividade para monitorar e delimitar os diversos espaços de interações, o Meme representa uma proteção contra atos falhos, incompetências gerais na performance e erros corriqueiros na representação dos atores sociais.

A distância dos centros de poder decisório, que se sobrepõe ao planejamento das pessoas comuns referentes ao seu presente e futuro, em suas vidas cotidianas, depararam-se com um incrível modo de performar partes do seu ser. Os aplicativos e as mais diversas redes sociais virtuais dão voz aos atores que estão fora dos grandes palcos de poder, ou ocultam em alguma medida a crise do estado moderno e da democracia liberal, por meio de um processo de participação voluntária, que tem se tornado cada vez mais compulsiva, de produção de conteúdo na internet.

Mas por que o Meme aqui é importante? Primeiro, como já dissemos o humor possui propriedades únicas que facilitam o modo como gerir a comunicação frente a tantos cruzamentos entre nossas próprias redes: o monitoramento reflexivo da ação torna-se mais simples com a relatividade, ambiguidade e brevidade próprias do humor. Aliás, o processo singular atual na política, em seu mais abrangente significado, está se tornando cada vez mais a política do escândalo, em que notícias negativas valem mais do que as positivas, e por uma concorrência que se autorregula, o escândalo do outro é o Meme de agora.

A luta pelo poder nas sociedades democráticas atuais passa pela política midiática, pela política do escândalo e pela autonomia comunicativa dos cidadãos. (...) Nesse mundo, as mensagens midiáticas que formam opinião devem ser extremamente simples. Sua elaboração é posterior ao seu impacto. A mensagem mais impactante é uma imagem. E a imagem mais sintética é o rosto humano, no qual nos projetamos a partir de uma relação de identificação que gera confiança. Porque, como

sabemos, aprendendo da neurociência mais avançada, a política é fundamentalmente emocional, por mais que isso pese aos racionalistas ancorados em um iluminismo que há tempos perdeu seu brilho. A partir desse primeiro reflexo emocional que marca nosso universo visual emocional, procedemos ao processo cognitivo de elaboração e decisão. A impressão vai se tornando opinião. E se confirma ou se desmente na elaboração do debate contínuo que acontece nas redes sociais em interação com a mídia. A comunicação de massa se modela mediante a autocomunicação de massa através da internet e das plataformas wi-fi onipresentes em nossa prática. A dinâmica de construção de uma mensagem simples e facilmente debatível em um universo multiforme conduz à personalização da política. É em torno da liderança possível de alguém que se constrói a confiança na bondade de um projeto. Assim, a forma de luta política mais eficaz é a destruição dessa confiança através da destruição moral e da imagem de quem se postula como líder. As mensagens negativas são cinco vezes mais eficazes em sua influência do que a positivas. Portanto, trata-se de inserir negatividade de conteúdos na imagem da pessoa que se quer destruir, a fim de eliminar o vínculo de confiança com os cidadãos. (CASTELLS, 2018, p. 26-27)

Nessa lógica o Meme serve para cobrir o espaço deixado pela política representativa tão debilitada, e por uma democracia liberal que já perde sua relevância no imaginário social. Essa sensação de vácuo da política tradicional produz consequências práticas no mundo todo, em diversos aspectos, e também modifica nosso modo de construir/inventar identidades nas redes virtuais. O Meme acarreta tanto o empoderamento político do cidadão comum, através, como já foi dito, de Memes-ataque e defesa e Memes-notícia (Fake News), como a sensação de uma participação mais ativa, próximas de algum modo do debate público, sublimando assim a ruptura entre a democracia e decisões cada vez mais independentes das pessoas comuns.

Capítulo 2

A arte de propagar engajamento

Em seu livro “Os engenheiros do caos”, Giuliano Da Empoli (2019) retrata uma das causas do surgimento de uma nova forma de engajamento, assim como de fazer política, caracterizado em última instância por um individualismo de massa. Ele busca os assim denominados engenheiros desse modelo, as pessoas por traz dos algoritmos que propagam o insuflado engajamento na Web 2.0, fomentando teorias conspiracionistas, alarmantes, contra minorias. Além do caso da Cambridge Analytica já mencionado, os “engenheiros do caos” possibilitam o deslocamento de todo o jogo político e social para

um cenário de disputas de narrativas. O direcionamento emocional da população para a esfera virtual e relacional é regida por algoritmos por um lado e um forte sentimento antiglobalização por outro, gerado pelas incertezas profundas ligadas ao alto nível de competição subjetiva implícito na economia neoliberal.

Pretendemos explorar cada um desses pontos para absorver o fio que liga neoliberalismo, engajamento, Web 2.0, política do escândalo, algoritmos, emoções e que transforma o Meme numa das principais formas de comunicar do século XXI. Nessa abordagem percebemos a ascensão da política do escândalo como o principal perfil e *modus operandi* da disputa por espaços de poder e preferência na hora de comunicar. Só existe a experiência do belo se dialeticamente se percebe o feio; o bom só é notado porque se define o que é mal; nossa estética e moral são definidos a partir da oposição, na vida social isso não é diferente, prefere-se um caminho político devido as características do seu adversário, ou melhor, se escolhe a partir da prática da oposição tanto estética como moralmente e nada é mais eficiente para organizar e operacionalizar isso que o humor achincalhador do Meme.

Voltando para “Os engenheiros do caos”, o autor percebe como os algoritmos impulsionam uma política do escândalo que por sua vez favorece atores políticos e grupos de poder que privilegiam a pós-verdade, as teorias da conspiração, a antiglobalização e a desqualificação das minorias. No entanto, dentre este amontoado de grupos, existem dezenas de separações e contradições que não impedem de se unir graças ao envio personalizado de mensagens direcionadas.

Para os novos Doutores Fantásticos da política, o jogo não consiste mais em unir as pessoas em torno de um denominador comum, mas, ao contrário, em inflamar as paixões do maior número possível de grupelhos para, em seguida, adicioná-los, mesmo à revelia. Para conquistar uma maioria, eles não vão convergir para o centro, e sim unir-se aos extremos.

Cultivando a cólera de cada um sem se preocupar com a coerência do coletivo, o algoritmo dos engenheiros do caos dilui as antigas barreiras ideológicas e rearticula o conflito político tendo como base uma simples oposição entre o povo e as elites. No caso do Brexit, assim como nos casos de Trump e da Itália, o sucesso dos nacional-populistas se mede pela capacidade de fazer explodir a cisão esquerda/direita para captar o voto de todos os revoltados e furiosos, e não apenas dos fascistas. (EMPOLI, 2019, p. 21)

Essa oposição entre o povo e as elites é ocasionada, por sua vez, por conta da crise de representatividade e da crise da democracia liberal ocasionadas por décadas de

prescrição neoliberal. O aumento das desigualdades relacionados a distância que centros cosmopolitas possuem das periferias, cria nichos ou “nós” de poder distantes das pessoas ordinárias, favorecendo a escalada antiglobalização como resposta. Os atores políticos mencionados acima, os denominados nacional-populistas, representam uma tendência crescente pelo mundo. No Brasil o presidente eleito Jair Bolsonaro encarna essa tendência, se diz um não político convencional, tentando manifestar constantemente a ideia de pessoa comum, inclusive em sua performance de ignorar as evidências e seguir uma determinada espontaneidade explosiva, aparentando representar mais seus sentimentos imediatos e uma revolta contra as “elites corruptas que sempre dominaram”, utilizando frequentemente acusações não apoiadas em provas ou evidências, mas em teorias conspiracionistas e construindo um ideal de inimigo a ser combatido. Contudo há diferenças entre Bolsonaro e os outros casos de governos nacional-populistas. Enquanto Bolsonaro não exclui de seu programa de governo uma economia de mercado que favoreça a competição internacional, preferindo um mercado aberto, sem tarifas alfandegárias aos produtos externos, o presidente dos EUA, por exemplo, embora adote as mesmas performances de espontaneidade explosiva e construa um inimigo cuja eliminação resolveria todos os problemas levantados, promove uma política comercial dita protecionista, defendendo assim uma intervenção estatal em sua balança comercial que favoreça os produtos norte-americanos.

Esse comportamento dos grupos e atores políticos nacional-populistas possuem o componente do inesperado e absurdo como forma de acusar, extremamente potencializados pelos Memes, pois como vimos nada é mais próximo do humor que o absurdo e o inesperado. A incongruência possui uma força disruptiva que alimenta e desperta algo em nós, seja para legitimar com raiva, seja para evidenciar com medo.

Naturalmente, como as redes sociais, a nova propaganda se alimenta sobretudo de emoções negativas, pois são essas que garantem a maior participação, daí o sucesso das fake News e das teorias da conspiração. Mas tal tipo de comunicação possui também um lado festivo e libertário, comumente desconhecido daqueles que enfatizam unicamente a faceta sombria do carnaval populista. O escárnio vem sendo, desde então, a ferramenta mais eficiente para dissolver hierarquias. Durante o carnaval, um bom e libertador ataque de riso [e capaz de enterrar a ostentação do poder, suas regras e suas pretensões. Nada mais devastador para a autoridade que o impertinente, que a transforma em objeto de ridículo. (EMPOLI, 2019, p. 21)

O humor como vimos ao longo do texto não possui ideologia, pode ser replicado em diversos contextos espelhando igualmente múltiplos significados. O Meme potencializa um novo modo de fazer política, não mais localizado nos centros, mas partindo das periferias, mesmo que seja uma periferia já estruturada por algoritmos que personalizam grupelhos a base do ódio e do medo contra minorias étnicas, sexuais, de gênero, de cor, ideológicos, ou/e relacionado a crenças religiosas. Esse humor que por sua vez é formado por séculos de patriarcalismo, etnocentrismo dos mais variados, e intolerância a alteridade dos mais diferentes tipos formam o conteúdo do Meme que gera tanta identificação e sedução a diversas pessoas comuns, ao mesmo tempo que exclui tantos outros tipos de reconhecimento.

O discurso nacional-populista encontra assim amparo em relações transnacionais, que exploram significados e certo tipo de humor já moldado ao longo de séculos, refinados agora no formato de Meme-notícia, Meme-fake News, Meme-marketing político.

Figura 14



Fonte: Museu de Memes

Figura 15



Fonte: BuzzFeed

Figura 16



Fonte: memedroid

Figura 17



Fonte: naoentreaki

As figuras 14, 15, 16 e 17 negam várias formas de reconhecimento, e estão ancoradas num humor antigo, seja ele em torno da cor, da etnia, da sexualidade ou do gênero, relacionado a qualquer tipo de sensibilidade que procure não reconhecer o outro para além de seu próprio círculo social e padrão de comportamento. Para aqueles que acham esse tipo de humor ofensivo, ou de mal gosto, existe o emblema ou estigma de ser politicamente correto ou a frase muitas vezes falada, já um jargão: “o mundo está chato demais”. Séculos de processos sociais que motivaram sucessivas exclusões sociais e diversos tipos de silenciamento reforçam o “gosto” por esses conteúdos humorísticos.

Reconhecimento da capacidade da inteligência e conhecimento do outro, independentemente do local de sua morada, ou da cor de sua pele, ou mesmo das suas práticas sexuais ou sua performance de gênero, estão produzindo através de processos históricos não-lineares e repletos de descontinuidades, outro tipo de humor, um humor que privilegie outros conteúdos e alvos, que desconstrua a ideia de sagrado e profano e inverta papéis arraigados na tradição social. Essa nova modalidade de engajamentos impulsiona uma verdadeira batalha de sentidos, símbolos e significados, ampliando oposições na comunicação e linguagem, assim como fortalecendo conceitos e uma maneira própria de falar, expressar e ser de cada grupo envolvido, sempre com uma dinâmica interacional própria em suas transformações.

Essa modalidade de humor ancorada na tradição de não reconhecimento é um dos fatores que relacionam internacionalmente diversos grupos que estão longe de convergir

em todos seus aspectos. Como observamos, o humor tem essa capacidade de flexibilizar significados e torná-los mais palatáveis. Quando se rir de um Meme racista, xenófobo ou LGBTQ-fóbico, muitas vezes não se endossa todas as práticas de não reconhecimento desses grupos, ou pelo menos essa argumentação pode ser utilizada, mas se experimenta apenas um reflexo corporal, um ato falho ao rir, já estruturado numa rotinização do preconceito, uma consciência prática que é difícil abandonar.

Com a argumentação que o humor pode tudo, também se une perspectivas com um mundo que exige diversas outras modalidades de reconhecimento, a modernidade tardia¹⁷ nunca deixou de ser tardia, no sentido de que não se desenvolveu plenamente. O Meme que nega reconhecimentos é funcional para a onda direitista ou nacional-populista que uniu diversos grupos. Graças também aos algoritmos direcionados e personalizados para criar raiva e medo, estabelecendo culpados pela crescente desigualdade mundial, a direita nacional-populista consegue unificar, não apenas nacionalmente, mas de maneira transnacional essas representações. O Meme tem papel fundamental nisto, pois os elementos contraditórios entre esses grupos que poderiam representar empecilhos à alianças são suavizados pelo humor, ao mesmo tempo que uma linguagem em comum é desenvolvida de forma positiva, selecionando aquilo que une e desconsiderando como de menor importância, irrelevante, como brincadeira, ou ilusório aquilo que separa, numa série de convergências de significados.

A internacional dos nacionalistas se desenvolve bem além das fronteiras da velha Europa. Em primeiro de janeiro de 2019, em Brasília, a cerimônia de posse do novo presidente Jair Bolsonaro foi celebrada com entusiasmo por seus dois principais aliados ideológicos na Europa e Oriente Médio, o primeiro ministro húngaro Viktor Orban e o israelense Benjamin Netanyahu, que estiveram presentes a capital brasileira. Mesmo ausente, Donald Trump fez questão de participar da festa expressando sua alegria no Twitter: “Os Estados Unidos estão com você!”. Resposta de Bolsonaro: “Juntos, sob a proteção de Deus, nós traremos prosperidade e progresso a nossos povos!”. Alguns dias depois, por ocasião da primeira visita oficial de Bolsonaro a Casa Branca, Steve Bannon organizou a projeção de um documentário sobre o ideólogo do presidente brasileiro, o filósofo/astrólogo Olavo de Carvalho, com quem ele partilha várias ideias e a quem considera, em suas próprias palavras, “um pensador seminal” [...].

Bem longe de se resumir ao aspecto anedótico, essa colaboração tem consequências consideráveis no plano geopolítico, e já modificou

¹⁷ Termo utilizado por Antony Giddens que identifica como diversos estilos de vida surgidos na modernidade causaram um efeito disruptor e tensões na subjetividade e práticas em estilos de vida sustentados num modelo patriarcalista tradicional, produzindo uma modernidade em termos técnicos, mas que não se traduzia totalmente em questões culturais.

os contornos do ciberespaço, pelo desenvolvimento de uma cadeia global de pessoas capazes de conduzir operações de desinformação de um canto a outro do planeta. Além do mais, gera relações e trocas de experiências que permitem aos nacional-populistas replicar, por diversos países, os modelos de campanha mais eficazes. (Empoli, 2019, p. 39)

Steve Bannon é um dos engenheiros do caos retratados no trabalho de Empoli, ele é um dos executivos da Cambridge Analytica, além de participar de diversos movimentos nacional-populistas e ser um importante agente de vínculo entre esses grupos. Apesar da barreira linguística, muito da formatação, conteúdo e organização das montagens em forma de palavras, imagens, ou vídeos que se disseminam nesses grupos, é semelhante, quando não igual. Seus apelos se configuram quase como réplicas, assemelhando-se sempre mais a formatação do Meme. As vezes até é difícil destacar a configuração de Meme nessas “informações”, pois o humor é um elemento interpretativo que pode ser entendido como motivador de riso para alguns e não para outros. De todo modo vamos perceber a similaridade da formatação com os Meme em quase todas essas “informações” veiculadas. O exemplo Italiano do movimento 5 estrelas traduz bem essas características:

[...] A Casaleggio Associati produz as informações e as distribui em seus próprios canais. Elas já são recortadas, sob medida, para viralizar no Facebook e nas outras redes sociais. Os títulos são sedutores, muitas vezes enganosos, outras vezes violentos. Começam quase sempre com as mesmas palavras e expressões: Vergonhoso, Péssima notícia, isto é Itália!, Vocês vão ficar chocados, Basta!, É o fim!. De início, antecipa-se a emoção, em geral negativa, que se quer suscitar. Depois, divulgada a informação, as vezes verdadeira, mas muito frequentemente falsa, convida-se a participação: Compartilhe!, Faça circular, Máxima difusão! O único critério de seleção, bem entendido, são os cliques. (EMPOLI, 2019, p.56)

Esse modelo de comunicação encontra seu apelo na política do escândalo, e por sua própria natureza encontra no deboche ao grotesco, ou na curiosidade pelo oculto, ou mesmo na descoberta de culpa, e conseqüente direcionamento do ódio uma força que produz engajamento inigualável nas redes. A arte de engajar aqui é praticada em um dos seus elementos mais basilares: captar em etapas. Primeiro, se provoca a curiosidade por algo que ofende as variadas gramáticas morais, ou seja, pelo ódio e logo em seguida se lança um apelo a reagir, não de forma custosa, mas simples, com um compartilhamento, clique, fomentando formas de reconhecimento virtual. Isso coloca no controle da situação

o receptor do conteúdo, oferecendo a ele um modo de reagir não custosa à suposta “causa” de seus infortúnios.

Figura 18



Fonte: Socialista Morena (Google)

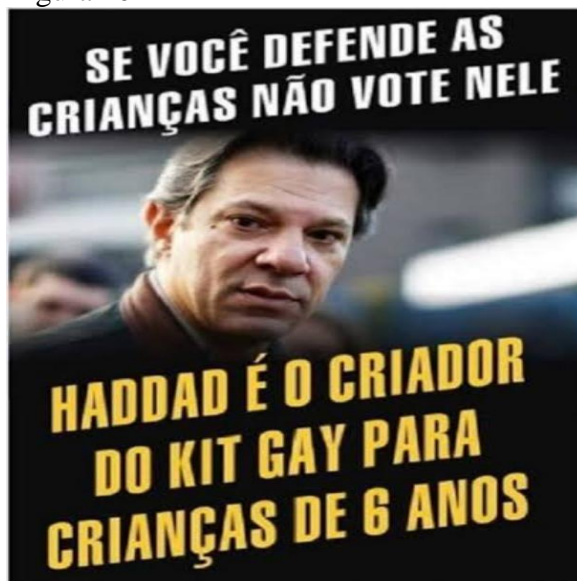
Figura 19



Fonte: Desconhecida

As figuras 18 e 19 não expressam, diretamente, um conteúdo humorístico. No entanto, a 19 expõe certo nível de ironia e exagero em tom de urgência e a 18, com a foto de Dilma Rousseff e Lula estarem propositalmente em ângulos desfavoráveis, provoca determinada comicidade e repulsa. A figura 20 segue a mesma linha, uma informação falsa repleta de exagero e apelo, com certo tom cômico pelo absurdo flagrante da informação contida. Contudo, para o público com uma tendência a acreditar em informações negativas referentes aquilo que lhes interessa atacar, aqui no caso o Partido dos Trabalhadores e seus atores políticos, ou membros da esquerda em geral, a mensagem da figura reacende a narrativa de indignação, repulsa e ódio a esse grupo. Ela cristaliza não a discordância, mas um sentimento coletivo de repulsa: nessa altura, cessa qualquer possibilidade de diálogo.

Figura 20



Fonte: Elpais

2.1 Engajamento a partir das emoções

As emoções são comumente associadas a intempestividade, a falta de controle e mesmo vista como uma produção do corpo, animalésca, em luta constante com a nossa racionalidade. Essa percepção alcança adeptos em muitas tradições de conhecimento. Desde Descartes, em sua obra: “discurso do método”, uma separação mente e corpo, racionalidade e emoções foram postas em oposição, excludentes em suas naturezas. Tal pensamento foi combatido na obra: “O erro de Descartes” do neurocientista Antônio R. Damásio (1994).

Damásio relata diversos casos de doentes neurológicos, que tinham perdido a capacidade de sentir emoções, mas mantendo todas as outras funções cognitivas como: memória, raciocínio lógico, imaginação etc. As vidas deles caíram numa espiral de problemas relacionados a interação social, principalmente decorrentes da capacidade de tomar decisões e conseguir se relacionar com outras pessoas, com alteração profunda da personalidade. Apesar de não perderem funções cognitivas, mas perdendo suas capacidades de sentir as emoções, não conseguiram mais enfrentar problemas novos, escolher e se posicionar frente alternativas nunca experienciadas. Em outras palavras, conclui Damásio, sem emoção a racionalidade funciona somente em situações rotineiras, mas não frente a novas situações problemáticas. Isso explicaria a dificuldade deles especialmente no âmbito social, pois enfrentar novas escolhas problemáticas é uma condição frequente exatamente nesse âmbito.

Primeiro ponto percebido por Damásio (1996) foi como o cérebro humano e o resto do corpo estão intrinsecamente ligados e interdependentes, formados por um conjunto integrado de circuitos reguladores bioquímicos e neurológicos mutuamente interativos; no segundo ponto ele observa que o organismo está totalmente ligado ao corpo, que por sua vez interage e se constitui a partir do ambiente, a interação não se limita exclusivamente ao corpo, nem ao cérebro; o terceiro ponto demonstra como as operações fisiológicas não dependem exclusivamente do cérebro, mas sim desse conjunto de relações entre corpo e funções cognitivas, portanto, o cérebro só pode ser compreendido levando em consideração o corpo e os efeitos, adaptações, sensações do ambiente assim como os movimentos dos fluxos culturais que são experienciados e que constroem gramáticas morais.

Desta maneira Damásio recusa a separação entre corpo e mente, demonstrando como os seres humanos não são constituídos pelo corpo e pela mente como entidades separadas que se sobrepõem uma a outra, mas sim por uma rede complexa de interdependências neurobiológicas. As emoções são funcionais à adaptação do organismo ao ambiente, representam a forma pela qual o organismo humano responde às perturbações externas. As respostas emocionais dos organismos vivos, incluindo os humanos, podem ser involuntários e inconscientes. Quando se tornam conscientes, a saber, quando o ser vivo “sente as emoções, se constitui também o fenômeno das imagens mentais. Assim, imagens e emoções se constituem de forma interconectada. Dessa conclusão nasce a hipótese do marcador somático que ele formula (DAMASIO, 1996). O corpo através das sensações e emoções produz uma memória corporal e imagética enrustada nele. Trata-se de disposições carregadas de lembranças emocionais positivas ou negativas estabelecendo um conjunto de preferências que agem de forma automática, a nível inconsciente, sobre a tomada de decisões. Em Giddens, podemos supor o marcador somático na consciência prática, que sabe jogar, mesmo não sabendo explicar antes por que se joga e quais as vantagens desse jogo.

Os marcadores-somáticos são, portanto, adquiridos através da experiência, sob o controle de um sistema interno de preferências e sob a influência de um conjunto externo de circunstâncias que incluem não só entidades e fenômenos com os quais o organismo tem de interagir, mas também convenções sociais e regras éticas. (DAMASIO, 1996, p. 211).

O erro de Descartes nos ajuda a observar como o Meme produz através da experiência uma predileção por certo tipo de humor, já legitimado e muito estimulado, o que nos faz entender o porquê a maioria dos universitários entrevistados declararem ter rido ou compartilhado de algo que lhes cause incômodo, de determinado humor que por vezes os ofende diretamente ou indiretamente. Não é apenas um rir de si, vai além disso, expressa uma predominância do humor na maneira de comunicar, pois seduz primeiro pelo corpo, que ri não apenas com a ética, mas sim com uma série de experiências corporais positivas que se imiscui no imaginário e produz uma reação automática, antes mesmo de conseguir refletir minimamente ou profundamente sobre aquilo.

Essa reação, no entanto, não é definitiva, por isto novos conteúdos de humor aparecem todos os dias nas redes, ironizando e representando como grotesco uma série de comportamentos considerados discriminatórios e preconceituosos. Essa modalidade de riso em tom de sátira daqueles que historicamente pertencem a uma classe de privilegiados sociais, possuem sua potência, demonstrado como nosso algoritmo (marcador somático) interno pode ser alterado. De todo modo o trabalho de percepção das experiências e a carga emocional do que é produzido disto formula uma série de respostas automáticas a diversas situações e interações sociais, que por sua vez se baseia numa ética, e gramáticas morais construídas culturalmente. Por isto tendemos a reproduzir risos que negam reconhecimento para diversas minorias, de forma direta ou indiretamente.

Figura 21



Fonte: Museu de Memes

Figura 22



Fonte: Museu de Memes

Figura 23



Bic Müller
@bicmuller

* - As minorias já tem direitos, o que não dá é pra terem mais direitos que a gente, sabe?

Fonte: Museu de Memes

Figura 24



Fonte: Museu de Memes

A arte de engajar virtualmente, ocorre primeiramente, por uma sucessão de processos históricos que instigam nas pessoas emoções frustrantes, referentes a falta de controle sobre suas vidas devido as crises financeira, política e social, que por sua vez necessitam que essas frustrações sucessivas sejam reconhecidas de alguma forma. Os Memes constituem um modo em que muitas emoções são expressadas e reconhecidas com a advento da Web 2.0. Eles representam a possibilidade de aprimorar processos de subjetivação, com a criação de variados perfis, personas em interação, promovendo na reflexividade variadas transformações e adaptações, possibilitando com isto a vasão de uma série de energias reprimidas, tanto politicamente como culturalmente.

Essa forma de participar, que possui contornos de compulsividade, a medida que as pessoas relatam utilizar a internet a maior parte do seu dia, no caso aqui os universitários, se estende para a maior parte da população; isso fica claro segundo os números da PBM de 2018, em que 86% dos usuários de internet a utilizam todos os dias. As emoções apesar de serem vistas como algo peculiar de cada subjetividade, demonstra ao contrário, certa rotinização de suas práticas e coletivização em suas representações e efeitos cotidianos.

Os sentimentos, sensações, afetos e desafetos por mais que aparentem ser um processo de individualização histórica, traduz sentimentos individuais que se repetem na forma de padrões para a maior parte da população. Cada manifestação individual tem

como pano de fundo uma padronização nos gostos, disposições e reflexividade, como já mencionamos; o pensar e o sentir não estão separados, mas sim se complementam e, apesar das idiossincrasias, ocorrem com similaridade em determinado tempo e espaço e de forma interativa com outros seres humanos. Portanto o sentir as emoções é frequentemente um fenômeno coletivo, e exhibe padrões sociais em suas manifestações individuais, apenas com sutis mudanças na maneira que esses sentimentos coletivos são sentidos e representados.

Emoções coletivas participam ativamente da rede de interdependências globais e seus movimentos. De uma forma ou de outra a energia reprimida dos “fracos” adquire amplitude mesmo que não ocorra de modo disruptivo, mas para algum lugar se dirige. Esse lugar é captado pela arte de engajar virtualmente, que se constitui hoje como a arte de direcionar intenção e sentidos, personalizando mensagens e conteúdos aproveitando frustrações coletivas.

Num livro publicado em 2006, Peter Sloterdijk reconstruiu a história política da cólera. Segundo ele, um sentimento irresistível atravessa todas as sociedades, alimentado por aqueles que, com ou sem razão, pensam ter sido lesados, excluídos, discriminados ou insuficientemente ouvidos. Historicamente, a Igreja foi a primeira a abrir os exaustores para que essa imensa raiva acumulada se expandisse. Depois, os partidos de esquerda tomaram a frente a partir do fim do século XIX. Esses últimos garantiram, segundo Sloterdijk, a função de “banco de cólera”, acumulando as energias que, em vez de serem gastas num instante, poderiam ser investidas na construção de um projeto mais amplo. Um exercício difícil, pois se tratava, de um lado, de ativar constantemente a fúria e o ressentimento e, ao mesmo tempo, controlar tais sentimentos para que não fossem desperdiçados em episódios individuais, mas servindo à realização de um plano maior. Segundo esse esquema, o predador se transforma em militante, e sua raiva encontra um caminho político para se expressar.

Hoje, diz Sloterdijk, ninguém gerencia mais a cólera que os homens acumulam. Nem a religião católica – que teve de abandonar os tons apocalípticos, o juízo universal e a revanche dos humilhados no “outro mundo” para se adaptar a modernidade –, nem a esquerda – que, em geral, reconciliou-se com os princípios da democracia liberal e as regras do mercado. Por isso, desde o início do século XXI, a cólera passou a se expressar de maneira cada vez mais desorganizada, dos movimentos antiglobalização às revoltas dos subúrbios.

Dez anos depois da publicação do ensaio de Sloterdijk, já está comprovado que as forças da ira se reorganizaram e expressam-se no centro da galáxia dos novos populismos que, do Leste Europeu aos Estados Unidos, passando pela Itália, a Áustria e os países escandinavos, dominam cada dia mais um pouco a cena política de seus respectivos países. Para além de todas as diferenças entre si, esses movimentos têm como ponto comum o fato de pôr em primeiro lugar de sua agenda política a punição das elites tradicionais, de direita e de

esquerda. Essas últimas são acusadas de terem traído o mandato popular, ao cultivar os interesses de uma minoria restrita em vez de servir aos anseios da “maioria silenciosa”. Muito mais que medidas específicas, os líderes populistas oferecem aos eleitores uma oportunidade única: votar neles significa servir de torcida contra os governantes. (EMPOLI, 2019, p. 71-72)

A história não é separada por categorias, mas ocorre através de processos, que são descontínuos e atravessados por outros movimentos. O banco de cólera mencionado acima, não é monopolizado como antes, mas ainda recebe muito da sua vazão em cosmovisões teológicas, político-partidárias e populistas dos mais variados, as vezes tudo isso junto. Contudo uma predominância evidente alcança esses pontos atualmente, a sensação de exclusão das pessoas comuns, não só a partir de reinvenções culturais advindas de toda uma gama de mudanças econômicas vindas da globalização, mas devido ao assim denominado narcisismo de massa.

O narcisismo de massa (EMPOLI, 2019) refere-se ao comportamento que atribui culpa de forma apressada, à reflexão sobre essa culpa a partir de informações falsas, diminuindo a complexidade da vida, à mera formulação maniqueísta e simplista de que o outro é errado, demonstrando com isto um formato narcísico. Sempre atribuindo culpa ao outro, referente a todos os males que lhes recaem, essa manifestação emocional coletiva, da ira ao estrangeiro, do diferente, está em ressonância com uma tradição humorística já consolidada: o não reconhecimento de minorias políticas e sociais; se atribui assim culpa e ódio, mais facilmente, àquilo do que sempre se riu e temeu.

A cultura atual, ao estabelecer esse ideal, propicia o investimento libidinal do indivíduo em si mesmo, que, na visão de Maia (2001) e Guinsberg (2001), favorece as denominadas patologias do narcisismo, entre as quais se situa a depressão. Estas remetem o indivíduo ao estágio do desenvolvimento humano no qual o bebê não se reconhece enquanto ser separado do mundo externo: percebe-se fundido com o mundo, não há o sentimento de alteridade, de reconhecimento do outro, sendo que a libido se encontra voltada para si mesmo, requerendo que suas necessidades sejam satisfeitas imediatamente, caso contrário geram grande tensão (Laplanche e Pontalis, 1983).

Segundo Freud (1973), um retorno a essa fase ocorre diante do desamparo, de situações nas quais o indivíduo se depara com a desproteção que o levam a recorrer a mecanismos que o defendam de possíveis aniquilações, como rejeição ao perigo que o ameaça. Regride, portanto, ao estágio em que a criança se sente onipotente, ela se basta. Tais manifestações podem ser compreendidas como resultado da tentativa de os indivíduos se incluírem na cultura; o adoecimento reflete, portanto, o caráter social (nos termos de Fromm, 1979, o ideal de sujeito) cobrado dos mesmos. O homem, encontrando-se

desamparado pelo próximo (que lhe é obstáculo à realização pessoal), abandonado pelo Estado, desloca a libido de objetos externos e investe-a em si mesmo para que possa suportar a caminhada que fará solitariamente rumo aos seus objetivos - incertos - a serem atingidos. Destituído de apoio, iguala-se a um deus. (CAMBAÚVA, JUNIOR, 2005)

Com os algoritmos das redes sociais, vinculadas ao uso do Smartphone, uma rede de contatos, interação e práticas diárias de engajamento foram potencializadas a partir de uma perspectiva narcísica, uma busca compulsiva por reconhecimento, porém, que proporciona também um maior potencial de articulação e possibilidades de criação de movimentos sociais disruptivos, como a primavera Árabe e diversos outros movimentos com características de reivindicação autônoma das iniciativas por direitos, que não passam pelas vias institucionais, mas se organizam virtualmente, com fóruns, debates, e movimentos urbanos ocupando espaços públicos (CASTELLS, 2013). Com o aumento da competitividade narcísica a busca pelo novo é exacerbada, assim como a maneira como esse novo pode se articular a fontes “desviantes” de conduta social.

Essas duas tendências são processos que não se excluem, pelo menos no sentido do engajamento, se interpenetram assim e proporcionam uma forma a mais de disputa de narrativas e produção do engajamento:

[...] não são só as elites que mudaram, mas também o “povo”.
 [...] O fato de andar por aí com a verdade nos bolsos, na forma de um pequeno aparelho brilhante e colorido no qual basta apoiar o dedo para ter todas as respostas do mundo, influencia inevitavelmente cada um de nós.
 [...] Cada curtida é uma carícia maternal em nosso ego. A arquitetura do Facebook é toda sustentada sobre a nossa necessidade de reconhecimento, como admite, tranquilamente, seu primeiro financiador, Sean Parker: “Nós fornecemos a você uma pequena dose de dopamina cada vez que alguém o curte, comenta uma foto ou um post, ou qualquer outra coisa sua. É um loop de validação social, exatamente o tipo de coisa que um hacker como eu poderia explorar, porque tira proveito de um ponto fraco da psicologia humana. Os inventores, os criadores, eu, Mark [Zuckerberg], Kevin Systrom, do Instagram, estávamos perfeitamente conscientes disso. E, mesmo assim, fizemos o que fizemos. E isso transforma literalmente as relações que as pessoas têm entre si e com a sociedade como um todo. [...]

Bem antes de Bannon e dos Casaleggio, há o trabalho dos aprendizes de feiticeiros do Vale do silício. O maquinário hiperpotente das redes sociais, suspenso sobre as molas mais primárias da psicologia humana, não foi concebido para nos confortar, mas, pelo contrário, veio à luz para nos manter num estado de incerteza e de carência permanente. (EMPOLI, 2019, p. 74-76)

O estado de incerteza e carência permanentes, não ocorre apenas pelos algoritmos das redes sociais, também está relacionado com uma economia neoliberal e seus efeitos na subjetividade, além da distância das pessoas comuns dos centros de poder, contudo esses processos convergem entre si para um mesmo resultado, que é a necessidade de reconhecimento social. Já mencionamos como Honneth percebe o reconhecimento como alcançando três dimensões. O reconhecimento jurídico é aparentemente dado a todos nas democracias liberais, porém percebemos uma prática jurídica que privilegia uns em funções de outros marcando um padrão de diferenciação a partir de classe, cor, etnia, performances sexuais e de identidades de gênero; já as relacionadas ao amor e a estima social, são reconhecimentos que produzem engajamento nas redes sociais. O Meme participa desses jogos a partir do reconhecimento pelo riso compartilhado, a estima social se eleva ou diminui conforme o outro se identifica com o que se rir e de com quem se rir, pois o riso é fluxo que transpassa os corpos, só pode ser manifestado a partir de emoções que irradiam na reflexividade, distribuindo pequenas porções de significados.

Uma linguagem cômica é conceitualizada na proporção de grupos culturais existentes: existe um riso de resistência e um riso legitimador, um riso racista e um riso anticolonialista, a complexidade da pós-modernidade é que esses risos atravessam uma mesma pessoa a partir de diferentes vivências e experiências, de modo mais frequente hoje em dia. A multiplicidade de personas está a um clique, dispondo do anonimato e facilidades virtuais, essas por sua vez possibilitaram o desenvolvimento dos denominados Trolls (que nasceram de fóruns virtuais de jogadores de videogame e entusiastas da literatura em quadrinhos de super-heróis, mangás etc.); inicialmente esses grupos viviam fechados numa cultura masculina perpassada por certo tipo de humor referentes a essas histórias e temas, mas com o surgimento e entrada de outros públicos em seus espaços reagiram “Trollando” os Outsiders, que é uma forma de “tirar onda”, “satirizar”, “mangar” do outro, através de pegadinhas, ou tentando induzir o outro ao erro ou algum tipo de perda. Com a recriminação por parte da mídia e movimentos feministas, assim como parcela da esquerda a muitas dessas “pegadinhas”, declararam uma verdadeira guerra ao politicamente correto no humor. Esses grupos foram fundamentais para a capilaridade do movimento nacional-populista entre os jovens.

Figura 25



Fonte: South America Memes (Google)

Figura 26

Quando você faz um meme relativamente pesado, chega algum mimimizento e essa pessoa não entende que é A PORRA DE UM MEME CARALHO



Fonte: Memedroid (Google)

O ódio nas redes sociais construídos a partir do humor é recorrente nesse tipo de movimentos virtuais. As emoções possuem aqui um elemento impulsionador em paralelo ao engajamento nas redes, os algoritmos ajudam a impulsionar essas emoções para as teorias conspiracionistas e que tentam deslegitimar parte da ciência, senso comum ou até o mesmo de algum fato verificável.

Para compreender a raiva contemporânea, é preciso, portanto, sair da perspectiva puramente política e entrar numa lógica diferente. A raiva, dizem os psicólogos, “é o afeto narcisista por excelência”, que nasce de uma sensação de solidão e de impotência e que caracteriza a figura do adolescente – um indivíduo ansioso, sempre em busca da aprovação de seus pares, e permanentemente apavorado com a ideia de estar inadequado.

O problema que hoje, nas redes sociais, somos todos adolescentes fechados em nossos pequenos quartos, onde aumenta a frustração por causa do crescente abismo entre a mediocridade de nossas vidas e todas as vidas possíveis que se oferecem virtualmente em nossos monitores e telas de celular. E, exatamente como um adolescente, explicam os psicólogos, temos fortes probabilidades de terminar em dois tipos de sites de internet que alimentam ainda mais nossa frustração: os sites pornográficos e os sites conspiratórios, que exercem um poder de fascinação intenso porque oferecem, enfim, uma explicação plausível para as dificuldades aos quais nos encontramos. (EMPOLI, 2019, p. 76-77).

A arte de engajar, impulsionando aos extremos, inicialmente não visava a uma hegemonia da extrema direita, mas sim a um modelo de negócios das redes sociais virtuais, pretendendo dominar e se manter como dominante no mercado financeiro,

monopolizando a mercadoria própria de uma economia globalizada, que é a informação, aprofundando assim a mais alta dosagem de engajamento possíveis. Uma participação coletiva impulsionada pela necessidade de reconhecimento que aumenta exponencialmente, e um mecanismo tecnológico de canalização do medo que produz frustração, desorientação normativa e cultural, e sensação de impotência e falta de controle constantes num mundo que acorda e dorme sobre diversos riscos. Esses elementos dão vazão a raiva, uma raiva até então invisível, mas que vai crescendo e sendo direcionada para teorias da conspiração que em sua maioria possuem alguns alvos: toda espécie de minorias sociais e políticas evidenciadas pela globalização. A raiva coletiva é canalizada, por meio de algoritmos e teorias conspiracionistas de todo tipo.

Ex-funcionário do YouTube, Guillaume Chaslot explicou claramente de que maneira o algoritmo da plataforma responsável por 70% dos vídeos assistidos, foi concebido para impulsionar o público na direção dos conteúdos mais extremos, maximizando o nível de engajamento até seus limites. Assim, quem procura informações acerca do sistema solar no YouTube terá diante de si um menu bem farto de vídeos sustentando a teoria da Terra Plana, ao passo que o usuário interessado por questões de saúde será rapidamente reorientado para as ideias dos No Vax, o movimento anti-vacina, e dos conspiracionistas. O mesmo mecanismo está acelerado no terreno político. É assim que os brasileiros assistiram, nos últimos anos, à ascensão de uma nova geração de Youtubers de extrema-direita, que souberam explorar o algoritmo da plataforma para multiplicar sua visibilidade (e seu faturamento). [...] (EMPOLI, 2019, p. 80-81)

As teorias conspiracionistas são um prato cheio para Memes mais à esquerda ou que utilizem uma legitimidade dos fatos a partir da legitimidade dada ao discurso científico, todavia para as pessoas comuns, longe da discussão e das verdades científicas, pode valer o discurso concorrente de lideranças políticas e empresariais e entusiastas de teorias da conspiração. Explicações estas que se opõem às análises racionais, bem como a uma tradição cosmológica amparada no discurso religioso, é uma espécie de revanche. Revanche contra as elites cosmopolitas, revanche contra as universidades distantes da maior parte da população, revanche contra o mainstream econômico e cultural e mesmo as mídias tradicionais, contra toda frustração de ser excluído ou não reconhecido como sujeito válido em sua argumentação, revanche pela ausência de controle e reconhecimento.

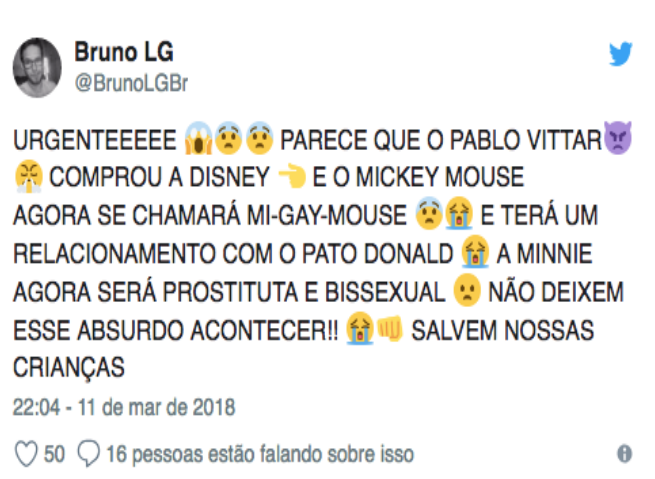
Ocorre assim um efeito cascata de inflexão do senso comum, uma parcela pequena mais barulhenta da população começa a aderir a teorias conspiracionistas, alarmando e construindo narrativas acessíveis as pessoas comuns.

[...] Enquanto todos os comentaristas repetiam que um candidato como aquele não poderia jamais ganhar e que, em todo o caso, uma vez as primárias republicanas vencidas, ele seria obrigado a se moderar para aproximar-se do centro, Galam teorizava o contrário: “A vitória de Trump depende ao mesmo tempo da existência de uma pequena minoria de intolerantes e da existência de uma grande maioria de pessoas tolerantes que repeliram mas conservaram os preconceitos que Trump quer ativar com suas declarações provocantes”. [...] (EMPOLI, 2019, p. 160-161)

Essa perspectiva se repetiu, com algumas peculiaridades, em cada país que cresceu o nacional-populismo. No Brasil o padrão se repetiu com a eleição do Jair Bolsonaro, primeiro a maior parte indiscutível dos analistas, especialistas e comentaristas político davam como certa a derrota de Bolsonaro. Contudo, através de um ar bufão próximo a Trump (presidente dos EUA) o candidato de extrema direita explorou uma série de campanhas de desinformação, como o Kit Gay que seria distribuído pelo partido de oposição, ou que esse partido iria fechar as igrejas, ou mesmo que havia uma ditadura “Gayzista” sendo implantada no Brasil. Todas essas teorias da conspiração poderiam ser facilmente desmentidas quando confrontadas seriamente, no entanto, com o argumento dos apoiadores e entusiastas do Bolsonaro e do conservadorismo brasileiro: “era só uma brincadeira”, ou repetindo incessantemente a mesma notícia notoriamente e por vezes bizarramente falsa, a narrativa recebe o selo da verdade para muitos grupos que cristalizaram já a construção de um inimigo.

Novamente o Meme alcança aqui um elo fundamental nesses processos. Só com o formato de Meme foi possível relativizar a importância e a veracidade da notícia sem precisar se comprometer totalmente com a veracidade dos fatos, ao mesmo tempo que a repetição produzia e produz apoiadores em diversas redes, já que para provar que algo é irreal demora muito mais do que para disseminar desinformação.

Figura 27



Fonte: Museu de Memes

Figura 28



Fonte: Museu de Memes

A figura 27 expõe o riso contra as teorias conspiracionistas, aqui mencionando a ditadura Gayzista: por mais que vá de encontro ao bom senso, esse tipo de Meme altera aos poucos a percepção das pessoas sobre o que é absurdo, e o que pode ser real. A ironia da figura 26 tenta utilizar o absurdo como evidência contrária a conspiração, no entanto, inflamado com grupos evangélicos e católicos essa narrativa conspiracionista ganhou adeptos e alterou o senso comum, pelo menos por um determinado período. Já a figura 28 ganhou espaço graças a um debate presidencial, quando um candidato soltou uma teoria conspiracionista de plano socialista mundial organizada pela URSAL (União das repúblicas socialistas da América Latina), nesse plano tudo já estaria organizado para uma revolução comunista, alguns defensores dessa teoria afirmam que todas as entidades internacionais já são dominadas por comunistas, que já invadiram o saber e dominam plenamente as universidades. Por isso um misto de antiglobalização, e anticomunismo se completam, no Brasil temos o agravante da tradição das ditaduras militar (1964-1985) e seu programa importado dos EUA, macarthismo, e da ditadura civil de (1930-1945) que colocou a culpa da repressão numa ameaça comunista mesmo as evidencias históricas e sociais apontarem distorções claras a essas narrativas do medo, e demonstrando sua real intenção autoritária na disputa política.

[...] Confrontados a uma nova opinião, voltamo-nos para as fontes e as pessoas que constituem nosso próprio meio de convívio de referência: é uma opinião aceitável? Pode ser compartilhada? Ou deve ser rejeitada como falsa e enganosa? Para responder, dirigimo-nos aos outros, porque isso faz parte de nossa natureza de animais sociais. E porque, no fundo, é a coisa mais racional a fazer. Na maior parte das questões, não temos informações de primeira mão e devemos confiar naquilo que nos parece ser a opinião dominante. (EMPOLI, 2019, p. 161-162)

Esse movimento social de que quando as narrativas normativas se multiplicam e variadas possibilidades se apresentam, há uma tendência em ancorar opiniões e constituir gramáticas morais a partir do que se é conhecido, ancorado na tradição cultural ou no círculo de amigos e conhecidos mais legitimados em suas práticas, esse é o argumento que fornece as bases para a ascensão do nacional-populismo. Giddens (referência) e diversos outros autores na sociologia e antropologia apontaram para os efeitos dessa modernidade tardia. A modificação do imaginário social acontece de forma lenta, e só ocorre se acontecer uma convergência de processos sociais: algoritmos, redes sociais, globalização e neoliberalismo convergiram para essa configuração que privilegia extremos políticos em detrimento do alinhamento em direção a um centro.

O limiar de resistência face a uma nova informação ou opinião varia de pessoa para pessoa. Alguns aceitam mais facilmente porque coincidem com as convicções que já cultivam, e outros tem um grau de resistência mais elevado. Mas o certo é que quanto mais aumenta o número de pessoas que adota uma nova ideia (que as vacinas provocam autismo ou que os refugiados são terroristas, por exemplo), mais o limiar de resistência aquilo que é difícil aceitar diminui. Uma vez atingida essa massa crítica, pode ocorrer que, de maneira relativamente indolor, uma comunidade inteira adote uma opinião ou um comportamento que inicialmente eram partilhados apenas por uma minoria muito restrita. (EMPOLI, 2019, p. 162)

Essa transfiguração da narrativa dominante é um fenômeno que se refere à mudança social, constitui seu elemento legitimador a partir da atribuição de culpa, dispensando assim as incertezas que causam medo por um novo sentimento coletivo, a raiva, própria de momentos de transformação e convulsões sociais. Nessa configuração o riso agrega os extremismos ideológicos e conspiracionistas numa narrativa que não observa suas contradições, em busca de uma causa em comum que se tenha atribuído mais importância em relação as outras, no entanto, pouco explorada discursivamente pelos membros comuns desse movimento, pois é muito mais sentido no corpo do que racionalizada, e quando expressa é por meio de frases prontas e repetitivas, do que realmente explicada. O ódio e a raiva coletivas são energias explosivas, que se

sobrepuseram no jogo das narrativas por conta da combinação com outros processos sociais, proporcionando um riso mais acolhedor, estruturado e aberto as diferenças políticas que se colocam de alguma maneira contra minorias, porém mais opressivo, raivoso e restrito quando se fala de fornecer reconhecimento a essas minorias.

Na disputa incessante por reconhecimento, o “ser levado a sério”, mesmo ou principalmente, quando se está brincando, é um dos fatores mais fortes de engajamento nas redes sociais virtuais. Muito dos Memes se refere a acontecimentos do mundo POP, ou mesmo relacionado a fatores de interesse que viralizam em determinado grupo, também guiado por emoções, mais positivas e não necessariamente como uma reação negativa a determinada situação ou processo. Essas emoções, como o medo e a raiva, que se transformam posteriormente em ódio e repulsa, possuem, como seu equivalente e oposto, a esperança e o afeto fruto da empatia.

Seja pelo colorido e atrativo lúdico das redes sociais e os Memes, seja pela frugalidade do humor produzido, apreciado e compartilhado, o humor autodepreciativo em relação as dificuldades de se fazer um curso superior é frequentemente mencionado nas páginas de universitários, ou mesmo o riso sobre os famosos, ou personagens de destaque, bem como a alegria gratuita em observar completos estranhos em situações embaraçosas, humilhantes ou sob o efeito de alguma droga licita ou ilícita. Tudo isto circula como motivo de humor e Meme. A própria incongruência diante de uma ocasião, ou a menção de situações reais, como reações de ciúmes entre casais, animais de estimação com semblantes próximos aos humores humanos, personagens fictícios ou não cometendo atos falhos, expressões linguísticas regionais, sotaques traduzidos de diferentes regiões, proporcionam a diferença e a identificação como fatores positivos, que privilegia práticas e elementos culturais e performáticos em comum, numa estética que denote igualdade nos modos de sentir, pensar e perceber o mundo, assim como vivenciá-lo. Assim segue um formato de Meme que privilegia a empatia, a identificação sentimental coletiva para produzir humor, muito utilizado em Shows de comédia, Memes de todos os tipos, e piadas informais.

Esse Meme, que aqui denomino de empático, alcança níveis altos de engajamento e sedução, o riso é um dos fatores mais fortes de convergência e convencimento. Já mencionamos como Think Thanks neoliberais e de direita agem, comprando páginas que alcançam já determinado público por seu Meme-empático, para poder lançar Memes favoráveis a seus interesses, num processo de mudança sutil, contudo

primordial, na conquista de adeptos a sua linguagem cômica. Os grupos mais progressistas também utilizam páginas de humor para disseminar seus conteúdos e criar uma forma de linguagem humorística. Esses movimentos não possuem forças iguais, já que o primeiro é privilegiado pelos processos históricos já mencionados e recursos mais vastos, enquanto o segundo busca uma forma de humor ainda em fase de consolidação e capilaridade. Contudo o humor empático é o mais bem avaliado e acessível ao público em geral, fornecendo diversos formatos de Memes, em vídeos, montagens entre imagens e palavras e afins, conquistando mais facilmente diversas correntes e por vezes unindo extremos. O Meme empático seria desse modo, uma forma de isca que seduz pela aparente neutralidade.

Figura 29



Fonte: Igrejauniverssauria (Instagram)

Figura 30



Fonte: Otariano (instagram)

Figura 31



Fonte: Igrejauniversauria (Instagram)

Fonte 32



Fonte: memeriagourmet (instagram)

2.2 Neoliberalismo e a arte de engajar:

A nova economia não foi produto da mudança tecnológica e da globalização, mas sim fruto da interação entre mercados, governos, e instituições financeiras como: FMI¹⁸, G7¹⁹, OMC²⁰, Banco mundial²¹ (CASTELLS, 2006). Essas instituições promoveram nas décadas de 1980 até hoje um programa de desregulamentação das economias no mundo todo, amparadas no pacote econômico que é o neoliberalismo, que possui diversos efeitos que vão além da economia e se infiltram em aspectos socioculturais²². Essa vertente econômica obteve seu desenvolvimento acadêmico principalmente pela escola de Friburgo na Alemanha ainda em pré-segunda guerra mundial, e posteriormente a Escola de Chicago nos EUA, encabeçada politicamente pela primeira ministra do Reino Unido Margaret Thatcher entre 1979 e 1990 e Ronald Reagan presidente dos EUA entre 1981 a

¹⁸ Fundo monetário internacional, essa agência empresta dinheiro a países endividados, através de recursos dos países mais desenvolvidos economicamente e cobra através de políticas de austeridade econômica e programas de implantação do neoliberalismo.

¹⁹ Grupo dos 07 países mais ricos do mundo, que na maioria das vezes foram os países que mais incentivaram para a criação de modelos neoliberais.

²⁰ Organização mundial do comércio, essa organização tenta construir formas de desregulamentação dos mercados financeiros e cria sanções para os países que tentam uma política proibicionista.

²¹ O Banco mundial traça diretrizes para o avanço da desregulamentação dos mercados e procura fiscalizar os países que tentem restringir seu comércio, funciona também como gerador de empréstimos a países em desenvolvimento, similar ao FMI.

²² Ver mais em: Michel Foucault, Nascimento da Biopolítica. São Paulo: Martins fontes, 2008.

1989. Esse modelo econômico pretendia o fim da política de bem-estar social, assim como a extinção de programas Keynesianos, plano Beveridge, e políticas econômicas de planificação que garantiam investimentos públicos em grande escala para áreas de saúde, educação, infraestrutura, previdência social, direitos trabalhistas, cultura e afins.

O neoliberalismo alemão considerava em primeiro lugar o controle da inflação, e um governo atuante na promoção da concorrência acima de qualquer outra questão. O neoliberalismo proposto pela Escola de Friburgo, lançou suas bases teóricas e práticas no Colóquio Walter Lippmann, em agosto de 1938, através de autores como Von Hayek, Walter Eucken, Fraz Bohn dentro outros, e continuada nesses aspectos, mais tarde pelos neoliberais norte-americanos da Escola de Chicago, franceses, ingleses e austríacos. Impulsionada por atores políticos como Margareth Thatcher e Ronald Reagan dentre outros, obtiveram medidas em todo mundo como: controle da inflação e modificações nas regras do jogo econômico para o fortalecimento da concorrência, a desregulamentação das atividades econômicas domésticas dos países, liberação do comércio e dos investimentos internacionais, privatização das empresas públicas, diminuição e flexibilização dos direitos trabalhistas e previdenciários, diminuição dos gastos públicos em todas as áreas, e uma carga tributária mais leve em todas as classes, principalmente as classes da elite empresarial. Sanções foram aplicadas aos países que fugissem desse modelo (CASTELLS, 2006), As instituições públicas foram impulsionada a atuarem como empresas, ou seja, com capacidade de competir de modo racional buscando superávits e baseados em direitos e deveres delimitados pelo Estado de direito (FOCAULT, 2008). Esse modelo neoliberal varia conforme a história e os processos sociais dos diversos países e atores políticos em que foi aplicado, com diversos graus de aplicabilidade social e política.

O modelo neoliberal foi aceito por diversos países da União Europeia, e outorgados por ditaduras e democracias na América latina, ao cabo que a maioria dos países aceitaram incorporar as diretrizes neoliberais com receio do isolamento internacional, ou necessitando de ajuda financeira. As elites políticas de diferentes países aderiram, em sua maioria, a esse programa devido as vantagens que a globalização trouxe, como a possibilidade extraordinária de possíveis retornos financeiros a alguns atores políticos e econômicos consolidados, se aderissem ao neoliberalismo, deste modo pode-se afirmar que a economia global foi desenvolvida politicamente (CASTELLS, 2006).

A grande questão que se colocava aos intelectuais, pós-guerras da escola de Friburgo, os assim denominados Ordoliberais, era: como a liberdade econômica pode ao mesmo tempo fundar e limitar o estado? A resposta liberal clássica era aceitar uma liberdade de mercado permitida pelo Estado, desse modo sob uma vigilância Estatal para garantir a segurança da propriedade privada e manter a mão invisível do mercado como responsável para regular as disparidades sociais, dessa maneira os preços seriam ajustados e equilibrados, mantendo as trocas justas. A resposta dos Ordoliberais é uma inversão dessa tese, passando primeiro por uma liberdade do mercado como princípio organizador e regulador do Estado, um mercado que além de ser a última palavra em termos de validação de políticas estatais, ainda funcionaria como intervencionista na organização e aplicação do Estado, assim o mercado não seria condicionado pelo Estado mas determinante e atuante em suas relações (FOUCAULT, 2008).

Superando o pensamento liberal clássico que presumia ser nas trocas a essência do mercado, e que o Estado não deveria intervir, protegendo a produção na garantia da propriedade privada, os ordoliberais, ou neoliberais alemães, já percebiam na concorrência a essência do equilíbrio para o mercado. A concorrência só ocorre na desigualdade social e isso deveria ser mantido para se alcançar uma concorrência pura, pois só com a concorrência pura mantêm-se a racionalidade econômica pela formação dos preços e tipo de demanda. Na economia socialista onde existia uma economia planificada, não existia concorrência, sendo o Estado o responsável pela elaboração da demanda e dos preços, o que exclui para os pensadores neoliberais a racionalidade do mercado, que se equilibra através da oferta e da procura de mercadorias sustentadas na propriedade privada e um livre mercado (FRIEDMAN, 2014).

A tradição liberal também supunha que apenas mantendo-se as trocas desregulamentadas pelo Estado, o Laissez-faire, proporcionaria um fim em si mesmo, que seria a produção da mão invisível do mercado para poder regular as trocas e proteger a sociedade dos efeitos nefastos do monopólio e da alta dos preços, além de ao longo prazo redistribuir a riqueza, pois o monopólio para os liberais só surge com a interferência do Estado na economia. Para os neoliberais isso também ocorre, mas discordam que o laissez-faire surgiria naturalmente, necessitando apenas que o Estado se distancie de querer intervir nas trocas (FOUCAULT, 2008).

Os neoliberais veem na produção da concorrência pura, ou do Laissez-faire, não um produto natural da não intervenção estatal, mas sim algo que deve ser construído a

partir da intervenção do mercado na sociedade e no Estado, ou seja, não se coloca passivamente, mas ativamente no Estado. Contudo, essas intervenções acabam por aprofundar a diferença tendo como regra a de proporcionar concorrência entre pessoas e instituições. Estas últimas não são vistas mais, respectivamente, como o sujeito e o meio do bem estar social, mas sim como empresas, com fins de acumular capital humano e económico e desenvolver uma racionalidade e subjetividade, que sempre através da concorrência, aprofunde suas estratégias de evolução e equilibre suas relações.

Primeiro, dizem os ordoliberais, uma política social, para se integrar realmente a uma política económica e não ser destrutiva em relação a essa política económica, não pode lhe servir de contrapeso e não deve ser definida como o que compensara os efeitos dos processos económicos. E, em particular, a igualização, a relativa igualização, a repartição do acesso de cada um aos bens de consumo não pode em caso algum constituir um objetivo. Não pode constituir um objetivo num sistema em que, justamente, a regulação económica, isto é, o mecanismo dos preços, não se obtém de modo algum por meio de fenômenos de igualização, mas por um jogo de diferenciações que é próprio de todo mecanismo de concorrência e se estabelece através das oscilações que só cumprem a sua função e seus efeitos reguladores contanto que, e claro, se permita que ajam, e ajam por meio de diferenças. Em linhas gerais, e preciso que haja pessoas que trabalhem e outras que não trabalhem, ou que haja salários altos e salários baixos, e preciso que os preços também subam e desçam, para que as regulações se façam. Por conseguinte, uma política social que tivesse por objeto principal a igualização, ainda que relativa, que adotasse como tema central a repartição, ainda que relativa, essa política social seria necessariamente antieconômica. Uma política social não pode adotar a igualdade como objetivo. Ao contrário, ela deve deixar a desigualdade agir e como dizia... não sei mais quem, acho que era Ropke que dizia: as pessoas se queixam da desigualdade, mas o que isso quer dizer? "A desigualdade e a mesma para todos", diz ele. Fórmula que, evidentemente, pode parecer enigmática, mas que é fácil compreender a partir do momento em que se considera que, para eles, o jogo económico, com os efeitos desigualitários que ele comporta, e uma espécie de regulador geral da sociedade, a que, evidentemente, todos devem se prestar e se dobrar. Logo, nada de igualização e, por conseguinte, de modo mais preciso, nada de transferência de renda de uns para os outros. (FOUCAULT, 2008, p. 195-196)

A política social neoliberal é pensada assim para que o crescimento económico gerado pela concorrência produza, por si só, as condições que os indivíduos precisam para alcançarem um nível de renda que permita o acesso aos seguros individuais, e o acesso à propriedade privada. Nas políticas sociais socialistas, keynesianas, previdenciária ou de bem-estar social pretendia-se a planificação da economia com intervenção Estatal com o objetivo de uma maior distribuição e igualização da renda sem prejudicar o crescimento económico (FOUCAULT, 2008), com a garantia de seguros

previdenciários coletivos e eliminação ou diminuição das grandes desigualdades. Essas orientações de política econômica marcaram a história do século XX até final da década de 1970, quando o neoliberalismo associado a globalização e a ideia de livre mercado se tornou protagonista na geopolítica mundial. (CASTELLS, 2006)

O pensamento econômico neoliberal implica que as relações sociais sejam vistas como um jogo e, para seu funcionamento, as regras desse jogo, seriam as instituições jurídicas, ou melhor, o “Estado de direito” (HAYEK, 2010). Enquanto as relações econômicas ocorrem pelo intervencionismo do mercado garantindo a concorrência no Estado e nas relações sociais, as regras dessa concorrência, para garantir legitimidade e previsibilidade, se fundam no Estado de direito e no intervencionismo jurídico nas regulações sociais. (FOCAULT, 2008)

O pensamento neoliberal, foi fundado e desenvolvido a partir da crítica ao “Estado forte”, que detém o monopólio sobre as formas de legitimação, pondo de lado a sociedade civil, e segundo os ordoliberais, a existência de uma economia planificada foi o que deu origem, ou que levaria inextricavelmente as condições de surgimento do Fascismo e do Nazismo, já que um Estado forte estaria na essência da evolução para Estados autoritários. Dessa maneira só um modelo que privilegiasse a sociedade civil e o mercado impediria a formação de autoritarismos. Deixando assim de lado outras formas de democracia que não sejam por uma economia de mercado neoliberal (HAYEK, 2010).

O neoliberalismo Americano, principalmente da Escola de Chicago, foi mais longe, expandiu sua lógica para diversas aplicações sociais, tanto na criminalidade como nas relações afetivas, políticas e sociais. Por exemplo, a teoria do capital humano interpreta a educação como um investimento para gerar um fluxo de renda contínua no futuro, portanto dependente exclusivamente do indivíduo, sem auxílio do Estado, investir para se formar hoje e gerar acumulação de capital material no futuro, num regime de competição entre tais capitais humanos.

Essa abordagem econômica das relações humanas pressupõe que temos consciência e controle de todos os acontecimentos e processos históricos e decidimos nossos movimentos nos baseando na relação custo-benefício; no entanto, emoções, corpo e mente não funcionam a partir dessa relação, mas sim de uma serie complexa de interações cognitivas que estão longe de obedecer ao cálculo, somente na dimensão racional em seu sentido mais tradicional de cálculo, independente das reações corporais.

Independente dos parâmetros que se tome, as escolhas participam de um emaranhado de desejos conscientes e inconscientes, que dependem de nossos modos de pensar e sentir as relações, além dos atos falhos, instintos, memória afetiva e condições objetivas, que restringem as opções e mesmo a capacidade de desejar.

O neoliberalismo com sua agenda de intervenção no Estado pelo mercado, foi além de um modelo econômico, um modelo social, pois funcionou como um aporte cultural para um individualismo de massa, em que o que importava era manter a inflação sobre controle e crescimento econômico para permitir um nível de concorrência sempre em crescimento, contudo o aumento da concorrência ocorre também no nível subjetivo, inscrito no corpo. Com o crescimento das Startups, o modelo da pessoa-empresa se torna cada vez mais evidenciado. Empresas de transporte em que as pessoas se tornam “colaboradores”, emprestando seu tempo e fazendo seu horário, no entanto sem direitos trabalhistas garantidos além do que sua própria renda pode proporcionar, alimentam esse tipo de subjetividade moldada pelo neoliberalismo. A competição, assim, se transformou no principal termômetro para as relações profissionais e afetivas; além de já servir de métrica para isso, foi potencializada em suas práticas e perspectivas.

Quando falamos de emoções e como os algoritmos desenvolvem uma necessidade constante de reconhecimento coletivo pelas redes sociais, observamos entre os entrevistados certo grau de competitividade para saber qual postagem viralizou ou se popularizou mais, podendo gerando até um modelo de negócios com isso, os Youtubers, influenciadores digitais, como expressão máxima desse fenômeno. O Meme não fica de fora dessa modalidade de engajamento, a concorrência no humor já existia, mas seu grau de amplitude só aumentou desde o surgimento do Meme, e sua relação com as redes sociais. Fazer o outro rir, além de ser um ato de conquista, que pode ser traduzido em convencimento, está no âmago da disputa de narrativas e o poder de angariar “seguidores”, dentro de uma subjetividade competitiva e que é entusiasta da desigualdade.

Aqui o Meme ideológico aparece para fortalecer uma agenda econômica neoliberal, no sentido de difundir o mérito como valor em todas as relações humanas; já que indivíduos são pensados como empresas, a importância do mérito é uma evidência para verificação e validação de qual pessoa-empresa é recompensada. O Meme que valida a agenda neoliberal aparece em muitos grupos, na tentativa de convencimento da

importância da capitalização da previdência, do controle da inflação e da balança comercial, quais incentivos para programas de privatização e diminuição do Estado.

Figura 33



Fonte: ILIS (Instagram)

Figura 34



Fonte: CorrupçãoBrasileiraMemes (instagram)

Com a crise de 2008 e a consequente crise global o modelo econômico e social neoliberal ganhou mais vitalidade com a agenda econômica dos nacional-populistas. Mais uma vez o direcionamento das manifestações de raiva, para a elaboração de uma narrativa de ódio se faz contra a globalização, deixando o neoliberalismo e o livre mercado intocados (CASTELLS, 2018). O único elemento que foge dessa tendência nos Estados Unidos é o aspecto protecionista de sua economia, que por conta da sua guerra comercial com a China prefere favorecer produtos e empresas americanas. No Brasil, quando o presidente Bolsonaro usa o engajamento pelo ódio, teorias conspiracionistas e pós-verdade, adota medidas neoliberais, a partir de um enxugamento da burocracia estatal, um modelo de gestão de agências nacionais e instituições como empresas, e fortalecimento de um programa de privatizações que favorece empresas privadas e restringe contratações públicas.

O neoliberalismo, dessa maneira, sobrevive à crise do Estado e da democracia liberal, pelo menos na disputa de narrativas, se reinventando pelos algoritmos e emoções coletivas e pela concorrência que desmobiliza movimentos contrários: processos de engajamento que, ao mesmo tempo, impulsionam uma certa individualização, que se

traduz na subjetivação das pessoas para dispensar mais energia e tempo na criação e manutenção de perfis virtuais, mas que contemporaneamente proporcionam mais informações e conteúdo para uma vigilância estatal, que por sua vez é infiltrado por agentes e atores que privilegiem instituições pró-mercado.

Graças a internet e às redes sociais, nossos hábitos, nossas preferências, opiniões, e mesmo emoções passaram a ser mensuráveis. Hoje, cada um de nós se desloca voluntariamente com sua própria “gaiola de bolso”, um instrumento que nos torna rastreáveis e mobilizáveis a todo momento. (EMPOLI, 2019, p. 145)

Portanto, a receita neoliberal exerce influência na formação do engajamento por dois motivos. O primeiro é referente ao aumento das desigualdades, e conseqüentemente o aumento do abandono, ressentimento, frustração, medo e raiva que a desigualdade produz, potencializando e movimentando forças que encontraram nas redes sociais e na Web 2.0 uma forma de manifestar todas essas energias; o segundo ponto é que com o aumento da competitividade nas relações sociais, o apego à popularidade e à possibilidade de atenção encontram satisfação nas relações virtuais, onde podem ser notadas de forma mensurável: pelo número de curtidas, comentários, seguidores, compartilhamentos ou inscritos num canal. Trata-se de um jogo que pretende como um dos seus objetivos a autopromoção ou aumento da visibilidade; possibilitando, assim, a retomada do controle, pelo menos no conforto de cada perfil, dessa maneira, se ativou pelas redes sociais o que estava ausente em parcela considerável da população. O Meme é inserido nesse processo como modo primário de comunicação nessa modalidade de engajamento, e digerido por movimentos sociais dos mais diversos tipos.

Em essência, a democracia não é nada mais do que isso. Um sistema que permite aos membros de uma comunidade exercer um controle sobre o seu próprio destino, não se sentir à mercê dos eventos ou de uma forma superior qualquer. Assegurar a dignidade de indivíduos autônomos, responsáveis por suas escolhas e as conseqüências delas. Eis porque não se pode fechar os olhos para o fato de, um pouco em todos os lugares, os eleitores demonstrarem o sentimento de ter perdido o controle de seu destino por causa de forças que ameaçam seu bem-estar, sem que as classes dirigentes mexam um dedo para ajudá-los. Os engenheiros do Caos entenderam que esse mal-estar poderia se transformar em um formidável recurso político e utilizaram a magia, mais ou menos negra, para multiplicá-lo e dirigi-lo para seus próprios fins. (EMPOLI, 2019, p. 170)

Esses fins variam em prioridade, mas se repetem entre os países, como ódio dirigido as minorias, aqueles que nunca possuíram um reconhecimento pleno, seja os

imigrantes pobres e ilegais na Europa e EUA, sejam as feministas, os negros, LGBTQI+, esquerdistas na América Latina, seja os muçulmanos para maior parte do mundo (EMPOLI, 2019). A luta começa e acaba no reconhecimento ou na ausência deste, e uma das formas principais de produzir ou negar esse reconhecimento sempre foi pelo humor, e agora pela sua nova roupagem, o Meme e suas sobreposições de linguagem.

O engajamento virtual é uma resposta compulsiva a um conjunto de processos sociais e históricos que reconstruímos assim:

Algoritmos	Emoções	Neoliberalismo
Direcionamento das informações/Meme	Banco de cólera	Aumento da desigualdade/ Sensação de impotência
Teorias da conspiração/Extremismo	Frustrações, ausência de controle da própria vida.	Individualismo de massa/ Competitividade subjetiva/ pessoas e instituições como empresas
Memes fake News/Conspiracionistas	Meme empático/Memes de ataque e defesa	Memes ideológicos/ Agenda neoliberal

Capítulo 03

O Meme Universitário

O estudo empírico se compõe de três partes. A primeira parte consistiu em entrevistas em 40 universitários. A seleção dos universitários ocorreu conforme a disponibilidade dos entrevistados para sua realização e a diversidade que estes apresentavam, seja em relação a sua renda familiar, idade, performance de gênero, orientação sexual, cor da pele; a amostra resultou assim formada por 22 mulheres e 18 homens, 04 LGBTQIs, com um intervalo de idade entre 17 e 48 anos, uma distribuição racial de 4 pessoas que se autodeclararam negras, 13 brancas, e 23 pardas, uma renda familiar entre 01 à mais de 10 salários mínimos. As entrevistas se constituíram a partir de uma forma semiestruturada e aprofundada (KAUFMAN, 2013), em que se conversou sobre a trajetória acadêmica e nas redes sociais virtuais, preferências no consumo dessas

redes, tempo disponibilizado para tanto, histórias sobre o consumo, compartilhamento e interação através dos Memes, o que se entende por este termo e como o Meme é disposto para fortalecer ou enfraquecer narrativas sobre si e o outro, além da perspectiva dos limites éticos e morais do humor na rede ou em formato de Meme que os entrevistados compreendem.

A segunda parte da pesquisa consistiu no acompanhamento dos entrevistados no ambiente On-line, respeitando seus limites de privacidade e grau de acesso que disponibilizaram. Foram observados os locais On-line que os entrevistados afirmaram preferir para o consumo de Memes, assim como as conversas On-line e os Memes que circulam e que eles utilizam na interação com seus contatos mais próximos, observando o movimento entre as dinâmicas de menor alcance a aquelas que atingem um público maior entre suas interações. Todos os Memes dispostos nesse trabalho, como já mencionado, foram retirados de páginas mencionadas pelos universitários, ou de suas próprias redes sociais, sendo funcional para exemplificar a argumentação da construção teórica da presente dissertação.

A terceira parte, que ocorreu em concomitância com as outras duas anteriores demandando inclusive mais tempo dado o volume dos dados, foi a observação mais atenta ao cenário em que o Meme se organiza nas redes e locais On-line e Off-line pelo Brasil, a suas principais tendências e dinâmicas, assim como a maneira em que outras mídias se apropriaram do Meme para introduzir outra linguagem na Televisão, rádio, revistas, internet. Longe de alcançar todos os elementos desse campo de observação, pois a rapidez e o volume dessas transformações excedem a capacidade de percepção plena do pesquisador, tentamos encontrar os padrões que se repetem, em um movimento circular, nas duas dimensões do Meme e das mídias em geral.

O Meme, no meio dos 40 universitários entrevistados, se revela uma constante forma de expressão, mesmo naqueles que demonstram não estar muito antenados com o termo ou o modo de experienciar esse aspecto, reproduzindo o Meme em outros formatos, seja pelo relato oral, ou apenas contemplando os que recebem. Contudo em sua maioria todos veem, ou compartilham pelo menos um Meme uma vez por dia, e esse dado não é de se admirar, levando-se em conta que a média de utilização da internet pelos entrevistados são de 09 horas diárias, cuja maior parte se refere a utilização em redes sociais, onde o consumo e produção de Memes é mais intenso.

Esses dados batem com o uso geral no Brasil, segundo o TICs domicílios de 2018, que apresenta como que 95% das pessoas com ensino superior, utilizam a internet todos os dias, com 87% desses utilizando as redes sociais na maior parte do tempo, e 83% disseram que compartilharam conteúdo na internet, demonstrando assim intenso engajamento na Web 2.0, e forte participação em diversas dimensões de conteúdo no ciberespaço. Esse engajamento, como demonstramos, possui diversos fatores e processos sociais, que por sua vez participa, em sua maioria, de uma abordagem polarizada. Memes de direita e de esquerda, conservador e progressista, dividem espaço com os Memes empáticos, em diversas páginas, blogs, sites, perfis.

No meio universitário, uma gama de Memes múltiplos circulam pelas redes, diversos em seus formatos, conteúdo e origens, não se encontra padrões rígidos de comportamento, mas sim um espelho da variedade do que se ri no restante da sociedade. Porém alguns Memes são peculiares nas redes universitárias, como os Memes empáticos dirigidos para as intempéries, desafios e cotidiano da vida acadêmica.

A figura 35 e 36 representam em formato de Meme as angústias com as burocracias e dificuldades das mais variadas formas do estudante universitário, dessa forma é muito comum as anedotas e problemas na faculdade serem objeto de sátira, por vezes autodepreciativa, ou apenas como forma de evidenciar dificuldades que obedecem a uma espécie de problemas. Os Memes empáticos possuem uma abordagem sociológica em seu formato, pois demonstram de forma exagerada, uma série de situações repetitivas, que se solidificam no imaginário coletivo através da rotinização das práticas, e por isto constituem um padrão sociológico observado em formato de Meme.

Figura 35



Fonte: Ufalrelacionamento (Instagram)

Figura 36



Fonte: estaciodepressao (Instagram)

Esse formato de Meme funciona como um catalisador de frustrações, angústias, mas também de situações cômicas, suscitando um riso compartilhado. Afinal, é só em coletivo que se é reconhecido plenamente, na maior parte das vezes negativamente; porém identificando o inconveniente como um problema coletivo em tom de exagero, se solidifica o nível de empatia e se gera a catarse pelo riso em conjunto.

Figura 37



Fonte: Ufalrelacionamento (Instagram)

Figura 38



Fonte: estaciodepressao (Instagram)

As figuras 37 e 38 repetem a narrativa de cansaço e dificuldades burocráticas gerados no cotidiano dos estudantes de ensino superior, mantendo a dinâmica da formatação do Meme como montagem com representações do universo POP ou elementos engraçados, com um significado que remonta aspectos do imaginário social em formato de humor.

Pelo formato econômico neoliberal e a perspectiva do futuro profissional que a maioria dos estudantes observa como incerta, muitos descontentamentos e sentimentos negativos afloram no Meme universitário. Através das entrevistas e do acompanhamento dos entrevistados na Web, se observa que a desconfiança com o ensino superior se repete de forma cíclica, isso traduz nos Memes consumidos de forma mais clara, do que nas próprias falas dos entrevistados. As Figuras 35, 36, 37, 38, 39 e 40 foram retiradas da observação do consumo e compartilhamento on-line desses estudantes. Ocorre também a reprodução de uma gama de Memes endógenos, que é a denominação que utilizamos para significar aqueles Memes produzidos de forma “caseira”, uma piada interna, realizada para satisfazer grupos de amigos, geralmente troçando de algum conhecido, professor, situação, com uma foto simples e uma montagem realizada em aplicativos, na maioria gratuitos, que fornecem uma série de ferramentas para introduzir textos, vídeos e imagens sobrepostos. Dessa maneira atribuindo hilaridade a algo que todo mundo reconhece como uma ilusão, mas que por sua criatividade, absurdo, verdade ou incoerência provoca o riso.

Muitas vezes esse riso pode vir em forma de Cyberbullying, tanto demonstrado na pesquisa do instituto Ipsos de 2018, em que afirma que o Brasil fica em segundo lugar no número de ofensas pela internet²³, assim como pelo menos 03 entrevistados relataram sofrer algum tipo de Cyberbullying sofrendo alguma perseguição on-line, ou Memes que riam de alguma atitude ou posicionamento, e apesar de não relatarem praticar esse comportamento, mencionaram criar Memes a partir de imagens de colegas, amigos, familiares ou desconhecidos de forma pejorativa, causando constrangimento, aqui fica algumas falas em relação a isto: “já criei Meme de amigos”; “fiz de colegas da faculdade”; “desenho de pessoas, como caricatura”, que por definição é uma forma de Meme que pode incomodar e ofender repetidamente alguém, seja por atributos físicos, sexualidade, performance de gênero, cor, etnia ou características da personalidade. Esse formato de Meme circula mais no WhatsApp, pois com essa rede social a segurança e exatidão no

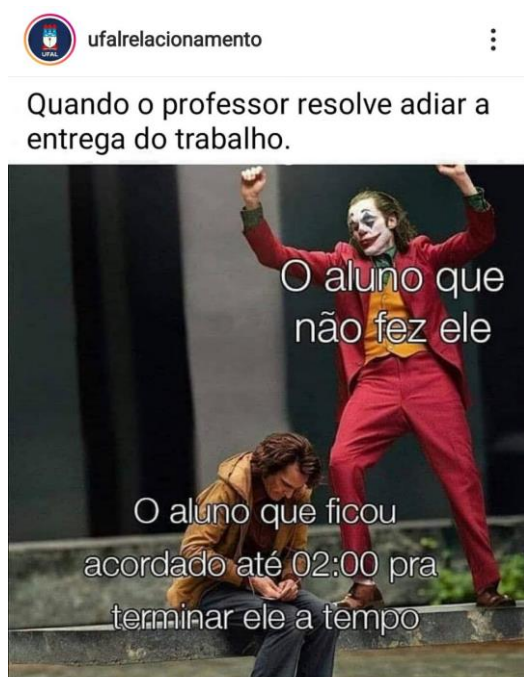
²³ Ver mais no site do instituto Ipsos: <https://www.ipsos.com/pt-br>; ou nas matérias jornalísticas correlatas: <https://exame.abril.com.br/brasil/brasil-fica-em-segundo-lugar-em-ranking-global-de-ofensas-na-internet/>

compartilhamento são maiores, já que quem compartilha escolhe diretamente para quem compartilha nas conversas individuais. No entanto, os grupos nessa rede social são encharcados de Memes dos mais variados tipos. Graças aos algoritmos das redes sociais que cada vez mais permitem e facilitam o compartilhamento de uma rede para outra, quase todos os Memes de outras redes e aplicativos desaguam no WhatsApp. Isso permite um anonimato maior, ao mesmo tempo que uma difusão mais abrangente, já que os grupos do WhatsApp permitem um fluxo mais rápido de informações. Isto bate com o dado macrossocial de que os disparos de Fake News, na maioria em formato de Memes, nas eleições de 2014, 2016 e 2018 ocorreram principalmente nos grupos de WhatsApp, isso fica evidenciado pela CPI das Fake News no congresso nacional de 2019, e diversas reportagens em formato de denuncia dessas práticas.²⁴

Seguindo o Meme universitário observamos o Meme empático como um forte componente na criação, reprodução e legitimação do imaginário do que é fazer um curso superior no Brasil. Dessa forma durante as entrevistas e na observação on-line nota-se uma série de disposições negativas em formato de Meme, como os vistos nas figuras 35, 36, 37, 38, 39 e 40 que serviram de interação entre os estudantes analisados, associando a autodepreciação que evidenciam processos de procrastinação, o fracasso da priorização das tarefas ou mesmo a ridicularização da importância de um curso superior. Esses Memes podem possuir uma significação bem mais ampla do que apenas uma autodepreciação arbitrária, podem refletir um processo de aceitação da dor e dificuldades, pelo riso. Pois se entende que o Meme é um exagero da realidade, e não a própria realidade, e com o exagero pode-se rir, transfigurando dor, desespero e frustração em riso, alegria em certo sentido, transfigurando uma emoção coletiva por meio de uma mudança na apreciação da realidade.

²⁴ Ver mais em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2019/09/19/fake-news-pro-bolsonaro-whatsapp-eleicoes-robos-disparo-em-massa.htm>; <https://www.cartacapital.com.br/politica/cpi-das-fake-news-liga-gabinete-de-eduardo-bolsonaro-a-ataques-virtuais/>

Figura 39



Fonte: Ufalrelacionamento (Instagram)

Figura 40



Fonte: estaciodepressao (Instagram)

A figura 39 representa de forma cômica a sutil interpretação de duas situações, no primeiro caso o aluno feliz e comemorando pelo adiamento do trabalho, na outra situação seu contraponto, o aluno angustiado por ter feito o trabalho e perder seu sono para isso, e que não recebe recompensa alguma por sua pontualidade, tudo isso retrato no filme mais recente de “O Coringa”, numa sobreposição de imagens, significados e narrativas.

O Meme da figura 40 consegue rir da própria hipocrisia, ao afirmar que está cansada dos compromissos acadêmicos e demonstrar uma realidade de muita recreação durante o mais básico dos compromissos acadêmicos, que é assistir a aula. Essa representação foi sobreposta num clássico da cultura POP Latino Americana que é o icônico seriado Chaves. Trata-se, mais uma vez, dum processo de montagem, num estilo de realismo mágico, ou seja, com conotação e significado realista, mas com uma formatação que remete ao pensamento mágico, pois constrói relações causais não baseadas em evidências, mas na incoerência própria do Meme.

3.1 O imaginário no Meme universitário

Um comentário real de um perfil real, pode viralizar de forma cômica e virar um Meme. Muitas páginas no Instagram, Facebook, ou mesmo tuitos aleatórios que viralizam têm essa origem, sem necessariamente apresentar uma sobreposição ou cruzamento de formatos, mas por meio de um enunciado, frase, oração. Essa modalidade de Meme é muito vista, renovando diariamente um estoque de insights humorísticos de forma inédita. Esses Memes podem proporcionar outros Memes, que por sua vez recebem notoriedade por sua sobreposição de formas, além do incremento de possuírem já um Meme indexado na sua origem. No meio dos estudantes universitários essas “tiradas” cômicas, termo gerado da expressão “tiração de sarro”, que significa brincar de forma pejorativa ou não com a alteridade, muito utilizado no linguajar dos universitários entrevistados, servem como importante meio de sociabilidade, frequentemente utilizada em conversas impessoais, esses Meme-tiradas, aparentemente mais simples constituem uma fonte primária do dialeto dos Memes. Tanto a observação macrosociológica, através dos dados da PBM (pesquisa brasileira de mídia de 2018) como na pesquisa local pelos universitários se observa esta tendência na comunicação.

Os Meme-tiradas possuem a vantagem de retratar de forma simples uma significação, apenas com palavras ou sons, refletem uma “tiração de sarro”, geralmente dirigidos a um grupo, pessoas, instituições ou regiões. Em muitas ocasiões esse Meme brinca com estereótipos ou busca formar alguns, as vezes de forma bem-sucedida. Usam um formato simples, mais eficiente em sua difusão, que possui a peculiaridade de na maior parte dos casos surgirem no Twitter, e através dos hiperlinks e algoritmos que ligam as redes sociais, serem transferidos, com outros formatos ou não, para todas as outras redes sociais. É uma das facetas do Meme universitário observado. Isso se observa em geral na própria configuração das redes sociais, onde mecanismos de transferência de dados são disponibilizados, pelo modo de compartilhamento, ou URL (endereços eletrônicos) que podem ser copiados para outras redes sociais.

Esses Memes-tiradas podem ser inseridos em categorias já desenvolvidas aqui de outros Memes, como dando origem a Meme-fake News/conspiracionistas, Meme-notícias, Meme-empático, Meme-ideológico, Meme-ataque/defesa. Essas várias categorias não possuem fronteiras claras, apenas uma série de características que lhes dão forma, que por sua vez não configuram um movimento de exclusão entre si, invés disso se perpassam, desse modo é comum um mesmo Meme estar em 02 ou mais categorias.

Por sua habilidade de renovação que beira extrapolar a capacidade de comportar racionalidade, o Meme se forma na memória, quase como uma réplica de outro Meme, onde nunca se encontra a sua origem.

Em vez de colocar ideias em cubos, separados dicotomicamente para alinhar sentidos, o Meme extrapola essas noções, através de uma estrutura que relaciona referências até então não relacionadas, demonstrando a amplitude do processo imaginativo, sempre estimulando-o ao próximo limite. Numa época em que as grandes narrativas perderam sua força explicativa do mundo (LYOTARD, 2009), onde uma bricolagem de sentidos é cada vez mais frequente, a sobreposição de formas e o processo de imaginar combinações improváveis só pode ter sua potencialidade adaptada pelo humor, o Meme é a expressão própria desse exercício do imaginar.

Uma das páginas, que de maneira irônica, “tira sarro” das cantadas de pessoas reais para pessoas reais, é um desses produtores de Meme-tiragem mencionados pelos nossos entrevistados:

Figura 41

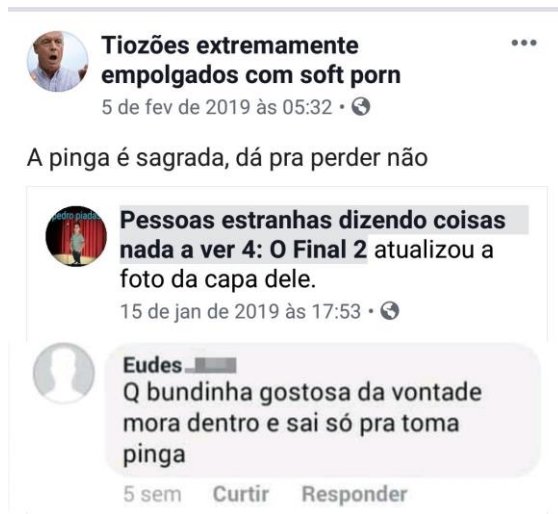


Figura 42



Fonte: Tiozões extremamente empolgados com soft porn (Facebook)

Na figura 41 observamos um Meme compartilhado de uma página para outra página, ao mesmo tempo que o enunciado não é a piada em si, mas o objeto da tiração de sarro, pois é uma página que retira das cantadas, que por vezes se tornam assédios, de pessoas reais no Facebook, para gozar com esse grupo definido. São sátiras, geralmente feitas com homens mais velhos com pouca escolaridade ou traquejo nas redes sociais, apresentando erros de português e certa irreverência em sua falta de pudor. Demonstrando

como eles estão empolgados e desconhecem os limites entre assédio e cantada, assim como do que pode ser dito publicamente e o que pode ser ocultado. A figura 42 demonstra esse apelo sexual típico de vários Memes, as vezes para evidenciar o grotesco ou o escatológico nos enunciados, as vezes para provocar riso através do erótico, dando lugar ao lado mais instintivo, mesmo que construído socialmente da experiência sexual, muitos Memes versam a partir dessas referências.

Essa multiplicidade de referências, que retiram boa parte de seu conteúdo das novelas, filmes, séries, vida dos famosos, músicas e situações que se reproduzem na própria internet só encontram limites na imaginação dos produtores de Meme, assim como o comentário de seus consumidores. Uma mesma matriz de referências pode ser utilizada para vários Memes, as principais páginas utilizadas pelos estudantes são repletas de variações de uma mesma matriz de referências:

Figura 43



Naza
@NazareAmarga



eai marilia mendonça, eu sumi e ele
não veio atrás não, oq eu faço agora
palhaça

Fonte: Nazare amarga (instagram)

A figura 43, 44 e 45 participam da mesma matriz de referência, pois compartilham da personagem Nazaré tedesco, que ficou conhecida pela novela: Senhora do Destino, que com grande audiência foi incorporada no universo dos Memes em diversas oportunidades, com suas expressões fechadas e risos que denotavam a maldade de sua personagem. Se tornou memorável em Memes no formato de vídeos, imagens ou apenas palavras. A figura 43 explora ainda outra referência da cultura Pop, como a cantora Marília Mendonça, que com suas músicas sobre superação ou contemplação de situações amorosas, surge como outra fonte de referências por suas músicas que em si já são famosas e populares.

As figuras 44 e 45 apesar de dividirem uma matriz de referência com a figura 43, são de páginas diferentes, observando assim como as referências não possuem donos, patentes ou exclusividade, e como são reutilizáveis e se multiplicam de acordo com a imaginação daqueles que as produzem. Entretanto, não ocorre uma funcionalidade da imaginação apenas nesse elemento, é na interpessoalidade que se observa uma sequência de customizações dos Memes, seja na forma de uma legenda, que denote uma “piada interna”²⁵, ou mesmo um insight cômico, podendo até mesmo ser alterado ou adicionado outra matriz de referências ao Meme original.

Figura 44



Fonte: Nazare sincera (Instagram)

Figura 45



Fonte: Nazare sincera (Instagram)

Diversas páginas foram mencionadas pelos estudantes durante as entrevistas, apesar que boa parte dos entrevistados preferirem consumir Memes ao sabor dos algoritmos “aleatórios” das principais redes sociais, segundo os entrevistados isto ocorre principalmente no Instagram e Twitter pois esses aplicativos possuem em seu interior um local para acessar “aleatoriamente”, conforme a tendência que se direciona o conteúdo de consumo de seus participantes, os Memes de mais evidência no Brasil, por isto mesmo a

²⁵ Termo utilizado para designar todo conceito, ideia, situação vividos por um grupo de pessoas em particular, que potencialize uma relação de confidencialidade apenas aqueles que compartilham desse momento hilariante, quando se conta uma piada interna, na maioria das vezes se perde a graça, pois o humor pertence a essa classe de fenômenos que exprimem a partir do presente, com uma série de elementos que possibilitem tal espetáculo, se for transportado de seu espaço e tempo, já recebe outras reações, e até mesmo, outros significados.

pesquisa utilizou de uma metodologia cíclica de observação, entre o cenário maior nacional e as peculiaridades dos universitários analisados. Sabemos que essa aleatoriedade não é exata, mas incrivelmente tendenciosa para provocar adesão compulsiva e suas consequências, no entanto, é do imaginário do senso comum que existe imparcialidade na aleatoriedade dos algoritmos.

Outro modo é receber os Memes de seus círculos virtuais, através de páginas, digital influencers, que são mencionados nas entrevistas, esses espaços são: Memeria gourmet, Nazare amarga, Nazaré sincera, manual do jogador ruim, Winderson Nunes, querido irônico, diva da depressão, superamericanmemes, sou eu na vida, Maceió ordinário, blogueirinha de merda, miga sua louca, Zé lezim, Espanta, Lucas del queta, Rafael Cunha, humortizando, Estácio da depressão, Ufalrelacionamento, mundo paralelo, Tiozão extremamente empolgados com solft porn, pânico, instasurreal, 100criterios, dentre variados grupos da UFAL, Estácio, Mauricio de Nassau.

Existem muitos outros espaços para se consumir Meme, e vários sendo criados todos os dias, de forma que é difícil traçar uma cartografia completa desse fenômeno. O que a presente pesquisa propõe não é uma cartografia dos significados, expressões e sociabilidades através do Meme, mas sim uma interpretação dos processos que constroem o engajamento pelo Meme, e como isso afeta o imaginário de uma parcela situada da população, contudo, percebendo como essa parcela representa um quadro maior de pessoas. Nos comportamentos microssociais observamos limitação e a influência de aspectos macrossociais, já que a partir de padrões de sociabilidade, aspectos situacionais de interação, fluxos culturais, políticos, econômicos e psicológicos que a prática é moldada e articulada conforme esses processos, perpassam os atores dentro do jogo social, que por sua vez se formam a partir de processos mais antigos e complexos. Isto possibilita a pesquisa sociológica aqui desenvolvida, captar não como uma foto, mas sim como uma filmagem, parte desse emaranhado por meio da pesquisa em torno do Meme.

A imagem dos entrevistados acerca do que é o Meme fluem em múltiplas respostas, expomos algumas delas: “Algo que viralize de forma engraçada”; “figurinhas”; “algo que me faça rir que não seja prejudicial a outra pessoa”; “algum fall que viralizou”; “coisa engraçada de gente que não tem o que fazer”; “momento engraçado”; “de certa forma é um bullying, tirar onda de um deslize”; “Graça de algo que não é tão engraçado, mas acabam transformando nisso, ou coisa engraçado que acaba viralizando”; “Alguma coisa tola que vira algo sarcástico”; “engraçado que pode ser atual como antigo, vídeo,

texto, ou pessoa física”; “Uma sátira que tira sarro de uma certa realidade, sempre tem uma crítica por trás”; “foto com legenda engraçada”; “texto com significado engraçados e momentâneos”.

Essas repostas são as mais significativas, já que apesar da sua multiplicidade, formam uma imagem identificável, uma imaginação do conceito de Meme. Primordialmente, ele é visto como uma montagem de palavras, imagens ou/e vídeo, de uma forma que expresse uma mensagem cômica, e que de um modo ou de outro coloque a lógica frente a uma incongruência, muito próprio do *nonsense*, grotesco, ironia, sarcasmo ou mesmo a demonstração da contradição do outro; pode inclusive transfigurar-se numa autodepreciação, ou seja, o humor, em toda sua imensidão de formas, aparece e dá vida ao(s) enunciado(s) que constroem o Meme; dessa maneira, o Meme enquadra-se em qualquer contexto e pode ser utilizado nos mais diferentes espaços virtuais, através do humor e a síntese de imagens, palavras ou/e vídeos.

Essa definição foi construída a partir das variadas respostas dos interlocutores, e busca expressar a síntese de todas elas, associada à observação do pesquisador sobre os elementos que constitui esse fenômeno; expressa assim uma consciência discursiva coletiva, como um imaginário fechado sobre a natureza do Meme, mas que já se estabelece na consciência prática a algum tempo, pois todos os entrevistados compreendiam o que era o Meme de modo intuitivo, mesmo não concordando completamente em quais seriam seus elementos constitutivos, pois na hora que inquirimos sua conceitualização de Meme na entrevista diversas respostas aparecem, demonstrando assim que o fazer vem antes, nesse caso, do que a construção do consenso sobre o conceito. Também demonstra muitos elementos próprios do humor, em seu formato mais abrangente ao mais simples, numa clara percepção de que o Meme está intrinsecamente entrelaçado com o universo do cômico em toda sua extensão.

As figurinhas são uma outra forma de Meme que se reproduziu mais recentemente, em comparação com as de formato de vídeo, imagens e palavras em sobreposição. Criado para e a partir do WhatsApp, municiado de diversos aplicativos, constitui-se numa imagem, as vezes com palavras, que denotam certo sentido em formato cômico, e de dimensões menores. Tal expressão do Meme, tem sua circulação ainda mais facilitada, pois as figurinhas podem estocar e armazenar, apresentando tanto pessoas comuns, estranhos ou conhecidos, quanto famosas, e elementos da cultura Pop, sempre num formato de cruzamento e montagem de referências. A diferença com outros tipos de

Meme é que as figurinhas são ainda mais breves em seus sentidos e, por ser tão básicas, estão a mercê de um universo interpretativo maior. Isso faz com que elas sejam muito utilizadas para substituir os emojis que representavam emoções, dando assim mais realismo a comunicação on-line.

Figura 46



Figura 47



Figura 48



As figuras 46, 47, 48, 49, 50, 51 não possuem uma origem rastreável, já que são criadas por pessoas comuns e não por páginas, além de se reproduzirem a partir de múltiplos compartilhamentos que não permitem a verificação da fonte, mas apenas do último compartilhamento. Cada figura possui dois Memes, sem relação uma com a outra, e expressando uma série de significações e um universo de referências cruzadas.

Figura 49

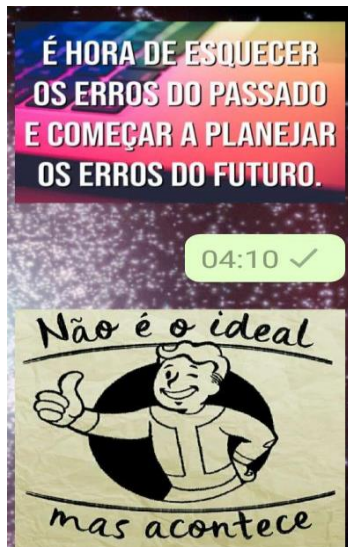


Figura 50



Figura 51



Outro ponto importante, que durante a pesquisa gerou uma série de interpretações sobre o imaginário dos estudantes, foi em relação a que tipo de Memes eles percebem como ofensivo, ou que lhes incomode. Novamente as respostas variavam, mesmo que repetindo alguns padrões. Vamos ver as respostas mais representativas: “deficientes”; “contra o politicamente correto de forma geral”; “Não sei”; “pornográfico”; “vai de acordo com a liberdade do outro”; “Bullying”; “Problemas físicos”; “machistas e sobre negros”; “Memes objetificando a mulher”; “homofóbicas e racial”; “depressão e câncer”; “piadas de humor negro”; “denegrir a imagem das pessoas, explicito em relação a alguém”.

Todos esses argumentos, definem mais do que apenas uma concepção abstrata daquilo que é considerado um humor ofensivo, define gramáticas morais, adquiridas a partir da vivência e da “bolha” social virtual e face a face das pessoas envolvidas. Essas acepções estão na ordem da consciência discursiva, mas não necessariamente naquela da consciência prática; remetem a estoques culturais de significados, que majoritariamente são utilizados conforme a situação; portanto não refletem uma ordem certa de conduta, mas apenas se referem aos entendidos como ofensivos para aquele entrevistado naquela entrevista. Isso não quer dizer que a entrevista seja inútil, ou mesmo ineficaz, ela indica e suas dinâmicas relacionais.

Ao longo das entrevistas, à medida que a informalidade e familiaridade na interação adquirirem um espaço maior e as perguntas que fazem os entrevistados por vezes se contradizerem, ou ao menos demonstrarem certa incoerência em suas

argumentações na construção das narrativas, se observa uma flexibilidade sobre o que eles julgam serem os Memes que os ofendem. Dessa maneira a pergunta se eles compartilharam ou riram, em algum momento, de Memes que os ofendem ou lhes causam incômodo, a maioria absoluta das respostas é sim. Essa resposta é sintomática e reveladora de uma gênese comportamental não limitada à reflexividade e suas narrativas coerentes, sem falhas, mas que se encontra nas reações emocionais no sentido de Damásio (1996), a saber em reações espontâneas do corpo. Rir de Memes que ofendem mesmo a quem ri demonstra abertamente as contradições entre a racionalidade e as emoções e os caminhos heterogêneos que a subjetividade perpassa e que pelo riso percorrem caminhos conflitantes em determinadas situações. Ignorando a exigência de seguir uma linha argumentativa, o entrevistado, a partir da percepção da contradição de sua própria fala, reconstrói sua narrativa explicando as reações de seu corpo, que não necessariamente obedecem a sua mente e utiliza de antigos conceitos para sentir o mundo a sua volta, mesmo que em contradição com determinada gramática moral ainda em vias de consolidação.

Essas respostas marcam o padrão sociológico mais importante para a presente pesquisa, a observação da contradição entre duas consciências, aquilo que se fala, e aquilo que se faz, muitas vezes em oposição e desarmonia entre elas por conta da distância entre a necessidade de dar lugar a uma performance coerente e a realidade relacional. Essa última, de fato, demanda desafios complexo, papéis contraditórios a desempenhar e emoções em profusão para gerir. Tudo isso em pouco espaço de tempo tem que se transformar numa performance, um resultado que pode ser alcançado somente se apoiando também em respostas automáticas que nosso corpo as vezes não está preparado para fornecer. Esta dinâmica é sempre fonte de riso ou sabedoria, ao ser evidenciada. Seguem as respostas mais representativas: “sim, mas discretamente, para a pessoa não ver”; “sim: por conta da criatividade; ri criticando, mas ri”; “sim, a gente sempre acaba com uma culpazinha depois”; “sim: fico rindo até do Porta dos fundos²⁶ que tira onda da minha religião; “Primeiro a gente ri e depois se arrepende”.

²⁶ Porta dos fundos é o canal de humor mais famoso, e com mais seguidores no Brasil, o que demonstra como o humor pode penetrar as subjetividades mais resistentes, já que o Brasil é um país de maioria religiosa, principalmente cristã, e mesmo o canal Porta dos Fundos realizarem vídeos curtos de humor com conteúdo em grande parte satirizando a tradição cristã, ainda assim consegue ser viral em toda a Web brasileira. O caso emblemático de um grupo de extrema direita fundamentalista religioso que realizou um atentado contra a produtora do Porta dos Fundos, por conta do seu especial de natal na empresa de Streaming Netflix, do qual sugeria que Jesus Cristo teve uma experiência homoafetiva e que era

A imagem que essas respostas possibilitam remetem a contradição da própria experiência que o humor incentiva, não de modo consciente, mas com o corpo. Através da hipótese do marcador somático teorizado por Damásio, percebemos como corpo e mente se interdependem e influenciam mutuamente. No humor esse processo alcança a maior evidência. Por mais ofensivo, discordante, contraproducente, profano que o Meme pareça para determinado público, possui uma chance grande de, mesmo assim, provocar riso involuntário e sedutor no corpo, pelas emoções, de boa parte dos membros do público das redes sociais. Já que a natureza do Meme que em si agrega diversas referências e estimula a imaginação sobre os efeitos consolidados da multiplicidade de estilos de vida e potencializada pela integração das redes, as subjetividades são cada vez mais tocadas pela alteridade, possibilitando uma forma mais fluida de interação. Entretanto, essa fluidez não significa maior liberdade nas opções do riso, pelo contrário, o que se observa é a conservação de um riso tradicional, já consolidado e cristalizado, por processos de exclusão de várias minorias políticas, estigmatização e não reconhecimento de grupos marginalizados. Observa-se até certa nostalgia a esse tipo de riso tradicional frente a mudanças na subjetividade e no riso daqueles que a recriminam, observa-se isso com a ascensão do nacional-populismo de extrema direita (EMPOLI, 2019) através de seu riso contra minorias, assim como de diversas pessoas que se encaixam mais à “esquerda”, mas que reproduzem esse tipo de humor, como ficou claro nas entrevistas e observação de suas atividades on-line.

A fluidez não quer dizer que tudo é aceitável para todos, pelo contrário, a liberdade observada no humor, está vivenciando um período intenso de Meme militante, em que Memes ideológicos, Memes fake News/Conspiracionistas, e Memes notícia ocupam a maior parte desse universo, numa clara tentativa de disputa de narrativas, buscando o convencimento e produção de subjetividades. Para tanto, grupos militantes estão desenvolvendo seu próprio dialeto de Memes; observa-se muito isso em grupos LGBTQI+, assim como em outras redes, que com grande criatividade e imaginação desenvolvem uma série de termos próprios, e através da imitação constante, com variações de cruzamentos referenciais, ressignificam e renovam o Meme ostensivamente.

Assim, como na experiência onírica em que nosso inconsciente utiliza parte de nossas emoções e experiências diárias como matéria prima para elaboração de nossos

homossexual. Contudo, o canal não perdeu sua audiência, permanecendo como o canal de humor mais bem-sucedido do Brasil. Ver mais em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-50919841>.

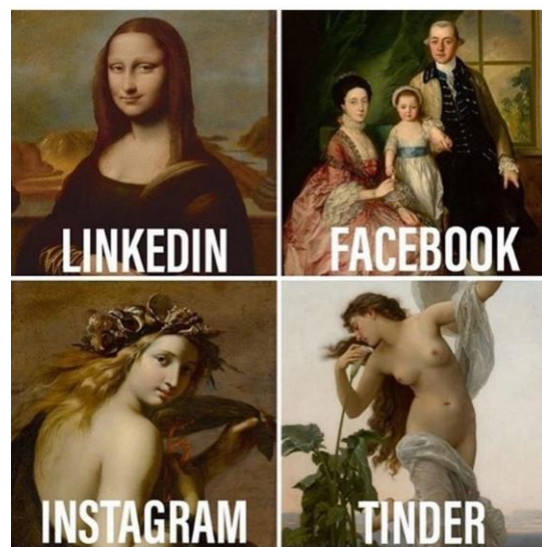
sonhos, numa constante renovação que sempre utiliza a atualidade, os Memes também utilizam esse formato, mas suas matérias primas são eventos que adquirem forma a partir da arte televisiva, da internet, mundo dos famosos, cultura Pop em geral. Sua grande fábrica de produção não é o inconsciente, mas sim a imaginação e criatividade múltipla característica da Web 2.0, que por meio de uma renovação constante de suas referências, adquirem novas combinações cruzadas a todo momento a partir dos milhares de atores que as alimentam diariamente, numa intensa ressignificação que se repete compulsivamente. Isso foi verificado tanto no cenário macrossociológico, por meio das páginas indicadas por nossos entrevistados, como microssociológico através do compartilhamento desses Memes pelos universitários analisados.

Figura 52



Fonte: conversafiada (instagram)

Figura 53



Fonte: Memeriagourmet (Instagram)

Figura 54



Fonte: Maceióordinário (Instagram)

Figura 55



Fonte: Dicionario popular (Google)

As figuras 52, 53, 54, e 55 são Memes que fazem uso da mesma matriz de referências, ressignificados com outros personagens, em que as referências que se repetem é uma brincadeira com as redes sociais virtuais, demonstrando as funções de cada uma a partir de uma imagem. A variante são os personagens envolvidos e inseridos em cada rede social, de Lula à Rainha da Inglaterra, explorando muitas outras elaborações, mantendo a brincadeira da funcionalidade das redes sociais para diversos outros personagens, reais ou fictícios, demonstrando como a reprodução de um mesmo Meme não é apenas de cunho imitativo, mas sempre em constante renovação criativa, que participa de um processo de mudança imagética de forma fragmentada ao mesmo tempo que movimenta padrões de significação. O cruzamento de referências, associado a uma Web 2.0 que favorece ao engajamento gratuito e compulsivo são os fatores que tornam esse fenômeno tão representativo na forma de comunicação dos dias atuais.

O imaginário universitário participa dessa criatividade que ressignifica a partir de múltiplas referências populares, que por sua vez se alimenta de processos que convergem para criação e manutenção do Meme como principal fonte de construção imagética e distribuição de significados. Esses processos são: A formação dos processos de engajamento que possibilitaram o surgimento da Web 2.0, como hiperlinks, facilidade no acesso a smartphones e internet, por meio da revolução digital; algoritmos que

privilegiam a formação de extremismos; participação compulsiva ocasionado por décadas de afastamento das pessoas comuns dos centros e espaços de poder; aumento da desigualdade por um sistema social, cultural e econômico neoliberal que favorece a concorrência, tornando a busca por reconhecimento, e a narrativa do medo e da raiva o epicentro emocional do debate público; a bricolagem de ideias, conceitos, personagens, referências, mídias, movimentos, símbolos, conectadas por hiperlinks de modo imitativo, ao mesmo tempo que se reproduz através da transformação constante. Para tudo isso, o humor próprio do Meme representa um poderoso conector, que atravessa sentidos e possui propriedades esquivas e breves o suficiente para circular mesmo entre opostos.

Essas características estimulam o formato Mémico como prioridade para convencimento de narrativas, assim como incentiva processos de identificação de grupo e constrói muros entre esses próprios grupos. Ao mesmo tempo consegue penetrar essas fronteiras devido a multiplicidade de referências e estímulos culturais com os quais têm contato, gerando assim uma falsa bolha, ou através do humor no Meme que seduz pela complexidade que corpo, mente, emoções e monitoramento reflexivo da ação engendram.

3.2 Teses Mémicas

Referente à primeira hipótese de como o fator classe influencia na política de privacidade de cada estudante, não obtivemos confirmação na amostragem, pois estudantes com renda familiar de 01 a 08 salários mínimos relataram não possuir políticas de privacidade, deixando suas redes sociais “abertas”, o que significa que não estabelecem qualquer controle sobre quem pode ver ou não suas postagens: se observa em todos os segmentos sociais e de classes, uma predileção pelas políticas de privacidade, com 73% dos entrevistados relatarem possuir esse mecanismo.

Contudo, a confirmação de que as diferenças de classe não influenciam muito, no segmento dos estudantes de ensino superior, o conteúdo e formato do Meme, não significa que essa influência não possa existir em outras categorias sociais. De outro lado, a diferença imperceptível entre classes no quesito referente ao conteúdo do Meme poderia ser explicada por dois fatores. Primeiro, os estudantes universitários possuem, evidentemente, o mesmo nível escolar: mesmo com diferenças de trajetórias acadêmicas, em sua totalidade o estoque de tradições de conhecimento e do saber tende a se manter semelhante; o segundo fator diz respeito a história nacional em que classes mais baixas

tendem a se assemelhar subjetivamente e se identificar ideologicamente com os problemas das classes mais altas. Jessé de Souza demonstra como essa identificação foi um mecanismo de sobrevivência em nosso passado escravocrata, potencializando essa característica.

A segunda hipótese, pela qual as redes sociais aumentam o círculo de amigos ou conhecidos, e portanto a “bolha” durante o fluxo de conteúdo, foi confirmada em parte, pois cerca de 46,67% dos estudantes relataram participar de grupos e redes dos quais não conhecem a maioria das pessoas, sendo que, mesmo os que não participam desses grupos, dizem conseguir manter amizades distantes por mais tempo graças as redes sociais, ou reencontrar conhecidos. Dessa maneira, majoritariamente, os envolvidos na entrevista conseguem ou manter ou aumentar seu círculo de contatos através das redes sociais. O engajamento, devido aos algoritmos próprios dos aplicativos de relacionamento, como já mencionamos, nos condicionam a redes que fortalecem narrativas extremistas ou ligadas a teorias conspiracionistas, isso produz “bolhas” auto referenciadas, ou seja, uma tendência de movimento aos extremos políticos, pois tendem a fortalecer seus pontos de vista selecionando informações mais favoráveis a essas percepções, desse modo a dinâmica na rede constitui-se de movimentos relacionais de ataque e defesa de narrativas, com auxílio do engajamento emocional por linguagens diferentes que não conseguem manter entre si um diálogo pleno, erguendo muros subjetivos a partir das piadas internas, e conceitos construídos, juntamente com aspectos ideológicos. Por isto o discurso belicoso, na tentativa de provocar medo e raiva atravessam todos os grupos nas redes sociais, principalmente os de cunho ideológico mais autoritário que se apegam a Memes conspiracionistas e aderem ou elaboram campanhas de desinformação.

Entretanto, a natureza do Meme, de conseguir penetrar subjetividades contrárias proporciona algum grau de alívio para esse caminho aos extremos, ao mesmo tempo também serve para reforçar certezas, apoiadas em programas de desinformação e movimentos de cunho nacional-populista. A dupla funcionalidade que o Meme demonstra com esse fenômeno não possui apenas dois lados, mas sim uma gama complexa de dimensões, pois as bolhas tendem a se fechar, auto referenciar-se culturalmente e ideologicamente, no entanto o Meme proporciona uma abertura a outros grupos e referências em sua formatação, já que necessita de um movimento constante de resignificação e renovação sobre as mesmas bases, cuja única constante é a brevidade dos fluxos nos significados, se observou isto no acompanhamento da interação do Meme

através das páginas e perfis indicados pelos universitários, em que uma mesma matriz de referências de Meme era ressignificada em diferentes contextos, ou seja, tanto a direita como a esquerda, conservador ou progressista, se rir de Memes quase idênticos, com alterações sutis de algumas referências que modificam os sentidos imbuídos nesse Meme, e assim se adequam as linguagens e significações pretendidas, entretanto o formato inicial do Meme se mantém.

Dois fatores assim explicam o porquê desse aumento de conhecidos, amigos e colegas nas redes sociais acompanhado por um crescimento na bolha de conteúdo. O primeiro fator é dado pelo fato de que as pessoas e suas redes, através dos hiperlinks, cruzamentos de referências ou de conteúdo nos Memes, aumentam seu círculo de contatos, isso ocorre na maior parte das vezes quando concordam ideologicamente, tendendo a se seguir, mesmo que discordem em partes significativas, mantendo a narrativa na relação da raiva e medo comuns ou nível de empatia que sentem ao se identificar com o mesmo riso, enquanto estão sempre em expansão em sua interação com outras redes, proporcionando cada vez mais desconhecidos que concordam entre si, ao mesmo tempo que mantém amigos que por vezes discordam. O segundo fator é que a natureza do Meme, através do humor, proporciona narrativas contrárias que consigam dialogar, embora não em todos os casos. Entretanto, esse diálogo entre linguagens que não possuem consenso em seus significados, mas que desenvolvem determinada aproximação comum a uma determinada experiência emocional (corporal) e mental provocada pelo riso, desenvolve certa empatia pelo humor compartilhado. Dessa maneira uma batalha sutil de narrativas se sobrepõe pelos Memes Fake News/conspiracionista, Memes notícias, Memes ideológicos de ataque e defesa, enquanto os Memes empáticos funcionam como iscas, em várias oportunidades para diversas páginas, através da sedução do riso que aparenta neutralidade. Oculta-se assim a formação de enunciados que pretendem formar uma narrativa. Os Memes empáticos também funcionam como arena de religação entre significados compartilhados e dificuldades enfrentadas diariamente, aproximando oposições e dissipando pelo humor, mesmo que em tom tragicômico, as frustrações, medos e ódios represados, evidenciando a contradição e incongruência próprias da existência humana (BERGER, 2017).

Ainda na segunda hipótese se confirma que, referente aos estudantes acima dos 30 anos, mais de 95% deles evitam entrar em grupos On-line dos quais não conhecem a maioria das pessoas; por outro lado costumam reencontrar amigos e conhecidos,

mantendo-os mais nas redes sociais virtuais. Os abaixo dos 30 anos já são mais abertos para relacionamentos virtuais, isso poderia se explicar pelo fato que nasceram num mundo já com a predominância das redes virtuais em suas vidas, ou acompanharam com maior entrosamento parte de suas existências a revolução digital.

A terceira hipótese se confirmou integralmente, pois diversas respostas dos estudantes confirmaram a apreciação pelo Meme que ofende e incomoda, mesmo quando são colocados em ridículo elementos culturais que constituem a racionalidade normativa do próprio sujeito que ri, demonstrando a força do humor na penetração e sedução por meio da embrincada e complexa relação do corpo com a mente e os fluxos culturais que lhes dão substância. Isto não quer dizer que todos os Memes são aprazíveis para todos, apenas que o Meme é um modo de comunicação que distribui significados com um grau menor de resistência por parte daqueles que os consomem, e os motivos para tanto são: primeiro, o ato de rir muitas vezes ocorre a partir de memórias afetivas involuntárias, que em muitas ocasiões ocorrem de modo independente da racionalização direta, ou ignorando algum freio social; o segundo motivo é que o Meme como participa do meio humorístico pode ser facilmente relevado com a desculpa de “é apenas uma brincadeira”, o que permite maior flexibilidade de aceitação dependendo do grupo ou pessoa aos quais é dirigido ou pelo quais é consumido; o terceiro motivo é que por possuir características fundamentais em seu formato, como o cruzamento de referências, renovação, ressignificação constantes, adequação a múltiplos contextos, e a brevidade em suas expressões, o Meme se qualifica como principal forma de comunicar dos dias atuais, pois se encaixa em múltiplos papéis sociais que precisam ser representados cotidianamente pelos estudantes, além de se encaixar bem na contemporaneidade por sua bricolagem de sentidos que lhe perpassam.

Esses três motivos constroem as características essenciais para o Meme alcançar esse grau de penetração e sedução. Se une a isto o jogo de ocultamento e revelação evidenciados na pesquisa como regulador da interação intersubjetiva, formando redes imagéticas e identificação subjetiva. Essa fluidez de significados culturais, contudo, está longe de representar frouxidão de significados; ela apenas remete a construção de estoques culturais acionados conforme a necessidade da situação; no entanto, isto ocasiona alto grau de reflexividade e controle durante a manipulação desses símbolos, tanto numa perspectiva corporal como mental, o que possibilita o aumento nas chances de atos falhos e erros nos papéis desenvolvidos, gerando assim uma série de contradições

entre a aparente divisão corpo e mente. Como consequência, a produção do humor e do riso acontecem automaticamente, legitimando-se como fenômeno aparentemente “natural”. A identificação com o humor se torna latente devido a uma série de contradições entre aquilo que se estabelece como norma, correto, certo e pertencente a sua gramática moral e aquilo que se experiencia, vive, imagina, sonha, pratica, joga durante a interação on-line e off-line, necessitando assim de adaptação constantes dependendo da situação.

Essas hipóteses devem ser colocadas num contexto para interpretá-las. O contexto destacado é dado pela cruzamento entre a sociedade digital e a cultura neoliberal assim como descritas por Castells (2006, 2013, 2018) e Empoli (2019) com a emergência da globalização, ganham espaço ideias de política econômica e social neoliberal que vão além do liberalismo clássico: se o liberalismo clássico teve sua ideia central na do Estado ser diminuído para fortalecimento do *laissez-faire*, ou seja de um mercado sem intromissão do Estado, o neoliberalismo têm como perspectiva a penetração do mercado dentro do Estado e das formas de gerir suas instituições. A concorrência, portanto, não deve mais ser entendida como o fator propulsor somente no mercado, mas, sim, em todas as esferas institucionais e sociais. Só incorporando e inculcando nas pessoas e instituições um comportamento semelhante a uma empresa, só procurando satisfação de modo independente de qualquer ajuda da administração pública centralizada e pretendendo através da concorrência superar o outro é que seria possível obter um mercado e uma sociedade que alcançariam o nível ótimo de bem estar socioeconômico.

Com o desenvolvimento do neoliberalismo associado à globalização, um distanciamento dos centros de poder ocorre em detrimento das pessoas comuns. Esse distanciamento alargado por políticas econômicas impostas aos países periféricos, para se adequar a ordem neoliberal, proporcionou mais ressentimento e frustrações. Devido à crise de 2008, essas frustrações já existentes, se tornaram mais evidentes aos países (EUA, União Europeia, Japão) chamados desenvolvidos, e o fosso de diferença socioeconômica só aumentou entre a fração que constitui os super ricos, pessoas cosmopolitas e que constituem os centros do poder financeiro, político, e social e a maior parte da sociedade constituída de pessoas comuns, dependentes de créditos bancários a juros abusivos e reféns de políticas econômicas do qual não elaboram.

Toda essa frustração e medo também passam no campo da intimidade, pois com os novos estilos de vida e movimentos que buscam transformar a sociedade a partir de

reinvidicações identitárias, feministas, étnicas, raciais e LGBTQI+ muitas pessoas apegadas a formas de reconhecimento tradicionais se viram ameaçadas. Assim, devido as mudanças intensas na intimidade e o crescimento concomitante da desigualdade social, um cenário de incertezas e a falta de controle sobre suas próprias vidas possibilitou para muitos um sentimento repleto de ausências, seja de controle, seja de perspectiva, seja de participação política. Essas ausências, que nunca convergiram num único sentido, encontraram escoamento nas redes sociais virtuais: ou por meio de movimentos espontâneos de reinvidicação por mais democracia, alargamento do reconhecimento de minorias através de transformações sociais e culturais; ou com movimentos direcionados por mensagens personalizadas que incentivaram e proporcionaram capilaridade às demandas antiglobalização, neoliberais, nacionalistas e antiminorias. Diversos graus entrelaçamento entre esses dois movimentos ocorreram, contudo, seu palco principal foi o mesmo, as redes sociais virtuais e a Web 2.0.

Com esse alto nível de engajamento, desenvolveu-se, graças ao neoliberalismo, certo individualismo de massa que por sua vez relaciona-se com o narcisismo de massa das redes sociais. Entretanto, essas manifestações são movimentos coletivos, repetitivos e renováveis, por isto mesmo, não escapam ao instinto de sociabilidade que os regem. Portanto, a busca por reconhecimento, autossatisfação e reelaboração constante do “eu” para se adequar de maneira mais satisfatória em determinado coletivo virtual é um dos fatores que mais movimentam as práticas diária das pessoas comuns e entre os universitários não é diferente. Esse intenso engajamento possui processos construídos historicamente, economicamente e culturalmente que convergem para um de seus produtos: o Meme como forma de diálogo primordial dos dias atuais

Devido à ausência de controle, segurança ontológica, ou capacidade segura de expressão, a forma que o Meme oferece, seja por sua brevidade, comicidade, sedução, em conjunto com a complexidade devido ao cruzamento de referências ou capacidade de se esquivar, é a forma mais eficaz e segura de comunicar, por isto o engajamento pelo Meme tende a aumentar, pelo menos em seu formato para outras mídias e usos, como já ocorre no cenário político-ideológico, econômico, na distribuição de significados culturais ou mesmo a partir da apreciação de padrões sociais no dia a dia, Meme empático sendo o principal expoente dessa forma de expressão. A renovação e ressignificação por meio da repetição é o ponto que marca essa dinâmica cíclica do Meme, que pela ausência de controle recria esse controle pela imaginação de pessoas comuns, assim como por

páginas, perfis falsos e verdadeiros, ou por uma rede de interesses macroeconômicos, políticos e sociais.

A seguir elaboramos a tabela que exemplifica as teses Mémicas extraídas da pesquisa empírica e análise teórica na presente pesquisa:

Primeira tese	Segunda tese	Terceira tese	Quarta tese
Fator classe não confirmada	Confirmada parcialmente	Confirmada integralmente	Confirmada integralmente
Jogo do ocultamento e revelação na maioria dos casos se repete	Redes que aumentam de tamanho, mas são autocentradas no conteúdo	O ato de rir, relacionado a memórias afetivas involuntárias, solicita o corpo a rir independente das gramáticas morais estabelecidas.	Engajamento produzido por algoritmos, desigualdades sociais, crise da democracia representativa, neoliberalismo.
Reprodução da identificação subjetiva como modo de sobrevivência de uma classe pauperizada na tentativa de se aproximar cognitivamente de uma classe abastada	Estudantes com menos de 30 anos procuram relações On-line com menos temor, pois estão mais adaptados culturalmente com o ciberespaço.	Cruzamento de referências, renovação, ressignificação constantes, adequação a múltiplos contextos, e brevidade, o Meme se qualifica como principal forma de comunicar dos dias atuais	Individualismo de massa associado a concorrência endêmica e institucional; Narcisismo coletivo e busca compulsiva por reconhecimento: Meme como primordial na comunicação pós-moderna

Considerações Finais

O Meme é um tipo de expressão que vem aparecendo com frequência em programas televisivos, da TV aberta e fechada, programas de rádio, jornais impressos e On-line, novelas, séries, filmes, músicas, obras de arte, conversas informais, pessoais e profissionais. Está em discussões políticas, econômicas e recentemente se elabora uma memória sobre esse fenômeno, como no caso do site: Museu de Memes, organizado por graduandos, pós-graduandos e docentes da UFF (Universidade Federal Fluminense), além de congregar outras instituições, que por sua vez recria a origem e as derivações de cada Meme e com isto reconta parte da história do humor no Brasil nesse formato.

Essa predominância do Meme na vida contemporânea só é possível com o alto nível de engajamento e movimentação on-line a partir da emergência da Web 2.0, que por sua vez remonta a uma sociogênese constituída de processos históricos complexos como: neoliberalismo; globalização; crise do Estado moderno e da democracia representativa; algoritmos pensados e construídos para gerar dependência, e que fortalecem teorias conspiracionistas, alarmantes, extremistas e canalizadora de emoções coletivas. Esses processos por sua vez possuem em seu íntimo elementos variados, entretanto desembocam no mesmo efeito referente ao Meme: aumento da individualização, reflexividade e incongruências na representação de papéis sociais, além da bricolagem de sentidos e fluxos culturais permitindo estoques de referências e representações múltiplas que se interpenetram.

O cruzamento de referências e significados numa mesma matriz de Memes, demonstra alto nível de imaginação e criatividade devido aos múltiplos atores que constroem cada Meme, e solidifica a tendência contemporânea de elaborar significados a partir da ressignificação e remodelagem de discursos em detrimento mesmo de narrativas totalizantes. Pois, quando se reelabora, o Meme também possibilita uma outra forma de vê-lo e conseqüentemente de interpretá-lo. Essa manobra repetida à exaustão constrói caminhos dúbios e polissêmico para a ressignificação de significados. Une-se a isto a característica fundamental do humor no Meme, pela qual nada é intocável, ao mesmo tempo que permite a sedução e conexão nos mais variados campos por meio do riso.

Processos desencadeados por algoritmos, cruzamento de referências e ressignificação possibilitam contradições e desencadeiam uma série de tipos de Memes: Meme-empático, Meme-fake News/Conspiracionistas, Meme-tiragem, Meme-figurinha,

Meme-ideológico, Meme-ataque/defesa. Essas variações, que por vezes se complementam, constroem a cartografia de manifestações dessa expressão, mantendo o movimento competitivo que cada curtida, número de seguidores ou amigos, comentários e compartilhamentos podem contabilizar e com isto disputar espaços no jogo do Meme. Essa meritocracia da popularidade também é um dos efeitos, ao mesmo tempo que impulsionadores, do narcisismo de massa e seu processo de individualização.

Durante a investigação, ficou claro de como os universitários entrevistados possuem a capacidade de rir e compartilhar esse riso, mesmo que desfavorável a sua gramática moral e a identidade construída que é performatizada para seu círculo mais próximo. Esse Meme que atravessa crenças morais e compromissos sociais possui dois motivos principais identificados pela pesquisa: O primeiro é a natureza da constituição do Meme, que é a montagem e ressignificação de referências populares que possibilitam o desenvolvimento da empatia e identificação, que por sua vez só acontecem, e isto se refere já o segundo ponto, porque certo tipo de humor tradicional já está cristalizado na cultura e no corpo das pessoas, esse humor relacionado a ataque a minorias políticas e sociais, mas que também se expressa com uma nova modalidade de humor, através da dessacralização do que antes era sagrado, tanto em sentido religioso como de normas sociais, políticas sobre o corpo e afins, controlando a reação emocional e corporal, antes da capacidade de monitoramento reflexivo da ação se impor para a manutenção performática, produzindo o riso envergonhado, mas incontrolável, que por sua vez também é fonte de construção da empatia e processos de identificação.

A pesquisa procurou demonstrar, por meio da leitura teórica e empírica dos processos que condicionam o surgimento do engajamento compulsivo On-line, como a subjetividade, reflexividade e imaginação dos estudantes universitários recriam padrões macrosociológicos, mesmo desenvolvendo e consumindo Memes dirigidos aos seus anseios e realidades, rindo de forma endógena dos seus problemas como discentes. Nisso, os estudantes universitários repetem padrões encontrados no restante da sociedade, como o engajamento compulsivo e o Meme como forma de canalizar energias coletivas represadas para tentar retomar o controle da narrativa sobre suas próprias vidas, assim como reelaborar a maneira como enxergar no mundo, de modo renovável em suas referências e imitativo em seus significados articulando estoques culturais e performáticos. Portanto, o Meme é a virtualização comunicativa de um novo formato de humor, sensível a processos históricos, políticos e sociais profundos que alteram nossa

reflexividade, intimidade, privacidade, formas de reconhecimento e conexão com a alteridade. Representa uma maneira de canalizar sentimentos coletivos com o auxílio da imaginação e algoritmos tendenciosos, que incentivam tensões e disputas por símbolos, narrativas, e regimes de verdade.

O Meme não é responsável por construir pontes ou muros simbólicos, apenas é o instrumento de expressão mais utilizado contemporaneamente, por ser um modo de comunicação altamente adaptativo a múltiplas necessidades. Do que as pessoas riem? Por sua vez, é a pergunta que contém em sua resposta o enigma responsável pela construção de identidades e subjetividades. As pessoas riem daquilo que conhecem e do que imaginam conhecer, portanto aquela incongruência exagerada que provoca o cômico está à mercê da substância cultural com que se está em contato em algum grau; entretanto, o desconhecido é alvo primordial do riso; afinal o que se teme é o estranho que todos gostam de classificar de modo hilariante, desmistificando o outro pelo riso de modo positivo ou negativo, e afastando ou incentivando sua aparente ameaça inicial. A construção de pontes ou muros surgem nesse processo, reconhecendo positivamente ou negativamente a alteridade.

Como o Meme e sua característica sociologicamente adaptativa próprias são os principais caminhos para se expressar o medo, raiva ou a empatia hoje, essa forma de comunicação é também a nova maneira em que se constroem as relações sociais e as estruturas que as limitam e influenciam, ao mesmo tempo que são limitadas e influenciadas por essas mesmas estruturas, seja na dimensão econômica, política, cultural ou subjetiva. O Meme, dessa maneira, não vai salvar nem condenar nada, não vai cristalizar nem por em dúvidas pontos de vista já consolidados, contudo está indubitavelmente relacionado com todos esses movimentos por conta da construção de narrativas e significados ao qual está relacionado. Portanto a presente pesquisa procurou desenvolver uma análise nos aspectos que convergem para o envolvimento do Meme na configuração social recente e na forma como estão interconectadas desnudando suas interdependências.

Referências Bibliográficas:

BERGER, Peter L. O riso redentor: a dimensão cômica da experiência humana. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

- BERGSON, Henry. O riso: Ensaio sobre a significação do cômico. 2ª Ed. Rio de Janeiro: ZAHAR EDITORES, 1983.
- BOURDIEU, Pierre. Razões Práticas: sobre a teoria da ação. Campinas: Papyrus, 1996.
- BOURDIEU, Pierre. A economia das trocas simbólicas. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- BOURDIEU, Pierre & EAGLETON, Terry. A doxa e a vida cotidiana: uma entrevista. In Zizek, Slavoj. O mapa da ideologia. Rio de Janeiro. Contraponto, 1999.
- CASTELLS, Manuel. A Galáxia da Internet. Editora: Oxford University Press. OCLC: 59501035, 2001.
- CASTELLS, Manuel. Ruptura: A crise da democracia liberal. 1 Ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.
- CASTELLS, Manuel. O poder da identidade. São Paulo: Paz e Terra, 2006.
- CASTELLS, Manuel. Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- DAMÁSIO, António R. O erro de Descartes: emoção, razão e o cérebro humano. Companhia das Letras, 1996.
- ELIAS, Norbert. Introdução à sociologia. Edições 70, 1980.
- ELIAS, Norbert. Envolvimento e alienação. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.
- ELIAS, Norbert. O processo civilizador: formação do estado e civilização, Volume II. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 1990)
- EMPOLI, Giuliano Da. Os engenheiros do caos, 1ª Edição. São Paulo: Vestígio, 2019.
- FOUCAULT, Michel. As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas. 8ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- FOUCAULT, Michel. Nascimento da Biopolítica. São Paulo: Martins fontes, 2008.
- FRIEDMAN, Milton. Capitalismo e Liberdade. LTC, 2014.
- GOFFMAN, Erving. A representação do Eu na vida Cotidiana. 8º Ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1999.
- GOFFMAN, Erving. Comportamento em lugares públicos: notas sobre a organização social em ajuntamentos. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.
- GOFFMAN, Erving. Ritual de interação: ensaio sobre o comportamento face a face. 2ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.
- GIDDENS, Anthony. A Constituição da Sociedade. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- GIDDENS, Anthony. A terceira via: Reflexões sobre o impasse político atual e o futuro da Social Democracia. Rio de Janeiro, Record, 1999.

- GIDDENS, Anthony. As consequências da modernidade. São Paulo: Editora Unesp, 1991.
- GIDDENS, Anthony. Risco, confiança e reflexividade. In: BECK, U., GIDDENS, A., LASH, S. Modernização reflexiva. São Paulo: Editora Unesp, 1997.
- GIDDENS, Anthony. Modernidade e identidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
- GLAZER, N., MOYNIHAN, D. P. Ethnicity, theory and experience. Cambridge: Harvard University Press, 1975.
- HANNERZ, Ulf. Fluxos, fronteiras, híbridos: palavras-chave da antropologia transnacional. Mana Vol. 3 n. 1 Rio de Janeiro: Apr. 1997.
- HAYEK, F.A. O caminho da servidão. São Paulo: Instituto Ludwig von Mises Brasil, 2010.
- HONNETH, Axel. Crítica Del Poder: Fases en la reflexion de una teoria crítica de la sociedade. Machado Libros, 2009.
- HONNETH, Axel. Luta por Reconhecimento: A Gramática Moral dos Conflitos Sociais. São Paulo: Ed. 34, 2003.
- LYOTARD, Jean-François. A condição pós-moderna. tradução: Ricardo 12a ed. Corrêa Barbosa; posfácio: Silviano Santiago - 12a ed. - Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.
- KOZINETS, Robert V. Netnografia: realizando pesquisa etnográfica online. Porto Alegre:Penso, 2014. ISBN 978-85-65848-97-8.
- JENKINS, Henry; FORD, Sam; GREEN, Joshua. Cultura da conexão: criando valor e significado por meio da mídia propagável. São Paulo: Aleph, 2014.
- MARTEL, Frédéric. Smart: o que você não sabe sobre a internet. 1ª ed Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.
- MININNI, Giuseppe. Psicologia Cultural da mídia. Edições Sesc São Paulo/A Girafa Editora. 2008.
- MINOIS, Georges. História do riso e do escárnio. 1ª Ed: Brochuras. 2001.
- SOUZA, Jessé de. A Ralé Brasileira: Quem É e Como Vive. Belo Horizonte: UFMG. 2009.
- SOUZA, Jessé de. Subcidadania brasileira: para entender o país além do jeitinho brasileiro. Rio de Janeiro: LeYa, 2018.
- WEBER, Max. Conceitos básicos de Sociologia. Tradução de Rubens Eduardo Ferreira Frias e Gerard George Delaunay. São Paulo: Centauro, 2002.

KAUFMAN, Jean-Claude. A entrevista compreensiva: um guia para a pesquisa de campo. Tradução de Thiago de Abreu e Lima Florencio, revisão técnica de Bruno Cesar Cavalcanti. Petrópolis, RJ: Vozes; Maceió, AL: Edufal, 2013.

Referências Eletrônicas:

BAGGIO, Katia Gerab. O poder da Atlas Network: Conexões ultraliberais nas Américas. Site Voyager, 02 de setembro de 2017. Disponível em: <<https://avoyager.net/politica/atlas-network-conexoes-ultraliberais-nas-americas/>> Acesso em 03 de maio, 2018.

BARIFOUSE, Rafael. O que se sabe sobre o atentado à sede do Porta dos Fundos. Site do Jornal da BBC News Brasil em São Paulo, 26 de dezembro de 2019. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-50919841>> Acesso em 03 de janeiro, 2020.

BRETAS, Valéria. Brasil fica em segundo lugar em ranking global de ofensas na internet. Jornal Exame, 04 de julho de 2018. Disponível em: <<https://exame.abril.com.br/brasil/brasil-fica-em-segundo-lugar-em-ranking-global-de-ofensas-na-internet/>> Acesso em 10 de julho, 2018.

CAMBAÚVA, Lenita & JUNIOR, Mauricio. Depressão e neoliberalismo: constituição da saúde mental na atualidade. Revista Psicologia: ciência e profissão, vol.25 no.4 Brasília, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932005000400003> Acesso em 05 de dezembro, 2019.

CARTA CAPITAL. CPI das Fake News liga gabinete de Eduardo Bolsonaro a ataques virtuais. Site do jornal Carta Capital, 04 de março de 2020. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/politica/cpi-das-fake-news-liga-gabinete-de-eduardo-bolsonaro-a-ataques-virtuais/>> Acesso em 04 de março, 2020.

COMITÊ GESTOR DA INTERNET NO BRASIL. TIC Domicílios: pesquisa sobre o uso das tecnologias da informação e comunicação dos domicílios Brasileiros. São Paulo: 2019. Disponível em: <<https://www.cgi.br/sobre/>> Acesso em 20 de dezembro, 2019.

DEUTSCHE WELLE. O que faz do Brasil um dos países mais desiguais? Jornal Carta Capital, 20 de fevereiro de 2019. Disponível em:

<<https://www.cartacapital.com.br/sociedade/o-que-faz-do-brasil-um-dos-paises-mais-desiguais/>> Acesso em 25 de fevereiro, 2019.

EURONEWS. Facebook condenado a multa recorde por partilha de dados. 13 de julho, 2019, Disponível em: <<https://pt.euronews.com/2019/07/13/facebook-condenado-a-multa-recorde-por-partilha-de-dados>> Acesso em 10 de dezembro, 2019.

FÁBIO, André Cabette. O que é ‘pós-verdade’, a palavra do ano segundo a Universidade de Oxford. Jornal eletrônico Nexo, 16 de nov. de 2016 (atualizado 28/02/2018 às 13h25). Disponível em: <<https://www.nexojornal.com.br/expresso/2016/11/16/O-que-%C3%A9-%E2%80%98pós-verdade%E2%80%99-a-palavra-do-ano-segundo-a-Universidade-de-Oxford>> Acesso em 29 de fevereiro, 2018.

IPSOS. Disponível em: < <https://www.ipsos.com/pt-br>> Acesso em 02 de janeiro de 2020.

MILITÃO, Eduardo e REBELO, Aiuri. Rede de fake News com robôs pró-Bolsonaro mantém 80% das contas ativas. Site de notícias UOL, Brasília e São Paulo: 19 de setembro de 2019 (atualizado em 19/09/2019 14h27). Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2019/09/19/fake-news-pro-bolsonaro-whatsapp-eleicoes-robos-disparo-em-massa.htm?cmpid=copiaecola>> Acesso em 25 de setembro, 2019.

MUSEU DE MEMES. Disponível em: <<https://www.museudememes.com.br/>> Acesso em 19 de novembro, 2019.

REIS, Julia e FANTINI, Marcos. Como o MBL monopolizou as fábricas meméticas de direita no Brasil. Site Vice, 21 Dezembro 2018. Disponível em: <https://www.vice.com/pt_br/article/xwj374/como-o-mbl-monopolizou-as-fabricas-memeticas-de-direita-no-brasil?fbclid=IwAR0sWF7Khkf7-ptIy3fjBbY09Dqm5> Acesso em 23 de janeiro, 2019.

ROCHA, Rosely. Operação Lava Jato destruiu milhões de empregos e colocou setores em recessão. Site FUP (Federação única dos petroleiros), 28 de agosto de 2019. Disponível em: <<https://www.fup.org.br/ultimas-noticias/item/24339-operacao-lava-jato-destruiu-milhoes-de-empregos-e-colocou-setores-em-recessao>> Acesso em 01 de setembro, 2019.